

REVISTA EDIÇÃO Nº 100 | OUTUBRO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE OS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM

Maurício de Sousa

EM COMEMORAÇÃO À EDIÇÃO DE Nº 100
DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Entrevista com Mauricio de Sousa, por Ademir Pascale, pág. 06**
- O escritor Ademir Pascale e a revista Conexão Literatura, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 11**
- Lançamento do livro Vi&Verei, do autor Bert Jr., pág. 14**
- Turma da Dra. Mônica, por Bert Jr., pág. 15**
- Poema: Axiomas, por Bert Jr., pág. 18**
- O multifacetado H. G. Wells, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 19**
- Resenha: Mauricio: A história que não está no gibi, do autor Mauricio de Sousa, por Rafael Botter, pág. 22**
- Poema: Métricas sob medida (pelos 60 anos da Mônica), por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 25**
- Poema: Bem-te-vi, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 26**
- Conheça e participe do concurso cultural "1º Prêmio Literário Revista Conexão Literatura - 2023", pág. 27**
- João e Maria: Virtudes em Marouflage, por Reginaldo Leite, pág. 28**
- Conheça e participe do concurso cultural "Universo", pág. 38**
- Poema: Linguagem do amor, por Sellma Luanny, pág. 40**
- Confira os vencedores do 3º Prêmio Microconto de ouro (2023), pág. 43**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 44**
- Poema: Dois gatinhos, por Meire Marion, pág. 53**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 55**
- Poemas de Renan Apolônio, pág. 62**
- Entrevista com Carlos Fernando Verne, pág. 67**
- Entrevista com Heverson Souza e Costa, pág. 72**
- Entrevista com Jão Fadário, pág. 77**
- Citações de grandes autores, pág. 82**
- Conto: "A origem do universo", por Ademir Pascale, pág. 87**
- Conto: "De volta à vida", por Ademir Pascale, pág. 92**
- Conto: "A cauda da raposa", por Ney Alencar, pág. 98**
- Conto: "O morro dos vendavais", por Ney Alencar, pág. 104**
- Conto: "Ela, Ella", por Ana Paula Seixlack, pág. 109**
- Conto: "O último sinal", por Daniela Onnis, pág. 115**
- Conto: "Sala de leitura", por Idicampos, pág. 119**
- Conto: "O silêncio de Vânia, por Iraci J. Marin, pág. 123**
- Conto: "O velho", por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 126**
- Conto: "Pira-pira", por Roberto Schima, pág. 131**
- Conto: "Aparecida", por Míriam Santiago, pág. 137**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 144**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

QUINO

"Me inspira o que me inspirou sempre: a natureza humana, o mundo que nos rodeia, as reações do povo à política, espetáculos, a arte, tudo."

MONTEIRO LOBATO

"A leitura deve ser vista não como um amontoar de informações, mas como uma atitude que exercita o pensamento e propicia autonomia do conhecimento."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Foto da capa (Maurício de Sousa), crédito: Claudio Belli

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Chegamos à nossa edição de nº 100. E são muitos motivos para comemorarmos. Foram 100 edições consecutivas, publicadas mês a mês, sem interrupções.

Quando criei a revista em 2015, o meu principal objetivo era o de dar voz aos autores e levar informação aos leitores, publicando dicas para leitura, crônicas, contos, poemas, entrevistas com escritores, editores etc. E hoje, com pouco mais de 8 anos de atividades, angariamos quase 1 milhão de seguidores, somados em nossas redes sociais Facebook (@conexaoliteratura e @conexaogramatica) e Instagram (@revistaconexaoliteratura). O desejo e objetivo de levar cultura e informação ao alcance de todos foi atingido e só posso agradecer aos autores, colaboradores e leitores que estão sempre conosco. E que venham muitas outras edições :)

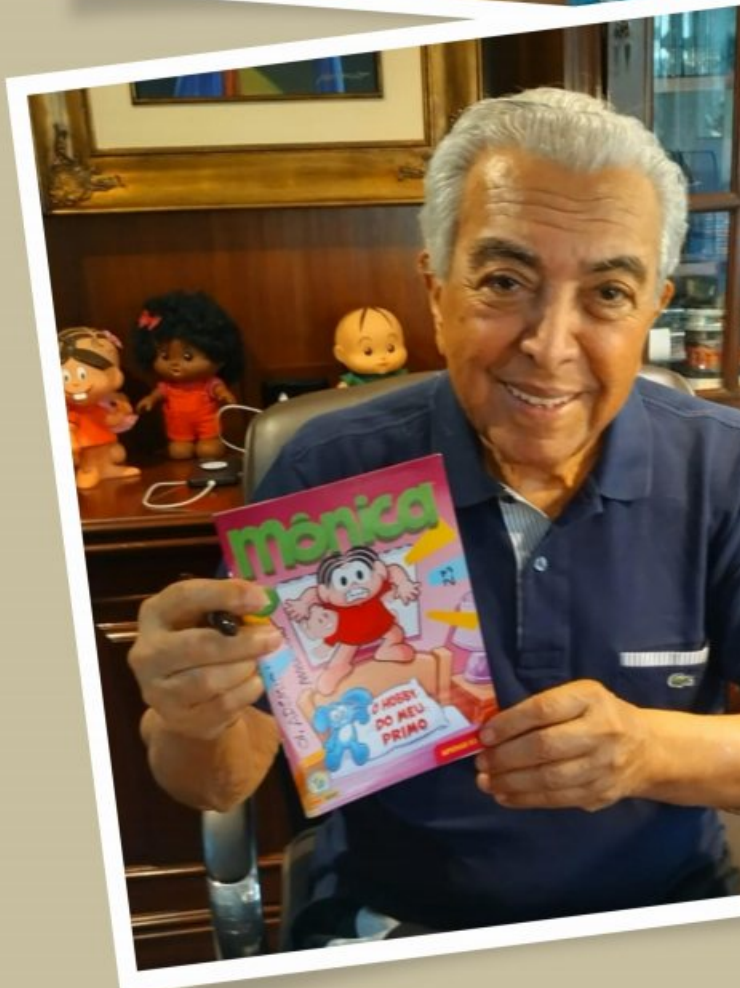
E para comemorarmos com chave de ouro a nossa edição de nº 100, entrevistei o grande Mauricio de Sousa, criador do universo mágico da Turma da Mônica. O trabalho do Mauricio teve grande influência em minha carreira, além de que aprendi a ler com poucos anos de idade com as suas revistinhas, assim como os meus filhos Hector e Davi, fãs e leitores incondicionais da turminha. Mauricio de Sousa tornou-se um ícone para nós.

Ao lado, Mauricio de Sousa autografa uma revistinha da Mônica. Ampliando a imagem, pode-se ler: "Oi, Ademir"

Obrigado pelo presente e carinho, Mauricio!

Ademir Pascale

EDITOR



Revista Conexão Literatura

Livros são
sonhos
que
seguramos
com as
mãos!





“

Minha medalha no peito é saber que nestes mais de 60 anos de publicações somos responsáveis pela alfabetização e estímulo à leitura de milhões de brasileirinhos e brasileirinhas.

Mauricio de Sousa

”



Mauricio de Sousa – Retrato por Claudio Belli

**ENTREVISTA COM MAURICIO DE SOUSA, POR ADEMIR PASCALE,
EDITOR-CHEFE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**

Conexão Literatura: Primeiramente, agradeço pela entrevista e mais ainda pelo incentivo que tive desde criança com o seu magnífico trabalho com a Turma da Mônica. Foi com o seu trabalho, com 5 ou 6 anos, que passei a gostar de ler, fazendo minha vida tomar um rumo voltado para a literatura, sendo que na vida adulta tornei-me ativista cultural, escritor e criador da revista Conexão Literatura. Pesquisando sobre a sua carreira, o início não foi tão fácil e seu trabalho chegou a ser recusado por um editor de arte de um grande jornal. O que você fez com essa recusa? Pensou em desistir logo ali ou isso o motivou a continuar em frente e cada vez melhor?

Mauricio de Sousa: Minha sorte foi que um jornalista de nome Cartaxo, me viu saindo da sala do editor de arte, que me tratou duramente, e se preocupou comigo. Disse para que eu entrasse no jornal em outra função e fosse fazendo amigos até que conseguisse publicar meus desenhos. Foi o que fiz e deu certo! Isso me ensinou também que se gostamos do que fazemos, tudo é possível.

Conexão Literatura: O que o motivou na criação dos seus primeiros personagens?

Maurício de Sousa: Minhas vivências da infância, meus amiguinhos, parentes e aventuras no interior de São Paulo. Meus primeiros personagens Bidu e Franjinha eram baseados em meu cãozinho Cuíca da infância e um tio que eu tinha. Depois vieram Cebolinha e Cascão, meus amiguinhos de futebol que existiram mesmo. As meninas já foram criadas com inspiração direta de minhas filhas. Mariângela (Maria Cebolinha), Mônica e Magali que mantive os mesmos nomes. Bem, eu tive 10 filhos e todos viraram personagens. Acho que por serem criados a partir de pessoas reais é uma das razões que fazem as pessoas se reconhecerem neles.

Conexão Literatura: O seu trabalho com as HQs da Turma da Mônica, além de levar informação e entretenimento, carrega imensurável incentivo à leitura. Crianças passam a gostar da leitura através das historinhas da turminha. Poderia contar para os nossos leitores como está sendo o seu trabalho para levar os quadrinhos às escolas?

Maurício de Sousa: Minha medalha no peito é saber que nestes mais de 60 anos de publicações somos responsáveis pela alfabetização e estímulo à leitura de milhões de brasileirinhos e brasileirinhas. Os professores naturalmente utilizam nossas historinhas em suas aulas para aproveitar a facilidade de leitura e a alegria dos desenhos que as crianças adoram. Ao final de 2022 a Unesco me homenageou em reconhecimento à este trabalho com crianças. O MEC acaba de publicar o parâmetro para saber se uma pessoa é alfabetizada quando ela lê um quadrinho e entende a piada. Utilizaram uma tirinha da Turma da Mônica como exemplo. É uma grande responsabilidade, mas gostamos de desafios.

Conexão Literatura: Você está sempre inovando com novos personagens na Turma da Mônica. Já existe algum novo personagem na fila para entrar para a turminha?

Maurício de Sousa: Sempre há uma possibilidade conforme nossas ideias vão acontecendo. A Milena, menina negra, que está fazendo o maior sucesso é uma das últimas criações. A última foi a Sueli, menina surda, que já foi madrinha até da Surdolimpíada Mundial que aconteceu no Brasil em 2022.

Conexão Literatura: O seu trabalho hoje é reconhecido e está em quantos países?

Maurício de Sousa: Já publicamos ou estivemos com produtos em cerca de 100 países, mas esse número é maior com a facilidade de nosso desenho "Mônica Toy" que está no Youtube e chega à todos países que têm internet. Alguns nós nunca havíamos publicado algo como a Rússia, por exemplo. São mais de 15 bilhões de views pelo planeta nestes poucos anos de produção.

Conexão Literatura: Hoje, raramente notamos uma banca de jornal nas ruas. Em meu trajeto de casa para o trabalho na Zona Sul de São Paulo, com cerca de 20 quilômetros de distância, não existe nenhuma banca de jornal ou mesmo livraria. Essa redução de livrarias e bancas de jornais impactou nas vendas das revistinhas da Turma da Mônica?



LETRA

ESTUDIO DE ARTE

RETÍCULO

ESTUDIO DE ARTE

FRUITANDA

Retrato por Claudio Belli

Maurício de Sousa: Claro que a mágica que tínhamos em correr para uma banca quando a nossa revista do coração chegava foi dando espaço para as assinaturas e também para a área virtual. Mas ainda vendemos mais de 12 milhões de revistinhas impressas por ano e mais de dois milhões e meio de livros no mesmo período. O que prova que criança gosta sim de revistas e livros impressos.

Conexão Literatura: Uma pergunta que não posso deixar de fazer: em sua coleção pessoal, você tem todas as HQs que já foram publicadas até hoje da Turma da Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, Chico Bento e até as antigas revistinhas do Pelezinho?

Maurício de Sousa: Uma das coisas que sempre preservei foram meus originais e publicações. Estão todos guardados e devidamente arquivados. Hoje em dia, como a maior parte da produção de arte é feita já dentro dos computadores, fica mais fácil de preservar e guardar.

Perguntas rápidas:

Um autor de quadrinhos: Will Eisner

Um livro: Os 12 trabalhos de Hércules - Monteiro Lobato

Um(a) autor(a) literário(a): Ziraldo e Lígia Fagundes Teles

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Laços (porque me emocionei além de qualquer outro).

Um dia especial: Quando publiquei minha primeira revista da Mônica e sua Turma na Editora Abril em 1970. Nunca mais vou esquecer este momento de alegria.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Maurício de Sousa: Só lembrar que a leitura é a viagem mais gostosa que podemos fazer pra dentro de nós mesmos. Leiam, leiam e leiam sempre! E para quem quiser saber como foi minha infância e início de carreira, aguarde o filme de minha vida que deve estreiar no início de 2024.

Siga Maurício de Sousa no Instagram: <https://www.instagram.com/mauricioaraujosousa>



Edição de nº 100

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Ademir Pascale



O escritor Ademir Pascale

e a revista
Conexão Literatura

Por Cida Simka e Sérgio Simka

Este mês de outubro a revista Conexão Literatura lança a edição de nº. 100. Traz em suas páginas uma entrevista exclusiva com MAURICIO DE SOUSA, o criador da Turma da Mônica e de outros 400 personagens, o qual influenciou e tem influenciado gerações e, de modo particular, influenciou fortemente a carreira do escritor e do ativista cultural ADEMIR PASCALE, idealizador e editor da revista Conexão Literatura.

Pascale é paulista, colunista da revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com>), fã de Mauricio de Sousa, chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc) e associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Além de adorar pizzas, séries de TV e HQs, é tão fã do escritor Edgar Allan Poe que escreveu o romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" e organizou a antologia "O Legado de Edgar Allan Poe".

Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de PEDRO BANDEIRA no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de JOSÉ COSTA LEITE.

ADEMIR PASCALE

“Escrevo contos e romances desde 2005, mas em 2015 dei uma freada para focar 100% na revista Conexão Literatura, agora estou publicando meus contos regularmente no site da revista e mensalmente nas edições da revista Conexão Literatura.”

Jornal em São Camilo da Maré

TRÊS JOVENS INTERLIGADOS VIVENCIAM AS FERIDAS QUE A NOSSA SOCIEDADE PERPETUA: VIOLÊNCIA, INJUSTIÇA E BULLYING, NUMA COMUNIDADE CARENTE DO LITORAL DE SÃO PAULO

MAFRA EDITIONS

Sinopse: Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

Editora: Mafra Editions – Autor: Ademir Pascale – Prefácio: Sérgio Simka
Nº de páginas: 71 – Ano: 2022. Para baixar o e-book gratuitamente: [CLIQUE AQUI](#).

Além disso, é organizador dos livros “Possessão Alienígena” (Editora Devir) e “Time Out – Os viajantes do Tempo” (Editora Estronho) e autor do romance “Jornal em São Camilo da Maré”.


Escreveu ainda a introdução do livro “Bloody Mary – Lendas Inglesas (Editora Dark Books).

Pascale tem um projeto na revista Conexão Literatura de que particularmente gostamos: o projeto de incentivo à leitura, no qual disponibiliza contos, poemas, novelas e romances gratuitamente para os leitores baixarem por meio de download. É só acompanhar pelo site da Conexão!

Falando nele, o site da revista Conexão Literatura está entre os maiores de literatura do país.

A ideia de fazer uma revista começou lá em julho de 2015, quando lançou de maneira experimental a edição de nº. 1, tendo como destaque o escritor OSCAR WILDE.

Segundo Pascale, a revista foi criada para fomentar e divulgar livros e autores e incentivar à leitura.



Ao longo de 100 edições, passaram pelo site e pela revista (em PDF) autores do porte de Mauricio de Sousa, Pedro Bandeira, Paula Pimenta, Conceição Evaristo, Clóvis de Barros Filho, Ricardo Monteiro Lobato (bisneto de Monteiro Lobato), Mario Sergio Cortella, Martinho da Vila, José Xavier Cortez, João Scortecci e Eduardo Spohr.

A revista Conexão Literatura foi até objeto de um estudo elaborado por pesquisadores da Universidade de Passo Fundo (UPF), do Rio Grande do Sul, publicado em periódico da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), referente a uma capa de 2017, cujo título é: "Linguagem verbal e não verbal manifestando sentidos: análise da capa da revista Conexão Literatura 2017" (<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/3339>).

O site da revista Conexão Literatura conta com mais de quatro milhões de acessos. Leia de novo. Mais de quatro milhões de acessos. E a tendência é crescer cada vez mais.

Para terminar este singelo artigo, Ademir Pascale nos conta quais são os seus próximos projetos: "Além dos novos títulos semanais das nossas antologias, estou focando em minha carreira como escritor. Escrevo contos e romances desde 2005, mas em 2015 dei uma freada para focar 100% na revista Conexão Literatura, agora estou publicando meus contos regularmente no site da revista e mensalmente nas edições da revista Conexão Literatura. No momento procuro por editoras para publicação das minhas obras."

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros O enigma da velha casa (Editora Uirapuru, 2016), Prática de escrita: atividades para pensar e escrever (Wak Editora, 2019), O enigma da biblioteca (Editora Verlidelas, 2020), Horror na biblioteca (Editora Verlidelas, 2021), O quarto número 2 (Editora Uirapuru, 2021), Exercícios de bondade (Editora Ciência Moderna, 2023) e Horrores da escuridão (Opera editorial, 2023). Colunista da revista Conexão Literatura.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série Mistério, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista Conexão Literatura. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita (Editora Mercado de Letras, 2020) e os mais novos livros de sua autoria se denominam Exercícios de bondade (Editora Ciência Moderna, 2023) e Horrores da escuridão (Opera editorial, 2023).



SINOPSE:

Este é um livro curioso. Por suas dimensões e reduzida quantidade de caracteres, pode-se considerá-lo como uma leitura leve. Por outro lado, o seu conteúdo nos convida o tempo todo à reflexão.

Poemas curtos, frases e axiomas tendem a sugerir um quê de leveza; entretanto, aqui e ali, algo vem nos atingir em cheio: no peito, na mente!

Mensagens transmitidas com magia poética comprovam que “tem sempre algo que impede o nada de ser tudo”. Mensagens que nos contam sobre formas de olhar e sentir a vida.

Ao compartilhar insights, não será de estranhar que este livro teime em permanecer ao alcance da mão, em mesinhas de cabeceira, bolsas e escrivaninhas. Intermediário de um diálogo interior, na direção de uma curta existência.

Para adquirir ou saber mais
CLIQUE AQUI

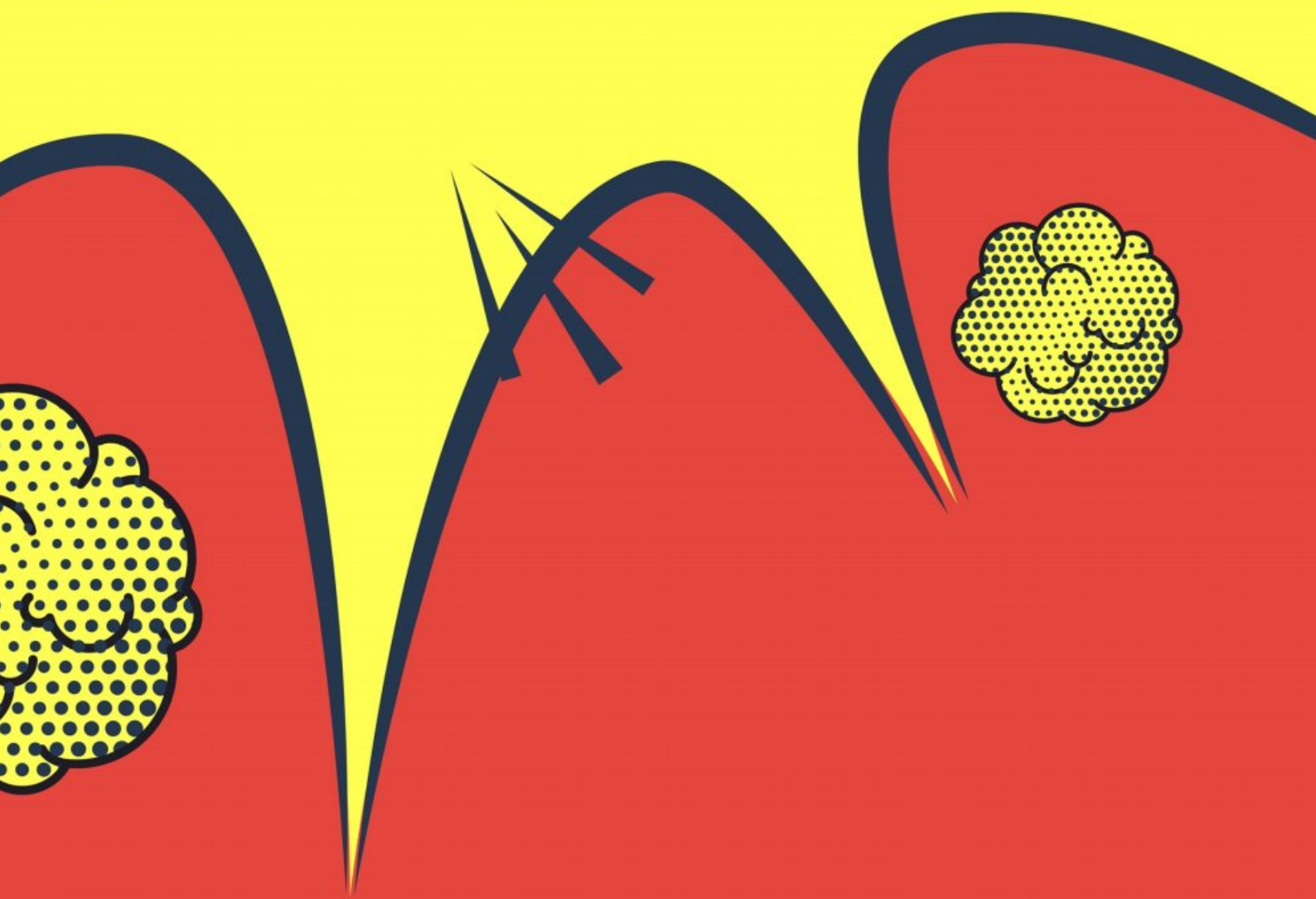
BERT JR.

Gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História e Diplomacia. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do incisivo ao Canino*, e outro de poemas, intitulado *Nevoandreiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*. *Vi&Verei* é o seu terceiro livro de poesias.



POR BERT JR.

TURMA DA DRA. MÔNICA



“Bem, o que importa ao crescer é poder constatar, livres de constrangimentos e inibições, que mantemos carinho pelas boas recordações da juventude. No meu caso, e certamente no de outras pessoas, os momentos de desfrute lendo gibis formam parte importante dessas recordações.[...]”

Sou daqueles que, na infância, se deliciavam com a leitura dos quadrinhos da turma da Mônica. Tá bem, não só na infância, mas na adolescência (com certa reserva, obviamente), até mesmo na idade adulta. Confesso que uma das muitas burradas que fiz foi me desfazer de uma série de gibis guardados durante anos, entre eles vários exemplares da revistinha da Mônica. Num dia infeliz, que felizmente apaguei da memória, tomei a decisão de livrar-me daquele tesouro de diversão e bom humor, como se fosse uma medida emancipatória. Enfim, complexos da adultescência...

Bem, o que importa ao crescer é poder constatar, livres de constrangimentos e inibições, que mantemos carinho pelas boas recordações da juventude. No meu caso, e certamente no de outras pessoas, os momentos de desfrute lendo gibis formam parte importante dessas recordações. Quando penso nas historinhas da turma da Mônica, percebo que o afeto inspirado por suas personagens, marcantes e muito bem caracterizadas, permanece entranhado em mim. De repente, me vejo imaginando como seriam suas vidas se tivessem crescido e se tornado adultos como nós. Sei que o Mauricio de Sousa já fez isso, mas me permito apresentar, a seguir, a minha própria versão dessa história.

O Cebolinha, por exemplo, sempre planejando ações e relativizando escrúpulos para poder realizá-las, teria muito provavelmente virado político. Graças à índole de bom garoto, confio que as lições aprendidas por força das enquadradas da Mônica teriam surtido efeito, transformando-o num vereador ou deputado capaz de entender os anseios da comunidade e se esforçar para atendê-los. Até poderia, de vez em quando, sentir-se tentado a maquirar algum estratagema capcioso; contudo, a opinião pública surgiria em sua mente, travestida de Mônica, agitando o temido coelhinho azul para aplicar-lhe um bom corretivo. Acho que isso bastaria para mantê-lo na linha.

O Cascão, por seu turno, seria hoje um modelo muito bem pago para testes de perfumes e aromas ambientais. Grandes marcas da indústria da perfumaria pagariam altas somas para poder avaliar a eficiência de seus produtos aplicando-os no próprio Cascão, ou em sua presença. Este seria o teste final: se o perfume prevalecesse sobre os odores corporais do modelo, estaria aprovado. Os aromas ambientais também seriam submetidos a teste similar. Um sofá impregnado com o aroma de baunilha teria que passar pela prova de ter o Cascão instalado nele por, digamos, uma hora. Ao cabo desse tempo, a equipe técnica mediria o grau de prevalência do aroma de baunilha contra o futum do Cascão. Daí resultariam produtos aromáticos de melhor qualidade e maior durabilidade.

A Magali eu imaginei, primeiramente, como uma chef de cozinha famosa, mas mudei de ideia, pois gulodice não implica, necessariamente, vocação culinária. O drama da Magali ao crescer seria controlar o apetite e queimar suficientes calorias para não se tornar obesa. Por isso, acho que ela acabaria por converter-se numa ótima nutricionista, consciente da importância de se conciliar os prazeres gastronômicos com saúde e bem-estar. Entretanto, uma vez que a tentação dos pequenos exageros alimentares não iria abandonar a Magali por completo, para compensar e manter a boa forma ela passaria a

frequentar academias de ginástica, malhando com dedicação, por amor à comida, várias vezes por semana.

Quanto à Mônica, creio que a profissão de psicóloga combinaria com ela. Havendo sido alvo de gozações por ser dentuça, ela poderia, com base na experiência pessoal, especializar-se em lidar com casos de *bullying*. Sua clínica de atendimento psicológico iria diferenciar-se das demais por desenvolver uma metodologia própria de empoderamento dos que se sentem vítimas de assédio moral, levando-os a superar essa condição. Ela poderia transformar a experiência de trabalho numa incrível tese de doutoramento, tornando-se, assim, uma personalidade internacionalmente reconhecida no campo da Psicologia. Entre os seus pacientes figurariam os filhos do Cascão e do Cebolinha, para quem o atendimento seria “especial” (rs).

O Franjinha, todo mauricinho, daria um excelente juiz de vara de família, ou quem sabe um médico. Quer togado, quer de jaleco, além do êxito profissional, o Franjinha, com sua “boa pinta”, faria sucesso junto ao público feminino. Acho provável que a Mônica viesse a interessar-se por ele e quisesse disputá-lo com as concorrentes. Uma mulher forte, tanto no sentido figurado quanto literal, combinaria bem com o Franjinha, que, inteligente e sensível, iria valorizar na Mônica a capacidade de lhe ser complementar. O primeiro indício de uma afinidade profunda entre os dois seria o fato de ambos nutrirem afeto por bichinhos azuis. A Mônica, por seu indefectível coelhinho de pano; o Franjinha, pelo Bidu. Essa improvável coincidência seria sinal de um genuíno encontro de almas. Quando é que alguém, tendo de mascote um coelhinho azul de pano, iria encontrar um companheiro que tivesse um animalzinho de estimação também azul, ainda mais um cãozinho tão simpático e esperto como o Bidu?

No casamento da dra. Mônica com o dr. Franjinha não iria faltar o Anjinho, abençoando a união. Toda a antiga turminha estaria presente à celebração, como também os amigos de outras turmas. O Chico Bento iria comparecer mais a Rosinha, sua esposa, trazendo uma caixa de hortaliças de presente para os noivos e um peixe fresquinho, recém-pescado pelos filhos pequenos a caminho do casório. O Piteco apareceria “produzido” pela Thuga, num traje novinho de pele de pterossauro, levando um ovo posto pela mulher do Horácio especialmente para a ocasião. E o Astronauta desceria do espaço para prestigiar o evento por breves momentos, trazendo um minianel de Saturno de presente para decorar o quarto de casal dos noivos.

Não sei quanto a vocês, mas eu adoraria fazer parte dessa comemoração, pois, de certa maneira, ao ver partes de mim refletidas nessas personagens, também me sinto parte da turma.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeirol*. Em Set/2023 lança *Vi&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas. Também planeja publicar uma antologia de crônicas humorísticas e um romance. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

AXIOMAS

POUR BERT JR.

ESTAR É CIRCUNSTÂNCIA.
SER É ESSÊNCIA.

ESTAR É FAZER PARTE.
SER É TOTALIDADE.

ESTAR É ATAREFAR-SE.
SER É REALIZAR-SE.

ESTAR É CONTEXTO.
SER É TEXTO.

ESTAR É PROSEAR.
SER É POETIZAR.

N.A. AXIOMAS, FRASES E POEMAS CURTOS FAZEM PARTE DE VI&VEREI, MEU MAIS RECENTE LANÇAMENTO.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Gradou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, Do Incisivo ao Canino, e um novo livro de poemas, intitulado Nevoandeiro. Em Set/2023 lança Vi&Verei, contendo poemas curtos, frases e axiomas. Também planeja publicar uma antologia de crônicas humorísticas e um romance. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.



O MULTIFACETADO H.G.WELLS

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Era um domingo de Halloween no dia 30 de outubro de 1938 e um programa transmitido pelo jovem ator Orson Welles através da rede de rádio CBS (Columbia Broadcasting System) provocava uma espécie de pânico entre os ouvintes dos quatro cantos dos Estados Unidos. A rigor, o talentoso Orson, utilizando os seus recursos dramáticos, narrava o trecho inicial do livro *A guerra dos mundos*, uma obra de ficção escrita pelo genial Herbert George Wells, conhecido com H.G.Wells, um dos precursores da literatura de ficção fantástica ou ficção científica, gênero literário que caiu no gosto dos leitores e que ainda faz muito sucesso nos dias atuais.

Wells nasceu em 21 de setembro de 1866, em Bromley, arredores de Londres, Inglaterra. De origem humilde — os pais eram empregados domésticos —, começou a trabalhar aos 14 anos numa indústria de tecidos. Contudo, a vida precária não impedia o seu gosto pela leitura; empenhou-se ao máximo e conseguiu ingressar na Escola Normal de Ciência (Royal College of Science), onde conheceu o naturalista Thomas Henry Huxley, pupilo e defensor do grande Charles Darwin.

Wells toma gosto pelos livros e começa escrever material didático e artigos científicos para a revista *Nature*. Pouco tempo depois, talvez inspirado pelo sucesso do escritor francês Júlio Verne, embrenha-se de vez na literatura de ficção e começa a publicar os seus escritos fantásticos, como *A máquina do Tempo*, *A ilha do Doutor Moureau*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*. Curiosamente essas suas primeiras produções, reeditadas inúmeras vezes, best sellers até hoje, transportadas para o cinema, TV e produções de streaming, constituem a parte conhecida da vasta obra do escritor, como se fosse a parte visível de um iceberg de letras.

Com a chegada do Século XX, o escritor desvia o bico da pena, abandona a linha da escrita fantástica e futurista e desanda a escrever livros sobre a vida como ela é; livros de caráter cômico e às vezes reflexivos como *Love and Mr. Levinsham* (1900), *Kipps*, a história de alma simples (1905), *Tono-Bungay* (1909) e outras obras em que ele se baseou em memórias de sua própria vida anterior e, através dos pensamentos de heróis inarticulados, mas muitas vezes ambiciosos, revelou as esperanças e frustrações de balconistas, vendedores de loja e professores mal pagos, que raramente antes havia sido tratado na ficção com uma compreensão tão simpática. Também nesses romances ele fez seus comentários mais vivos e persuasivos sobre os problemas da sociedade ocidental que logo se tornariam sua principal preocupação.

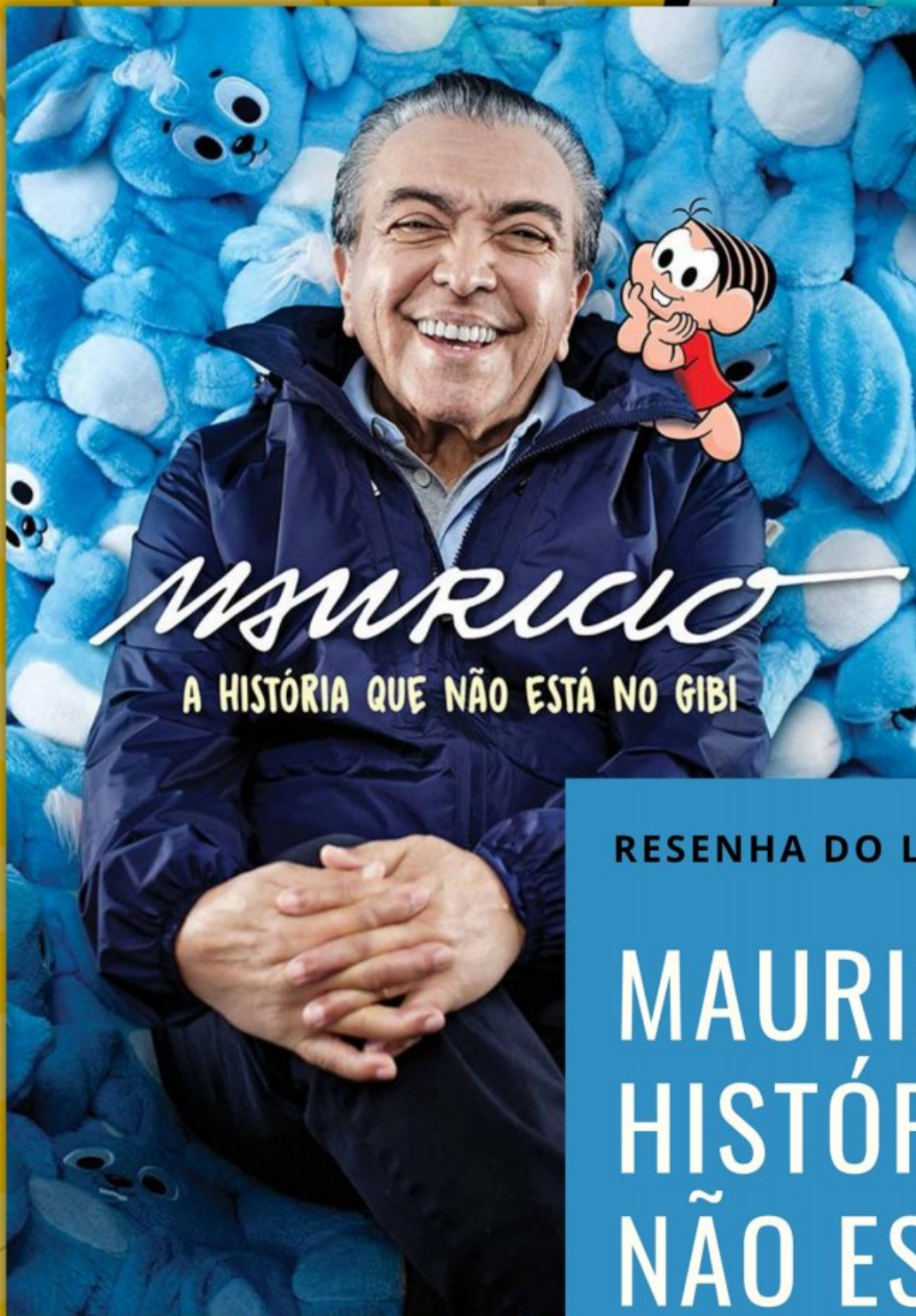
Com o advento da Primeira Guerra Mundial, Wells, decerto desiludido com o curso da humanidade, abandona de vez os seus escritos fictícios e, fazendo uso da sua imensa erudição, começa a escrever livros históricos e científicos, com destaque para *Outline of History* (*História Universal*, em português), um fabuloso compêndio composto de 10 volumes onde traça a trajetória humana desde os primórdios da formação da humanidade até as primeiras décadas do Século XX, usando uma linguagem simples e didática.

Em 1933, ele retorna brevemente à ficção para colaborar com roteiros cinematográficos e escrever contos. Mas o medo de um trágico desvio no desenvolvimento da raça humana, ao qual ele desde cedo deu expressão imaginativa nas grotescas mutações animais de *A Ilha do Doutor Moreau*, domina os contos e fábulas que voltou a escrever no fim da década de 1930. Wells agora doente e envelhecido, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, perdeu toda a confiança no futuro e, em seu último livro *Mind at the End of Its Tether* (1945), ele retrata a visão sombria de um mundo rejeitado pela natureza e que está sendo destruído pela humanidade. Um ano depois H.G.Wells viria a falecer.

O legado do escritor que, junto com Verne, deu o pontapé definitivo para o desenvolvimento e o sucesso da literatura de ficção científica, pode ser traduzido de acordo com o seguinte comentário da revista da Enciclopédia Britânica “Como escritor criativo, sua reputação repousa nos primeiros livros de ficção científica e nos romances em quadrinhos. Na sua ficção científica, ele pegou nas ideias e nos medos que assombravam a mente da sua época e deu-lhes expressão simbólica como uma fantasia brilhantemente concebida, tornada credível pelo realismo silencioso do seu cenário. Nos romances cômicos, embora falte sutileza em sua psicologia e a construção de seus enredos seja muitas vezes estranha, ele mostra um fundo de humor e uma profunda simpatia pelas pessoas comuns. O estilo de prosa de Wells é sempre descuidado e carece de graça, mas ele tem o seu próprio dom de frase e um verdadeiro ouvido para o discurso vernáculo, especialmente o da classe média baixa de Londres e do sudeste de Inglaterra. A sua melhor obra tem um vigor, uma vitalidade e uma exuberância insuperáveis, à sua maneira, por qualquer outro escritor britânico do início do século XX”.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



MAURICIO

A HISTÓRIA QUE NÃO ESTÁ NO GIBI

RESENHA DO LIVRO

MAURICIO: A HISTÓRIA QUE NÃO ESTÁ NO GIBI

Autor:

Mauricio de Sousa

POR RAFAEL BOTTER

Mauricio de Sousa dispensa qualquer tipo de apresentação inicial, podemos dizer que ele simplesmente encantou e transformou inúmeras gerações com os seus gibis, Mauricio é simplesmente genial e de uma mente perspicaz, tendo criado um incrível universo: a Turma da Mônica! Ok! Vamos falar sobre sua obra biográfica.

"Mauricio: A história Que Não Está No Gibi", traz uma verdadeira viagem no tempo através das páginas, contando de forma intensa e até mesmo divertida toda sua infância, adolescência e vida adulta.

Escrito em primeira pessoa, o leitor vai ter um deslumbre de como iniciou toda paixão do Mauricio de Sousa pelas revistas de histórias em quadrinhos, essa paixão pela leitura e desenhos em quadrinhos transformaram sua vida até os dias atuais, fazendo parte de milhões de pessoas.

Outro ponto que merece destaque, é mostrar toda evolução e chegada das histórias em quadrinhos em solo brasileiro, sempre tendo como referência os heróis criados nos Estados Unidos, como por exemplo: Superman e Batman.

Engana-se quem pensa que na vida do Mauricio de Sousa sempre deu tudo certo e foi um mar de rosas. Negativo! Mauricio sempre teve momentos bons e ruins no decorrer da sua vida, seja profissional ou até mesmo em situações delicadas da sua vida privada com a família. Uma biografia completa e sem amarras. Mais um ponto positivo!

O livro apresenta um excelente trabalho gráfico, possuindo fontes e bons espaçamentos para uma leitura agradável em qualquer horário e local, além de contar com um rico acervo de fotos do Mauricio de Sousa.

Uma leitura rica e cativante, Mauricio de Sousa possui uma escrita intensa e intimista, levando sua vida para próximo do leitor, como se fosse uma espécie de diário.

Vale a pena? Sem sombra de dúvidas! Ah, os fãs da Turma da Mônica podem ficar sossegados, contém muita informação a respeito dessa turma que conquistou milhões de pessoas ao redor do mundo.

Obrigado, Mauricio de Sousa!

Título Original: Mauricio: A história Que Não Está No Gibi

Autor: Mauricio De Sousa

Editora: Primeira Pessoa

Páginas: 336

Ano Lançamento: 2017



Rafael Botter: Típico nerd nascido nos idos da década de 80/90. Apaixonado por literatura e HQs, sempre atento com os últimos lançamentos de filmes/séries. Sem deixar de lado uma saborosa fatia de pizza.

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



ADEMIR PASCALE

Journal em São Paulo

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**MÉTRICAS SOB MEDIDA
(PELOS 60 ANOS DA MÔNICA)
Por Mirian Menezes de Oliveira**

**Parabéns, turminha “fera”!
Parabéns ao Criador!
Patrimônio de uma era,
agrada a todo leitor!**

**Incrível atmosfera,
gerada com muito amor!
Cresci, vivi... sempre à espera
de novos gibis do autor.**

**Sessenta anos de vida:
Motivo pra festejar!
Sou muito agradecida...**

**por sempre me acompanhar!
Em cada história tecida,
pude sempre viajar!**



MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA - Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e Arte, tendo concluído, recentemente, Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

BEM-TE-VI

Por Mirian Menezes de Oliveira



**Bem-te-vi gosta do cimo,
pois assim ele bem vê!
Pode ser um pé de mimo;
pode ser o belo ipê...**

**Também no muro de arrimo,
ou na antena de tevê...
No tronco velho, com limo...
"Bem meu viu! Bem viu você!"**

**Bem-te-vi é emproado,
bonito e radiante!
Pelos céus foi coroadado...**

**É pássaro esfuziante.
De cor viva, contemplado,
é sutil e elegante!**

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e Arte, tendo concluído, recentemente, Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

2023

1º Prêmio Literário REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Conexão Literatura

INSCRIÇÕES DE
15/09 a 01/12

SAIBA MAIS, ACESSE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

JOÃO E MARIA: VIRTUDES EM MAROUFLAGE



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



20
23

POR REGINALDO LEITE

Figura 1 – João Zeferino da Costa. A Virgem Maria e as sete Virtudes, 1883. Óleo s/tela em marouflage, cúpula do transepto da igreja de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro. Disponível em www.candelariario.org.br.

LEIA AGORA →



Setembro, 2023

Arte

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



ZEFERINO DA COSTA: *A Virgem rodeada das sete Virtudes.*
Rio de Janeiro, Igreja da Candelária, Cúpula do transepto.

Figura 1 – João Zeferino da Costa. *A Virgem Maria e as sete Virtudes*, 1883. Óleo s/tela em *marouflage*, cúpula do transepto da igreja de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro. Disponível em www.candelariario.org.br.

Este artigo apresenta em seu título dois nomes populares, João e Maria. Porém, é importante esclarecer que eles não são os personagens do conto tradicional que conhecemos, mas dois nomes fundamentais ao visitarmos o famoso patrimônio carioca – a igreja de Nossa Senhora da Candelária.

O João citado é João Zeferino da Costa (1840-1915), o pintor da Candelária. Num primeiro momento, é estudante de Pintura Histórica na antiga Academia Imperial das Belas Artes, no Rio de Janeiro, vence o Prêmio de Viagem à Europa em 1868, estuda em Roma entre 1869-1877, e num segundo momento, se torna professor das disciplinas Pintura Histórica e Pintura de Paisagem, na mesma instituição na qual estudara. Também leciona Modelo Vivo na Escola Nacional de Belas Artes – antiga Academia Imperial de Belas Artes, que tem sua nomenclatura mudada com o advento da República –, em dois períodos: entre 1890-1893 e 1897-1915. Além de docente, nosso João produz telas de diferentes temáticas, no entanto, fica conhecido como “pintor de temas religiosos”, por conta do número de obras dedicadas aos assuntos da iconografia cristã.

Maria, a mãe de Jesus Cristo e um dos nomes mais relevantes do Novo Testamento bíblico, é homenageada, não só pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária – a contratante de João Zeferino da Costa para criar e executar as telas marianas da igreja –, mas pelos espanhóis Antônio Martins da Palma e Leonor Gonçalves. O casal é responsável por financiar a primeira igreja erguida, uma pequena

ermida como ex-voto, em agradecimento pela sobrevivência após uma terrível tempestade no oceano.



Figura 2 – Fachada da segunda igreja de Nossa Senhora da Candelária, no Rio de Janeiro. Disponível em www.candelariario.org.br.

Entretanto, o edifício que conhecemos é outro, uma segunda edificação. A atual igreja só recebe, em 03 de junho de 1775, autorização – concedida pela Provedoria da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária –, para o início da construção, que dura aproximadamente cento e vinte e três anos. Por que não afirmamos um período exato? Porque a igreja recebe duas inaugurações oficiais: a primeira em 1898 para membros do clero e convidados, e outra em 1901 para o público. Entre as duas datas houve intervenções de elementos artísticos que não tinham sido concluídos e só são alvo de apreciação na segunda comemoração.

Até o momento, esparsos parágrafos abordam as telas pintadas para a igreja – valorizando datação, autoria, identificação temática e composição no âmbito do bem patrimonial, ou seja, o edifício arquitetônico configura-se como protagonista das pesquisas, enquanto as obras marianas não passam de coadjuvantes e ornamentais. É preciso entender que as pinturas também pertencem a categoria de monumento, assim como, a arquitetura e escultura. Segundo a historiadora Françoise Choay (1925), monumento é um termo originário “do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (‘advertir’, ‘lembrar’) aquilo que traz à lembrança alguma coisa” (CHOAY, 2017, p. 17).

Para Choay, edificar é construir, produzir, pintar ou esculpir o monumento, que por sua vez suscitará a memória. Portanto, pintura é monumento, mas também, pano visual. Desde 1990, o docente parisiense Georges Didi-Huberman (1953) se dedica a estudar monumentos da Europa e dos EUA, trazendo inquietantes caminhos e

abordagens. O professor e pesquisador da *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris, publica cinquenta e três trabalhos em francês e poucos chegam ao Brasil. Suas teorias têm como fio condutor a relação, ou melhor, a experiência do indivíduo diante do pano visual (que pode ser um edifício, uma escultura, uma pintura, um mosaico, isto é, diferentes configurações de objetos visuais), entendendo a expressão *o que vemos e o que nos olha* como uma experiência entre indivíduo, monumento e memória – um processo de ouvir o que o pano visual tem a dizer. Por meio dos sintomas do pano visual, Didi-Huberman estuda a sobrevivência do monumento para além do seu período de origem, uma sobrevivência pautada no anacronismo de um passado-presente.

As questões que trazemos saltam aos olhos nos encontros que temos com as telas, em *marouflage* – técnica francesa muito difundida durante o final do século XIX, em que a pintura é executada sobre a tela, sendo afixada posteriormente à parede, pé direito ou cúpula (colada diretamente na superfície desejada) – da igreja de Nossa Senhora da Candelária no Rio de Janeiro. Segundo nossa apreciação, os problemas constituem-se a partir de dois pontos, o retórico e o sintomático, e apresentam relevância no atual momento de revisão historiográfica e de conceituações da arte brasileira produzida no século XIX.

Por que João Zeferino da Costa ao ser contratado pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, em 1879, projeta e executa suas obras em Roma e não no Brasil? A pergunta pode parecer simplória, no entanto, acreditamos que tal atitude do artista esteja ligada aos princípios da sua formação acadêmica. Todavia, cremos que a experiência do pensionato do aluno/pintor, em Roma entre 1869-1877, seja o pontapé inicial e que mais tarde, com a encomenda das obras da Candelária, a relevância da contribuição artística italiana mostre-se evidente. E que tal contribuição se dê na assimilação dos códigos tipológicos dos mestres das escolas artísticas de Florença, Roma e Veneza. Acreditamos que por ser um edifício cristão de culto mariano, a igreja de Nossa Senhora da Candelária apresenta sua semântica didática cunhada aos moldes antigos.

Durante a Idade Média, há inúmeras alegorias e personificações em naves de catedrais e igrejas marianas, tais como: os vícios e as virtudes. De perfil didático no auxílio da doutrina cristã, retábulos, vitrais, relevos e esculturas agem como interlocutores entre sacerdote e fiéis. É possível dizer que tais imagens contam, em seu alicerce, com a teoria horaciana *ut pictura poesis* – “na poesia como na pintura”. A expressão *ut pictura poesis* é extraída de um tratado de estética do poeta romano Horácio (65 a.C.-8 a.C.) e discutida por teóricos e historiadores da arte ao longo dos séculos, assim como, assimilada e interpretada por artistas em suas obras de cunho narrativo. O significado da expressão possui grau comparativo entre as duas linguagens artísticas – poesia e pintura. Para o pensador, a poesia apresenta caráter narrativo que se aproxima da retórica visual da pintura. No entanto, na Itália dos séculos XV e XVI, a expressão *ut pictura poesis* recebe leitura distinta da original, atribuindo à retórica pictórica um discurso que a aproximaria da poesia.

Da Antiguidade ao século XVI, a relação entre pintura e poesia é vista não só sob a ótica comparativa, mas qualitativa. Porém, na escola veneziana o tema ganha outro tratamento – o viés da analogia –, ou seja, pelos pontos nos quais as duas linguagens

artísticas se assemelham. E essa abordagem se difunde pela Itália, ao conquistar espaço vultoso no século XVII. É nesse âmbito que situamos a postura de João Zeferino da Costa. Assim, entendemos que as telas marianas da Candelária se aproximam da retórica visual, de caráter didático, estabelecida ainda no medievo, como também, da postura de Ticiano Vecelli (?-1576) ao valorizar não só o cromatismo, mas a ideia de poesia pintada.

É necessário esclarecer que a entidade contratante – Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária –, fragmenta a oficialização da encomenda em dois contratos distintos. O primeiro documento, datado de 10/05/1879, estabelece a produção de quatorze telas sob temática mariana – sendo oito pinturas para a cúpula do transepto, quatro para a capela-mor e, finalmente, duas para o coro. O segundo documento, assinado pelas partes em 01/06/1889, estipula que o pintor entregue seis painéis para a nave que narrem, por meio de representação, a história da construção da igreja. João Zeferino da Costa é encarregado, ainda no segundo contrato, do projeto de concepção dos vitrais, para que os mesmos sejam confeccionados na Alemanha. O projeto dos vitrais é assinado pelo brasileiro em 1897 e fabricados pelo Real Estabelecimento de Vidraçarias Artísticas, de F. X. Zettler, na Baviera, Alemanha.

No documento de 1879, o qual nos interessa, todas as obras encomendadas são de temática mariana, porém, há uma diferenciação quanto a especificidade da iconografia a ser abordada. Para a cúpula do transepto seriam pintadas oito telas com foco nas virtudes, as demais encenariam episódios da vida de Maria (coro e capela-mor). Entretanto, podemos indagar, em que está pautada a retórica visual das telas marianas pintadas para a cúpula do transepto?

Convenciona-se dialogar com a História da Arte tendo as manifestações estilísticas como ponto nodal. Entretanto, cremos que tal recurso mostra-se como limitador ao rotular obras e artistas com uma determinada nomenclatura. Ao mergulhar em discursos artístico-pedagógicos de membros da Academia Imperial de Belas Artes, verificamos que os estilos não se configuram, ao contrário das tipologias. Então, ao observar as telas de João Zeferino da Costa na igreja de Nossa Senhora da Candelária, acreditamos que os tipos se concretizam como sintomas e fantasmas, estruturando a retórica visual mariana. Retórica esta, pautada no *ut pictura poesis*, e que alicerça o campo da pintura como análogo ao da poesia, para que dessa forma tenhamos uma semântica artístico-doutrinária.

Na fé cristã, de vertente católica, o nome de Maria é vinculado à imagem da Igreja, como casa, palácio, morada do Filho de Deus. Acredita-se, também, que as virtudes de Maria são os pilares de sustentação do edifício e da fé católica, como também, modelo e referência aos fiéis, e ainda, instrumento aos “menos crentes” da fé no Senhor.

Para a cúpula do transepto, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária solicita a João Zeferino da Costa que sejam pintadas as virtudes de Maria. Tal pedido pode parecer ingênuo, no entanto, a localização para receber tais telas mostra-se extremamente simbólica no culto católico. As obras são coladas na superfície da cúpula interna, que é coroada por uma claraboia – elemento arquitetônico estratégico para a entrada da luz, natural, no ambiente e que pode ser visualizado no centro da [Figura 1]. Acima da cúpula interna existe a cúpula externa, que apresenta uma abertura no centro, extremidade onde nasce o zimbório com aberturas intencionais para a passagem dos raios solares. Podemos dizer que o zimbório e a claraboia contribuem para o “surgimento”

simbólico da luz – a presença do Espírito Santo –, que iluminará a mente e a oratória do sacerdote que se encontra no altar.

A cúpula das virtudes marianas está localizada no transepto – uma espécie de corredor que transpassa a nave e que em suas extremidades, geralmente, há capelas ou naves laterais. Nas igrejas com planta-baixa em cruz latina, o transepto simboliza os braços do Cristo crucificado, a nave o seu corpo e a capela-mor (principal área do templo) a cabeça do Filho de Deus. É no transepto que encontramos o arco-cruzeiro – ponto delimitador entre a nave e a capela-mor, e que determina até onde o fiel pode chegar, a partir de tal ponto só os membros do clero devem transitar. As oito telas do transepto em *marouflage* são: três virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade); quatro virtudes cardeais (Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança). E ainda, a oitava pintura, a imagem de Maria.

Segundo Michel Pastoureau (1947) e Gaston Duchet-Suchaux (1921-2009), as virtudes teológicas são referentes à relação com Deus e as virtudes cardeais norteiam a conduta na vida. Essa definição vai ao encontro do propósito ou função da encomenda, já que a contratante especifica em documento quais virtudes serão pintadas. Contudo, a qual função ou propósito nos referimos? Simplesmente, ao que Giulio Carlo Argan (1909-1992) classifica como retórica visual – o discurso da imagem. No entanto, para entender tal discurso é necessário executar a leitura visual, não do visível, mas do que está além do identificável numa interpretação iconográfica. Falamos aqui do sintoma – indício visual desprezado por identificações de personagens e seus atributos – conceito trazido por Georges Didi-Huberman.

Os oito painéis visuais possuem as mesmas dimensões. Zeferino da Costa, para adequar as telas ao formato sinuoso da cúpula, recorta cada composição de maneira diferenciada em suas partes. Cada obra possui as seguintes larguras: três metros de base, dois metros no centro e um metro na extremidade superior. Assim, o conjunto iconográfico assume a forma da cúpula sob perspectiva, facilitando que seu ápice encontre a claraboia de acesso ao zimbório. Podemos entender, então, que cada tela em separado tem um perfil de extrema verticalidade, por conta dos nove metros de comprimento, mas a ideia do artista é que as oito obras sejam vistas em conjunto circular. Tal efeito é fundamental para capturar o olhar do fiel/observador, pois o programa compositivo assume a forma de mandala – dividida em oito faces ou áreas de retórica equivalentes –, que guiam a absorção do discurso por parte do espectador, facilitando assim, o entendimento do conteúdo semântico – a mensagem, o caráter poético da imagem, porque pintura é análoga à poesia. Afinal, não podemos esquecer que tais pinturas têm dupla função e/ou discurso, o da arte e o da Igreja, pois são concebidas para espaço de culto mariano e encontram-se lá até hoje.

Ao nos depararmos com as obras, dois pontos se destacam: o tratamento dado à escala da figura humana e o uso da cor como recurso facilitador da retórica visual, este segundo ponto manifesta-se como um dos principais sintomas da pesquisa. O autor se apropria de um método corriqueiro entre pintores europeus de cúpula e *plafond* de igrejas em linguagens, dos séculos XVI, XVII e XVIII, assim como, nas pinturas de forro do período colonial brasileiro – a perspectiva ilusionista. Não só diversos ângulos de visão do observador são estudados, como as dimensões dos elementos inseridos na

composição. É preciso levar em consideração a distância matemática entre o olhar do fiel e a obra. Para resolver esse desafio, João Zeferino da Costa aposta na ampliação da escala das figuras em cerca de duas vezes e meia o tamanho natural e na distorção da elaboração dos corpos, efeitos criadores de uma aparente clareza ou uma ilusória noção de realidade para as cenas. Tal postura nos remete ao processo de construção da figura humana proposto por Michelangelo Buonarroti (1475-1564).

Mas o sintoma que nos provoca, desde o início da pesquisa, é o fato de Zeferino da Costa privilegiar a cor, delegando ao desenho e aos atributos iconográficos das personagens papel secundário. O sintoma aqui não é trazido pela representação, mas mora no simples tecido que envolve cada personagem como um manto, ele é o ponto nodal de cada composição. O pintor agrupa as telas em pares ditados pelo cromatismo: virtudes vermelhas (Fortaleza e Justiça), virtudes amarelas (Prudência e Temperança) e virtudes verdes (Caridade e Esperança). No entanto, a sétima virtude (Fé) não é esquecida, ao contrário, recebe *status* de protagonista ao fazer par com Maria.

Outro ponto que nos chama a atenção é o apego às cores complementares como eixo de relação. O artista liga uma virtude vermelha “Justiça” a uma verde “Caridade”, entendendo que vermelho e verde são cores complementares. O mesmo ocorre entre “Esperança”, verde, e “Fortaleza”, vermelha. As duas retas se interceptam e formam uma cruz. As virtudes amarelas “Prudência” e “Temperança” se cruzam com outra reta, constituída por “Maria” e a “Fé”, fomentando o surgimento de outra cruz. Virtudes amarelas são complementares ao arroxeadado do manto da “Fé”, ligado aos azul e vermelho de Maria, que somados alcançam o arroxeadado.

Contudo, a dúvida gerada pelo sintoma nos persegue: por que escolher a “Fé” como a virtude mais relevante para configurar o eixo com “Maria”? Talvez a explicação esteja no âmbito da retórica visual. Tratamos de um templo de culto mariano, onde a fé cristã em Maria é o ponto focal. Não só isso, para o fiel católico é fundamental tomar as virtudes como orientações referenciais para a vida. Daí, alimentar a fé em Maria é importante, mas fundamental é compreender o tamanho ardor da fé que ela nutre pelo Criador.

André Damino aborda em seu livro temas relacionados a Maria, são eles: o Vaso Espiritual, o Vaso Honorífico, o Vaso Insigne de Devoção, a Rosa Mística, a Torre de Davi, a Torre de Marfim, a Casa de Ouro, a Arca da Aliança e Porta do Céu. Segundo o autor, a fé de Maria é o elemento mais valioso que existe. A Virgem age como um vaso sagrado, durante a Paixão e morte de Jesus, ao guardar o tesouro da fé inabalável, mesmo sob dúvidas e fuga dos apóstolos. Segundo a doutrina da Igreja, Maria é a Bem-aventurada – não pela maternidade, mas pela fé em Deus – “Bem-aventurada aquela que acreditou”, LUCAS 1:45. Portanto, Ela é modelo da fé incondicional. Dessa forma, a narrativa da composição é desenhada, tendo como ponto de partida a fé de Maria em Deus e a fé do cristão em Maria.

Finalmente, tudo nos leva a crer que além das assimilações do *ut pictura poesis* e das escolas artísticas italianas, a retórica das telas fundamenta-se como referencial de comportamento, no âmbito da doutrina cristã, seguindo a concepção de virtude aristotélica. Segundo o pensamento de Aristóteles, as virtudes não devem apenas ser elencadas, mas assimiladas como modelo na construção do homem enquanto cidadão

social. Portanto, traçar as virtudes de Maria num contexto além do devocional, isto é, no âmbito pedagógico/doutrinário, parece-nos bastante claro. As virtudes pintadas encarnam o espelho ao fiel católico. Observe as telas, espelhe-se nelas e seja um bom cristão, para que na morte da carne possa vislumbrar o Paraíso.

Com isso, compreendemos que as virtudes pintadas por João Zeferino da Costa não têm o perfil da comoção, entretanto, assim como a poesia, a pintura deve persuadir, convencer e expressar um discurso narrativo que pode não ser apenas o do seu tempo histórico, mas sintoma de uma retórica estruturada por tipologias consolidadas pela tradição, que fazem da imagem algo sempre sobrevivente.

É fato que Roma se configura como principal alvo na especialização dos pensionistas da antiga Academia brasileira, devido a importância do seu acervo artístico e acesso aos mestres das Escolas Artísticas Italianas – Michelangelo (mestre florentino da expressão), Ticiano (mestre veneziano da cor) e, por fim, Rafael Sanzio (1483-1520), mestre romano do desenho. É sob o cenário de profunda admiração pela metodologia dos três artistas citados, que o aluno de Pintura Histórica João Zeferino da Costa obtém sua formação artística e desenvolve sua carreira como docente e artista acadêmico. Entretanto, em seu caso, o contato com a tradição italiana não se limita ao período de aluno pensionista em Roma. Já como artista e professor da Academia Imperial, esse contato mostra-se primordial, pois o pintor equaciona suas pesquisas, visual e literária, em Roma após receber a encomenda das telas marianas da igreja da Candelária, em 1879.

Em 29 de setembro de 1878, o procurador da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, Francisco da Silva Castro, sugere à Mesa Administrativa o nome do pintor histórico, João Zeferino da Costa, para a criação e execução das pinturas da cúpula interna do zimbório. Em 16 de novembro, uma comissão nomeada para estudar a questão, apresenta o seu parecer: solicita que seja aberta aos artistas uma seleção pública, para apresentação de projetos de telas para a igreja como um todo, e não de forma fragmentada. Assim, são recebidas seis propostas orçamentárias de pintores que atuam no Rio de Janeiro, sendo escolhida a de João Zeferino da Costa, pela quantia de 60:000\$. A Mesa Administrativa aprova o parecer da comissão e autoriza o contrato de pintura da cúpula, capela-mor e coro, confeccionando a escritura em 10 de maio de 1879. Para efetuar a empreitada, o artista escolhido convida um grupo de pintores: Giambattista Castagneto (1851-1900), Henrique Bernardelli (1858-1936) e Oscar Pereira da Silva – alunos que o ajudam nos detalhes de composição, pintura do fundo e ampliações.

Para prosseguirmos será relevante abordar um ponto fundamental: a necessidade de João Zeferino da Costa equacionar a concepção e execução das obras em Roma. Após a encomenda, João Zeferino da Costa desembarca novamente em Roma, pois já concebera na cidade os cartões apresentados durante a seleção pública da Irmandade. Podemos afirmar que dois dos fatores que justificam a viagem são: a ausência de museus no Brasil para a pesquisa da indumentária, atributos e representações de pintores clássicos, e o não reconhecimento da profissão de modelo vivo em solo brasileiro, pois na Academia Imperial de Belas Artes os modelos são improvisados por jornaleiros e prostitutas.

Um dos pontos levantados por artistas brasileiros para celebrar o contato italiano, é a necessidade da apreciação dos museus. Antônio Parreiras (1860-1937) mostra-se

adverso ao ensino artístico pautado na reprodução de obras estrangeiras, entretanto, aponta uma de nossas deficiências, os museus. “Reconheço que não temos ampliado como se podia o nosso meio artístico, fazendo da arte uma constante preocupação. Falta-nos um dos principais elementos para ‘estudo’: os museus.” (PARREIRAS, 1999, p.132). De maneira geral, eles são vistos como elementos de suma importância. Por meio dos museus italianos, o pintor se aproxima da tradição e percebe como os mestres resolvem problemas compositivos e de semântica.

Contudo, entendemos como motivo primordial da viagem a necessidade de estar diante das obras dos mestres das escolas artísticas italianas, ou seja, os mestres da tradição – o romano Rafael, o florentino Michelangelo e o veneziano Ticiano. Ainda no século XIX, parte dos críticos de arte incentiva a ida dos brasileiros à Itália – para observação e aprendizagem a partir dos clássicos – como o caso de Ângelo Agostini (1843-1910) ao aconselhar o pintor Giambattista Castagneto. “Faça o possível para sair do Rio de Janeiro e ir à Itália estudar. E depois de muito estudar, verá que ainda tem muito que aprender, mas ao menos, pintará cem vezes melhor do que pinta hoje.” (AGOSTINI, 1887, p. 6-7).

Diante da imagem, sempre, estamos diante do tempo. É no universo do “anacronismo da imagem” que se concentram Didi-Huberman, o pensamento artístico-pedagógico da Academia Imperial de Belas Artes e, por conseguinte, a produção de João Zeferino da Costa. Para o francês, o ato de produzir a visualidade dialoga, primordialmente, com o tempo. Portanto, estar diante do pano visual é necessariamente estar de frente ao tempo anacrônico, na relação presente-passado, ponto nodal que se configura na iconografia mariana da Candelária. Com isso, entendemos que encarnar o anacronismo é consolidar uma estrutura didática – edificada durante a formação de Zeferino da Costa – e dialogar com o passado-presente ao resgatar referências dos antigos, como as obras dos pintores italianos dos séculos XV e XVI.

É preciso citar que João Zeferino da Costa encontra-se na Europa durante o século XIX, período de intensa efervescência artística, no qual disputam lugar no “tabuleiro visual” diferentes “jogadores” – românticos, realistas, impressionistas e simbolistas. No entanto, o brasileiro se distancia do presente para construir seu alicerce a partir dos mestres da tradição, ou seja, engendra no passado soluções para o presente.

Se observarmos as personificações femininas e a imagem de Maria na cúpula da Candelária, notaremos a semelhança delas com a *Pietà* (1499) de Michelangelo. Na obra italiana, a Virgem é representada com a força de um gigante, a mãe que recebe e sustenta o corpo do filho morto sem hesitar. Maria está sentada, é robusta e tem o semblante distante, perdido no infinito, assim como verificamos nas figuras femininas de João Zeferino da Costa. No entanto, podemos avançar ainda mais ao compará-las com as Madonas de Rafael – mulheres entronadas voltadas ao público como modelo de fé e maternidade. E, para encerrar as analogias, chegamos em Ticiano, talvez o mais assimilado dos três.

Durante seu pensionato em Roma, ainda aluno da Academia brasileira, João Zeferino da Costa é responsável pela produção de um grupo de cópias de obras italianas, todas enviadas ao Brasil como forma de avaliação dos seus estudos no estrangeiro, e um dos artistas mais copiados é Ticiano. Zeferino da Costa não esconde sua admiração pelos

coloristas venezianos, e nas virtudes de Maria, o artifício de inserir um simples tecido monocromático – mas que simboliza a cor da personificação abordada –, é uma solução que Ticiano utiliza para identificar o Amor Sacro na composição *Amor Sacro e Amor Profano* (1514). Curiosamente, o brasileiro executa uma cópia apenas do *Amor Sacro* – que se envolve num tecido vermelho para eleger o sangue do Cristo como único bem –, como exercício de pensionista para atender à solicitação dos professores da Academia Imperial. Com base no perfil observado, podemos classificar as pinturas marianas da Candelária como a primazia da cor sobre o desenho, um legado de Ticiano.

Ver não significa simplesmente olhar. As imagens não devem ser olhadas, mas vistas. Saber ver é saber sentir e enxergar os sintomas que se apresentam. É dialogar com os fantasmas de um ente sobrevivente, que deixa o passado e nos visita ao atravessar as correntes do tempo cronológico. É conviver por meio de um passado-presente com tipologias de séculos passados e que ainda continuam presentes. Após 139 anos, as virtudes da Candelária continuam a desempenhar o mesmo papel retórico, pois vemos o que nos olha, vemos alegorias que também nos encaram e suscitam inquietações, reflexões e ensinamentos. João fora escolhido por Maria, numa vida artística dedicada aos temas religiosos, para que contasse por meio do *ut pictura poesis* – narrasse pela iconografia fragmentos da história da mãe de várias identificações –, e se tornasse eterno. A igreja de Nossa Senhora da Candelária, no Rio de Janeiro, não é só um patrimônio histórico e artístico nacional, tampouco, apenas um templo cristão de devoção mariana, mas uma enorme tela que expõe dois nomes ao público: João e Maria.

REFERÊNCIAS:

- AGOSTINI, Ângelo. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1887, ano XII, nº 459.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2017.
- DAMINO, André. *Na escola de Maria*, São Paulo: Paulinas, 1962.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- PARREIRAS, Antônio. *História de um pintor contada por ele mesmo*, 3ªed., Rio de Janeiro: Niterói Livros, 1999.
- PASTOUREAU, Michel e DUCHET-SUCHAUX, Gaston. *La Bible et les Saints: guide iconographique*, Paris: Flammarion, 1988.



Reginaldo Leite é cenógrafo, escritor e historiador da arte. Com mestrado e doutorado em Artes Visuais (UFRJ), tem pós-doutorado em História da Arte (UERJ) e em Patrimônio, Cultura e Sociedade (UFRRJ). É professor de História e Teoria da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA/UERJ). Dedicou-se ao estudo do *pathos* e das paixões na pintura dos séculos XIX e XX. Autor de seis livros e de artigos publicados em periódicos acadêmico-científicos.

O Universo chega ao seu primeiro ano com um grande presente para você. O concurso cultural "Como a leitura mudou meu Universo" vai dar prêmios em dinheiro para as melhores redações.

Escreva sua redação,
dentro do App Universo,
sobre como a leitura
mudou sua vida.



Publique seu
texto no gênero
Concurso Cultural.

Sua redação será
votada pelos
usuários do Universo.

As **15 redações mais
votadas** serão avaliadas
pelo comitê do concurso.

Os prêmios serão:

1º Lugar - **R\$ 3.000**

2º Lugar - **R\$ 1.500**

3º Lugar - **R\$ 500**

Inscreva-se de 01/09 a 20/10/23



Universo
ano

Baixe o App e participe



PARA SABER MAIS:

Site: <https://www.vemseuniraouniverso.com> - Instagram: @vemseuniraouniverso

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com

por
SELMA LUANNY

LINGUAGEM DO AMOR




É bé bé bé bé!
É linlinlindá!
É lindá
da mami
vem vem
vem papá!
papá papá papá...
lá lá lá lá lá!

Se papá tudinho
ganhahá
nananinhá
lá lá lá lá lá!
Só coisá
gostooosá
Vem vem
vem vem vem!
papá papá papá...
lá lá lá lá lá!

Vem tomá
aguiinhá
lá lá lá lá lá!
É minininhá
liindá
pi pi pi pi pi!
piiiriri riri
riri piriri
lá lá lá lá lá!





Bé bé bé bé bé!
é hora de mimi
vai pra
caminhá vai
vai vai vai vai!
caminha bem
quentinhá
lá lá lá lá lá!


Menina mui
lindinha
lindinha
da mami
vai brincar
vai vai vai vai
vai vai vai vai
lá lá lá lá lá!

Lindinha
queridinha
lindinha
da mami
sorri com
os olhinhos
e com a boquinhá
também.
lá lá lá lá lá
lá lá lá lá lá!



SOBRE A AUTORA

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HERÓIS

VOL. I

ANTOLOGIA HERÓIS

VOLUME
01

E-BOOK

ADEMIR
PASCALE

ORGANIZADOR

CONTOS,
MINICONTOS
E POEMAS

saiba mais: clique aqui



CASA
BRASILEIRA
DE LIVROS



3º Prêmio MicroConto de Ouro (2023)

**Confira os
vencedores:**



**Shirleny Luz
“Gradação”**



**Juliano da
Silva Lira
“Cafuné”**



**Gleidson Ferreira
de Oliveira
“Ciclo”**

Saiba mais:

www.casabrasileiradelivros.com

Visite as redes sociais da Casa:



@casa.brasileira.de.livros



/casa.brasileira.de.livros

"TAL HORIZONTE" DA VIDA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

No "colo" carrego carinhosamente
Lembranças da bela juventude
Cabelos loiros, cacheados
Cheios, bem compridos, deitados no meu "peito"
Olhares vivos de "Lua Cheia"
Outros, tais quais "Decrescentes" a espreitar
Lábios "fogosos", atacantes, bem-marcados
Mãos sedosas, pele delicada

Um viver no "solo" somente
Experimentos de tudo, assim na plenitude
Com o tempo agora passado
Promoção de mudanças de qualquer jeito
Caminhar descalça pensando pisar na "areia"
A me mostrar firme, independente a alguém julgar
De recordação? Se foram tempos glorificados?
Nem sei se fui, de fato, um dia bem-amada

Ah! Hoje, cabelos lisos, prateados, pouco preciso
pentear

Até para me sentar me acomodo devagar
Guardo cuidado enorme para não escorregar
A visão, coitada, antes forte, atrevida
Então cansada se "traveste" ou parece esquecida
Por "teimosia" mantenho o sonhar na "estrada"
Em um caminho, dito por alguém, a ser amada
Assim, acredito que lá nesse "TAL HORIZONTE"
ainda irei chegar

A "OFERTA"

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Em uma "prateada" bandeja
A você, minha eterna amada
Deixo versos, como flores, para que as aprecie e
veja

Se deliciando nas cores, tão definidas, nada
importando se alguma matizada

Com seu belo e astuto olhar
Fruto elegante de energias de amor, dou graças
por apreciar

Deixando o "infantil" sorriso na face, bem
estampado

Que o abraçarei como "escritura" por ser ainda
tão amado

Ah! Que cada "verso" esteja vindo do azul "Céu"
Formando belas "estrofes" a cobrir como um
sedoso "Véu"

Atiçando a "transparência" do seu coração

Nele confesso! Com todo cuidado me acomodarei
Com seu jeitinho, por certo, em delicioso lugar
estarei

No final sorriremos esbanjando alegria por amor e
radiante emoção

CUIDADO!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Dar amor
Pensamos “adormecer” em outrem aliviando
alguma dor
Trata-se de algo maior... muito mais
“Amanhece” quando realmente amamos e para
amar, assim se faz

Ao acontecer, insista
Não desista
Evite, no entanto, se mostrar demasiado
Espere um pouquinho e será mais amado

Comparado com a flor
Também da beleza se mostra o amor
Se muito desejado, inflamado o queremos
Da mesma forma o perdemos

Assim acontecendo, a tristeza muito esperta chega
correndo

Dentro do nosso interior a sensação coloca-se
morrendo

E aquela tão vistosa felicidade
Dá espaço à “maravilhosa” saudade

Procure, então, algum “pedaço” do amor dar e
receber

Mesmo sabendo que parte da dor poderá ocorrer
Assim, da vivida emoção
Guarde-a carinhosamente em seu coração



“ATÉ HOJE”!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

“Até hoje” não esqueço! Me lembro ainda
De fato, a emoção mais linda
Em que, com aquele seu jeitinho de carinho
Eu aqui sentado, sozinho
Você com ardor chegava
Ao meu “colo” se deitava
Tentando esconder que não, mas “sorria”
E da radiante alegria, se “divertia”

“Até hoje” não esqueço! Me lembro ainda
Tão deliciosa ação... infinda
Que já ao primeiro contato sonhava
E, em imaginação, praticava
Receber beijos concretados com o delicioso sabor
Com lábios mordidos, amaçados, pelo intenso amor
E, dos momentos, como “sorria”
Verdadeiros tormentos de alegria e se “divertia”

“Até hoje” não esqueço! Nada realmente, posso
esquecer
Da maravilha do nosso viver
Com aquele seu “dengoso” murmurar
Ao me atijar para o “maravilhoso” jeito de amar
Em que o “perfume” se explodia pelo ar
Alegando surpresa por assim estar
E, tentando disfarçar, muito “sorria”
Com radiante alegria e se “divertia”

Para que não me esqueça, diga-me de coração
Como sempre, que seja sinceramente
Para que eu possa acreditar, aqui na minha frente
Sem olvidar a pura verdade
Esbanjando somente felicidade
Em que lugar agora colocar
Pelo tanto que guardo “até hoje” em te amar
Essa “danada” Paixão!

IMAGINAÇÃO?

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Belo jarro de “Cristal”
Totalmente transparente
Mostrando caules atuantes, impertinentes
Ao amparar suas “flores”
Que sobre as “bordas” se deitam
E aceitam
O viver angelical
Só existente em raros amores

Do ligeiro balançar
Pela brisa... pelo ar
Cada pétala suavemente vai se soltando
Com carinho caminhando
Para ao seu “colo” se deitar
Como um verdadeiro cobertor
E do frio a proteger, do jeito que for
Como prova de tão puro amor

Súbito, da aceitação
Meu sorriso de alegria
Em outra posição, fico a imaginar o que faria
Se cada pétala estivesse em meu corpo como que
“materializado”
Bem certo, outro sentimento teria, além da
gratidão
Assim, por você tão amado
Com meu “colorido” abraçado por teu coração
Ah! Quanto prazer! Quanta emoção!

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., também escritor; romancista; poeta; letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazzil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza – Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 24.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, do Tema “Escrevo Por Quê” adicionando o poema “Porque Escrevo”.

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- “Mais do que Buquê” e “Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!” na Editora Trevo, no Brasil – Poemas;

- “No Caminhar” e “Sentimentos... Amor... Saudade” ... na Editora Poesia Impossível em Lisboa – Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Poemas;

- “Ardente Encontro” e “Seis Meses”, na Editora Astrolábio em Lisboa – Portugal, do Grupo Editorial Atlântico – Romances.

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

Instagram: [joaquimgouvea_](https://www.instagram.com/joaquimgouvea_)

Um livro pode
conter um
universo
inteiro, por
mais infinito
que seja.



Revista Conexão Literatura

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS NOTURNOS

VOL. V

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ANTOLOGIA NACIONAL

E-BOOK

POEMAS NOTURNOS

VOLUME V

saiba mais: clique aqui

x x x x
x x x x
x x x x
x x x x

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

• **DIVULGUE
PARA + DE
500 MIL
LEITORES**

• **POR APENAS**

R\$ 150



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

Dois Gatinhos

Por Meire Marion

**Dois gatinhos pretos, de olhos intensos,
Correm e brincam pelo bairro imenso.
Com seus pelos negros e macios,
Encantam a todos com seus desafios.**

**São ágeis e espertos, como dançarinos,
Saltam e pulam como pequenos felinos.
Suas unhas afiadas, prontas para caçar,
Exploram os cantos desconhecidos sem
parar.**

**Na escuridão da noite, eles se destacam,
Seus olhos como faíscas piscam.
São companheiros de demasiada
aventura,
Juntos enfrentam qualquer situação
com bravura.**

**Dois gatinhos pretos, sempre unidos,
Com suas vibrações e sons divertidos.
Trazem riso e alegria para quem os vê,
fazem todos se encantarem com o seu
jeito de ser.**



Muffin & Sushi

**Sobre a autora: Meire Marion, professora
de inglês, língua e literatura desde
1982, quando voltou dos Estados Unidos
após ter vivido lá por 11 anos. Escritora
dos livros infanto-juvenis Charlie the
Fish (2018), O primo do Charlie (2018), O
menino que não sabia de onde veio
(2021) Dois Gatinhos (2021) e THINK,
FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também
participa de diversas antologias com
poemas e contos.**

DICAS PARA LEITURA

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
INFANTOJUVENIS, REÚNE TEXTOS DE
ALGUNS DOS MELHORES AUTORES
NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE
ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É
GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO
SITE DA REVISTA CONEXÃO
LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POEMAS FLORAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

MINHA PRECE À MÃE APARECIDA

Por SÍLVIA GRIJÓ

A mesinha preparada está
coberta com alva toalha,
Meu anjo sorrateiro já vestido
Para não passar despercebido,
Já acendi a vela branca
naquele pires azul,
Combinando com seu manto
cantando um belo louvor,
“Cubra-me com Seu manto de amor”
Acompanhado de grande emoção,
Assim, conectada estou
Com Nossa Senhora Aparecida,
Mãe de cor, Mãe do Salvador...
Olho para o alto, peço uma graça,
Ave, Ave, Mãe Aparecida
Proteja o nosso Brasil
de todas as “pestes” funestas
E de todas desgraças
que rodeiam a nossa nação...
Planta no coração dos homens
a justiça e a coerência...
Ave, Ave, Mãe Aparecida,
A vela está queimando
suas lágrimas vertendo,
Em favor das minhas súplicas,
Ave, Ave Aparecida,
Te agradeço pelas conquistas
pelas graças alcançadas,
És Tu, minha Mãe amada
que me fortalece e enche-me de fé,
Mantendo-me de cabeça erguida
e o corpo sempre de pé,
É a amada Mãe Aparecida



Que ouve atenta nosso clamor,
Recebe com carinho materno
Todos os nossos pedidos,
E com suas mãos sagradas
Ameniza nossa dor...
Ave, Ave, Mãe Aparecida
Envolve-nos com o seu Manto Protetor
Devolve aos homens,
Ao Brasil e ao Mundo,
A justiça, o respeito, a fraternidade,
A paz, a harmonia... E o amor...
AVE, AVE, MÃE APARECIDA...





Por SÍLVIA GRIJÓ

Só
Serei
Flor
Quando
Tu
F(l)ores
No
Meu
Verão...



SÍLVIA GRIJÓ - é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE. É coautora em 05 E-books, 09 cordéis, 44 Antologias. É membro efetiva das confrarias- ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM e Grupo "Formas Em Poemas"; atua nos Projetos "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural". Fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Foi condecorada com os prêmios:"Arara Cultural 07/22; "22° Prêmio Cidade de Manaus,10/22", "Premium Internacional da Amazônia/2023, Prêmio Literário "Pena de Ouro-AM, 07/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa. Silvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento - é dar a luz com a própria alma.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. IV

UNIVERSO DA POESIA

ANTOLOGIA POÉTICA - VOL. IV

E-BOOK

Ademir Pascale
Organizador

saiba mais: clique aqui

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

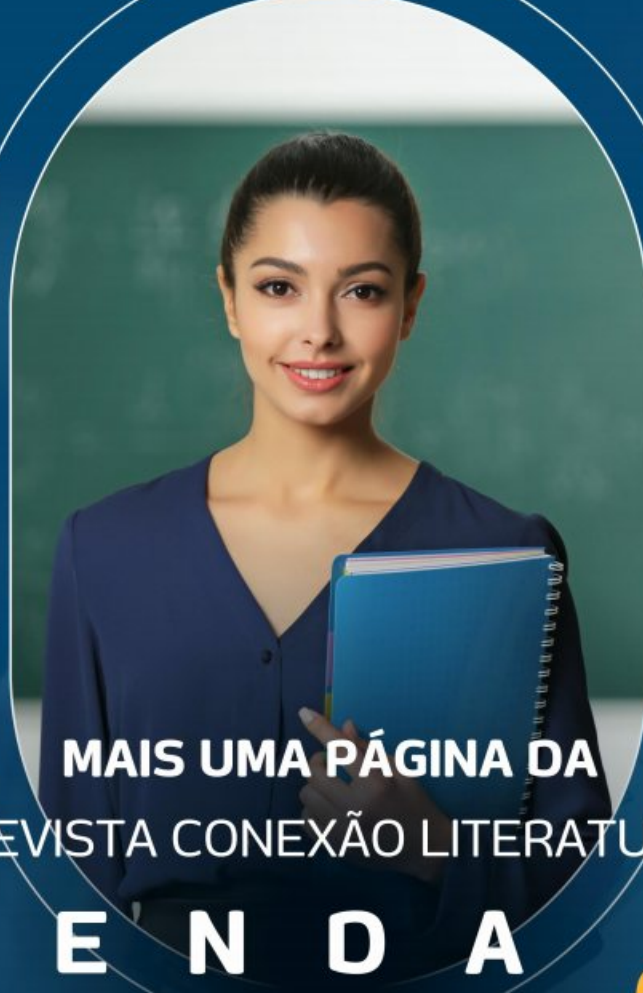
AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA



ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

Formalidades

Por Renan Apolônio

As formas da poesia são abertas
A ideias que quiserem expressar.
Não serve a rima para estrangular
Ideias livres, emoções libertas.

Os versos servem para forma dar
Aos sonhos de uma alma já desperta.
Se o coração, cansado, se aperta,
Recorre às formas para se expressar.

Assim ninguém jamais pode dizer
Que quer ser livre de formalidade.
A forma é própria do ato de escrever.

Ninguém me diga tal atrocidade,
Que eu digo "Tu não venhas ofender
À arte se não tens criatividade".

Para fazer poesia

Por Renan Apolônio

Para formar uma bela poesia
Não é preciso só imaginação.
É necessário ter no coração
Um misto de ideia e de magia.

A poesia é mais que rimação,
É pôr, em versos, dor e alegria.
É ver, às vezes com assimetria,
Em meio às paixões, uma razão.

No entanto, a poesia não está
Somente nas estrofes dos poemas.
Aquele que abre os olhos a verá

Nas cordas, nas canções e nos dilemas,
No pássaro e na flor. Sempre haverá
Poesia nas manhãs das açucenas.



Monge

Por Renan Apolônio

Entre as paredes grossas, insondáveis,
Entre as estantes várias, entre os livros,
Resgatas à escritura de homens vivos
Palavras de histórias infindáveis.

Nos vastos mosteiros há altivos
Discípulos de regras invioláveis,
Mas tu desejas glórias impensáveis
Que outros não entendem - são cativos.

Mas tu és livre, e vives compilando
Palavras, caracteres, mil figuras
Que pouco a pouco tu vais desenhando.

Eternas serão tuas iluminuras
Que a todo o mundo estão iluminando
Nas belas, nas sagradas Escrituras.

Porque escrevo

Por Renan Apolônio

“Pergunte-se a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: preciso escrever?” Rilke

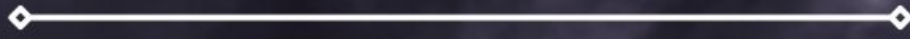
Eu escrevo e me pergunto o porque
De essa ação me ser tão natural.
Procuro uma resposta racional,
Sentado em meu pequeno ateliê.

Escrevo, e me parece tão normal
Que a minha mão já quase antevê
Palavras que eu escrevo pra você,
Minha destinatária habitual.

Porque escrevo? Não sei explicar,
Somente sei que não posso para.
O faço porque sinto que o devo.

Eu devo, e mais que isso, eu preciso
Passar a tinta sobre o papel liso.
Me sinto mais feliz porque escrevo.

Renan Apolônio, de Olinda, Pernambuco.



Advogado, escritor e tradutor. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB). Fundador e Presidente da Associação Brasileira de Escritores Santos dos Últimos Dias (ABESUD). Escreve poesia, contos, ensaios, alguns deles publicados nas revistas Liahona, El Pregonero de Deseret, Irreantum, Revista Conexão Literatura, Revista Caderno de Literatura, além de publicações em revistas científicas. Editor do blog crepusculismo, onde escreve ensaios e traduções sobre a obra literária de Stephenie Meyer. Blog pessoal do escritor: <https://renanapolonio.blogspot.com>



ENTREVISTA COM CARLOS FERNANDO VERNE



Carlos Fernando Verne

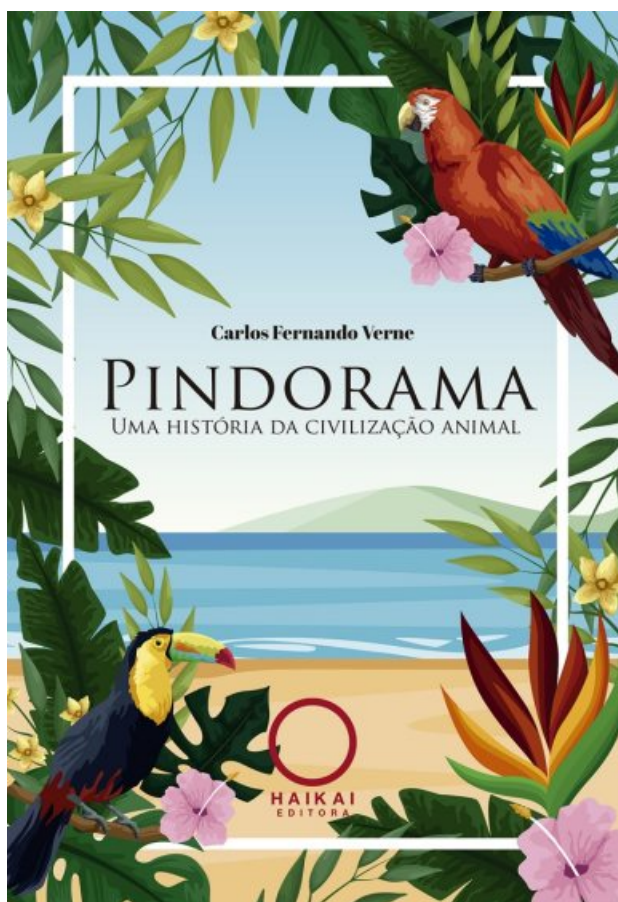
Carlos Fernando Verne é um escritor carioca, formado em Direito e servidor público do Judiciário Federal. Nas horas livres é leitor compulsivo, humorista ácido e não necessariamente engraçado. E por fim, é um cinéfilo extremamente dedicado ao ofício. nos últimos tempos, têm se tornado ativista político nas redes sociais (Twitter) Vive sob o slogan "LITERATURA E FORÇA SEMPRE".



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carlos Fernando Verne: Ler e escrever para mim sempre foi a melhor forma de relaxar, de se divertir mesmo. Porém, nos últimos anos eu passei a sentir uma vontade insaciável de me inserir e participar do meio literário de forma ativa, porque na verdade eu sempre estive acompanhando tudo de perto, feiras, eventos, blogs, revistas. Mas sempre como expectador, e então, em 2021 eu resolvi passar a escrever com mais seriedade e decidi me profissionalizar para estar onde eu sempre estive e adoro estar, ou seja, no meio literário.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "Pindorama - Uma história da civilização animal". Poderia comentar?

Carlos Fernando Verne: Pindorama surgiu a partir das observações políticas de tudo que aconteceu no Brasil, a partir de 2016 culminando com a ascensão ao poder de um governo de extrema direita no final de 2018. Na verdade, quando comecei a escrever, ainda não havia nada pré-definido, e sendo assim, nas primeiras 10 páginas eu não sabia ao certo a direção que iria tomar. Nesse momento, eu parei por uns dias e me dediquei somente a refletir sobre o que exatamente eu queria transmitir com aquela história, e foi nessa parada que eu consegui perceber o que era importante mostrar no livro, ou seja, escrachar literalmente a situação política que o Brasil estava vivendo e ao mesmo tempo, não abandonar aquilo que eu queria mostrar sobre a questão

ambiental. Então, Pindorama é isso, uma história sobre como se iniciou o flagelo ambiental da mata atlântica e o tráfico de animais silvestre, mixado, por assim dizer, aos 4 anos de governo no Brasil compreendendo o período entre 2019 a 2022.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Carlos Fernando Verne: Eu não necessariamente tenho um processo rígido e pré-definido de criação, eu simplesmente me sento, me concentro, respiro fundo e escrevo. A única coisa que me preocupa quando eu estou construindo um texto é a ideia de não escrever atoa, ou seja, escrever algo sem um valor para ser absorvido, então, eu tenha

enraizado a convicção de que é inviável escrever, sem ter em mente que é preciso transmitir valores, princípios e ideias e passa-los aos leitores, em outras palavras, escrever ficção, mas sem perder de vista a realidade e por isso, eu me sinto na obrigação de não desperdiçar o tempo de leitor com algo que ele lerá e que ao final, não vai lhe acrescentar nada. então, eu preciso sempre passar alguma ideia, algum valor embutido no texto página por página, se não, me sinto em dívida com quem vai ler.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Carlos Fernando Verne: No capítulo "O GOLPE" Quando o macacão Azedo institui um regime autoritário, ou seja, uma ditadura, o discurso dele, é na verdade o mesmo discurso usado pelo general Castelo Branco após o golpe de 1964. Eu fiz questão de usar as mesmas palavras como um simbolismo, até para mostrar o que atualmente estava quase se repetindo em 2022. E, eu entendo que os leitores irão perceber claramente através das palavras e do comportamento do personagem principal, de quem estamos tratando naquele momento. Então, para resumir, Pindorama é um livro essencialmente político do início ao fim.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carlos Fernando Verne: O livro está disponível para venda na Amazon.br em formato e-book, a versão impressa com capa comum, somente pode ser encontrada na Amazon.com. o KDP leva algumas semanas para habilitar a versão impressa aqui no Brasil, segundo o suporte deles, em mais ou menos 8 semanas, ele estará disponível aqui no Brasil também.

Em breve lançarei um blog e um site com o mesmo nome do livro.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Carlos Fernando Verne: A minha dica é sempre a mesma. Escrevam usando os dois pés e um i. O primeiro P é de paixão, porque para escrever, principalmente aqui no Brasil, onde praticamente não existe nenhum retorno financeiro significativo para os escritores, é preciso acima de tudo ter paixão pelo que faz, senão você não faz, e depois tem o segundo P de pesquisa, é preciso pesquisar, ler bastante, ler até a exaustão antes de escrever, caso contrário, você não consegue escrever direito nem um bilhete para deixar na porta da geladeira e por último o i de investimento, é preciso investir no seu texto, sendo você independente, ou não, irá precisar no mínimo de um bom revisor, então, busque sempre ajuda dos profissionais do livro e por último, nunca esqueça de tomar a primeira e mais importante de todas as providências, registre seu texto.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carlos Fernando Verne: Sim, com certeza. Vou relançar meu primeiro livro chamado "PELE NEGRA". Que eu retirei de venda a alguns meses, para justamente, poder dar

uma vestidura mais profissional ao texto. No final de outubro, ele estará disponível novamente. Esse é um livro não tão político quanto Pindorama, é uma narrativa mais social. Ou seja, voltado para as questões importantes como o racismo, a intolerância religiosa, o homossexualismo, o analfabetismo e a falta de qualificação profissional.

Perguntas rápidas:

LIVRO: O ensaio da cegueira, José Saramago.

ATOR: Selton Mello

FILME: Um sonho de liberdade

HOBBY: Literatura e cinema

DIA ESPECIAL: O dia do nascimento dos meus filhos, tenho dois.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carlos Fernando Verne: Apenas agradecer a oportunidade de apresentar e divulgar o meu livro aqui nesse canal tão especializado que é a Revista Conexão Literatura. Esse é um privilégio que me enche de motivação para continuar seguindo em frente. Um abraço a todos da equipe da revista e a todos os leitores. Muito obrigado e Força sempre.



NOVOS VÍDEOS NO CANAL 

 **CONEXÃO
NERD**

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM HEVERSON SOUZA E COSTA



Heverson Souza e Costa

Heverson Souza e Costa, é bacharel em Direito e trocou a carreira jurídica pelas suas maiores paixões: os idiomas, as viagens e a literatura. Autor das obras “Antes que o sol se ponha” e agora do romance/fantasia “Simplemente o Acaso”, o autor conta também com a participação em antologias e páginas independentes. O escritor busca nas experiências acumuladas por suas viagens e na vivência do dia a dia, a fonte inesgotável para a criação de suas histórias que expressam a complexidade e as incertezas da vida, o que transforma o ato de viver numa misteriosa e maravilhosa aventura.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Heverson Souza e Costa: Desde a infância escrevo histórias imaginárias, pois aprendi a ler muito cedo e os livros sempre foram a minha maior paixão.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Simplesmente o Acaso”. Poderia comentar?

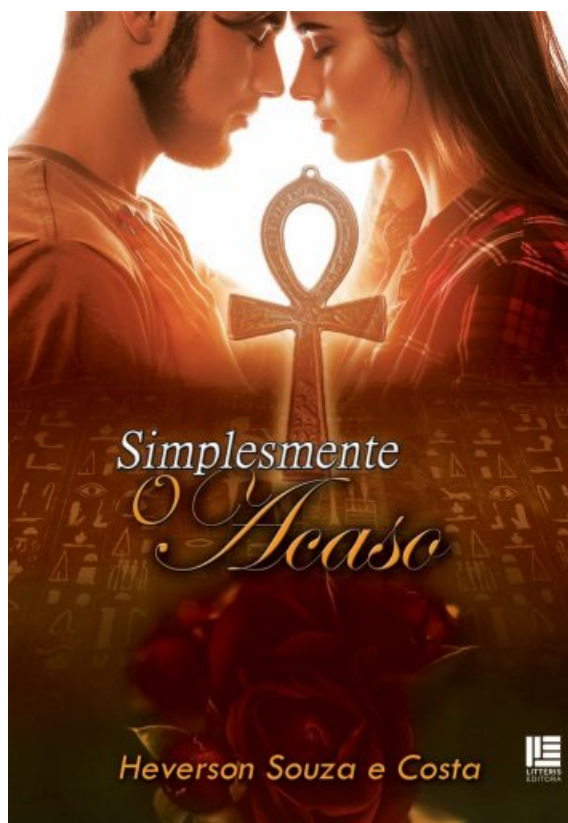
Heverson Souza e Costa: Claro! “Simplesmente o Acaso” é a minha segunda obra e foi literalmente inspirada num sonho que tive enquanto escrevia minha primeira publicação “Antes que o sol se ponha”. Além disso, o livro trás o conhecimento e a experiência acumulada após passar algum tempo no Egito, o meu país de coração e alma. Enfim, é um trabalho que caminha entre o real e a fantasia.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Heverson Souza e Costa: Liberdade total para a minha imaginação, que recorre aos arquivos de lembranças para encontrar os elementos que compõe as histórias. Este arquivo está repleto de viagens, pessoas e situações inusitadas vivenciadas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Heverson Souza e Costa: São 512 páginas de uma complexa aventura, por isso fica difícil escolher um trecho. Porém, vamos lá! “Ao término da prece, todos ouviram o pio de uma águia que os sobrevoava, ao mesmo tempo em que os primeiros raios de sol anunciavam o nascimento de um novo dia. Zoroastro sentiu-se fraco e, se Ahmed não o amparasse, teria caído sem forças para sustentar o próprio corpo. - Olhem! - um dos homens gritou, apontando para frente. Voltaram-se naquela direção indicada e, para regozijo de todos, os primeiros raios de luz da manhã revelaram nas areias do deserto o que parecia ser a entrada de uma caverna. Finalmente haviam chegado à entrada da tumba de Tutemés III.”



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Heverson Souza e Costa: Pelo site da Editora Litteris, Amazon ou diretamente comigo.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Heverson Souza e Costa: Escrevam por amor e como uma forma de realização pessoal. Entrar nesse universo com objetivos meramente econômicos é um grande erro.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Heverson Souza e Costa: Vários rsrs. Já está em produção o meu próximo livro que é uma obra infantil chamada “As aventuras de Joana Manca” e estou escrevendo outros três romances aos quais me dedico de acordo com a inspiração do momento.

Conexão Literatura: Este novo trabalho já recebeu alguma indicação ou está inscrito em alguma premiação literária?

Heverson Souza e Costa: Sim! Está indicado ao Prêmio Jabuti 2023 na categoria Melhor Romance de Entretenimento e também está concorrendo aos prêmios da Biblioteca Nacional e Literatura do Estado de São Paulo.

Perguntas rápidas:

Um livro: “A Casa dos espíritos” de Isabel Allende.

Um ator ou atriz: Atualmente Viola Davis.

Um filme: “O silêncio dos Inocentes”.

Um hobby: Jogar Videogame

Um dia especial: Todas as viagens que já realizei.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Heverson Souza e Costa: Escrever “Simplesmente o Acaso” me ensinou que a linha que separa o mundo real de um universo desconhecido e ao qual também pertencemos é muito tênue. Por isso, devemos acreditar que por trás de tudo há algo muito maior e complexo do que as nossas limitadas mentes humanas são capazes de conceber. Não podemos nem devemos temer os nossos sonhos, pois eles podem ser a porta de entrada para algo maior em nossas vidas.



Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



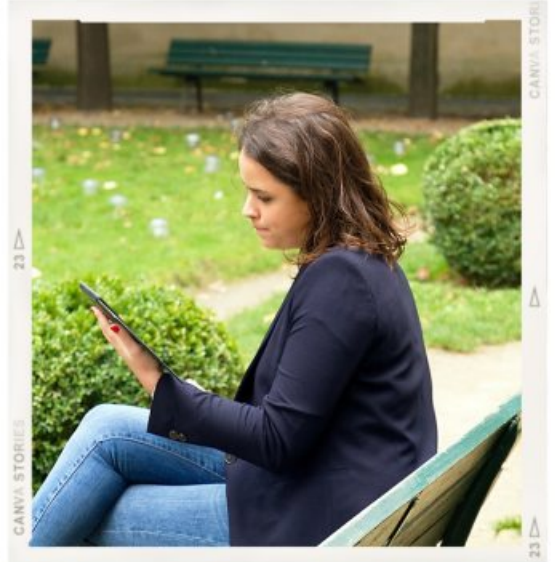
acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

Revista Conexão Literatura



EUA

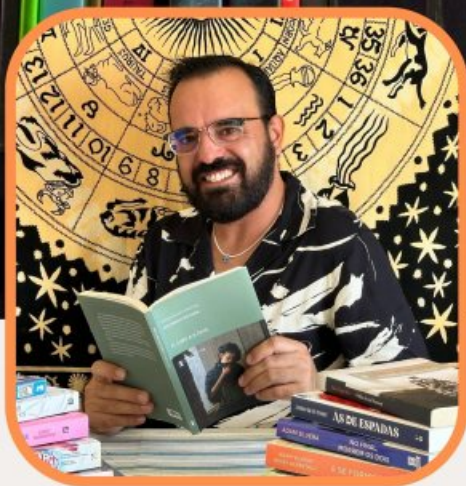


Portugal



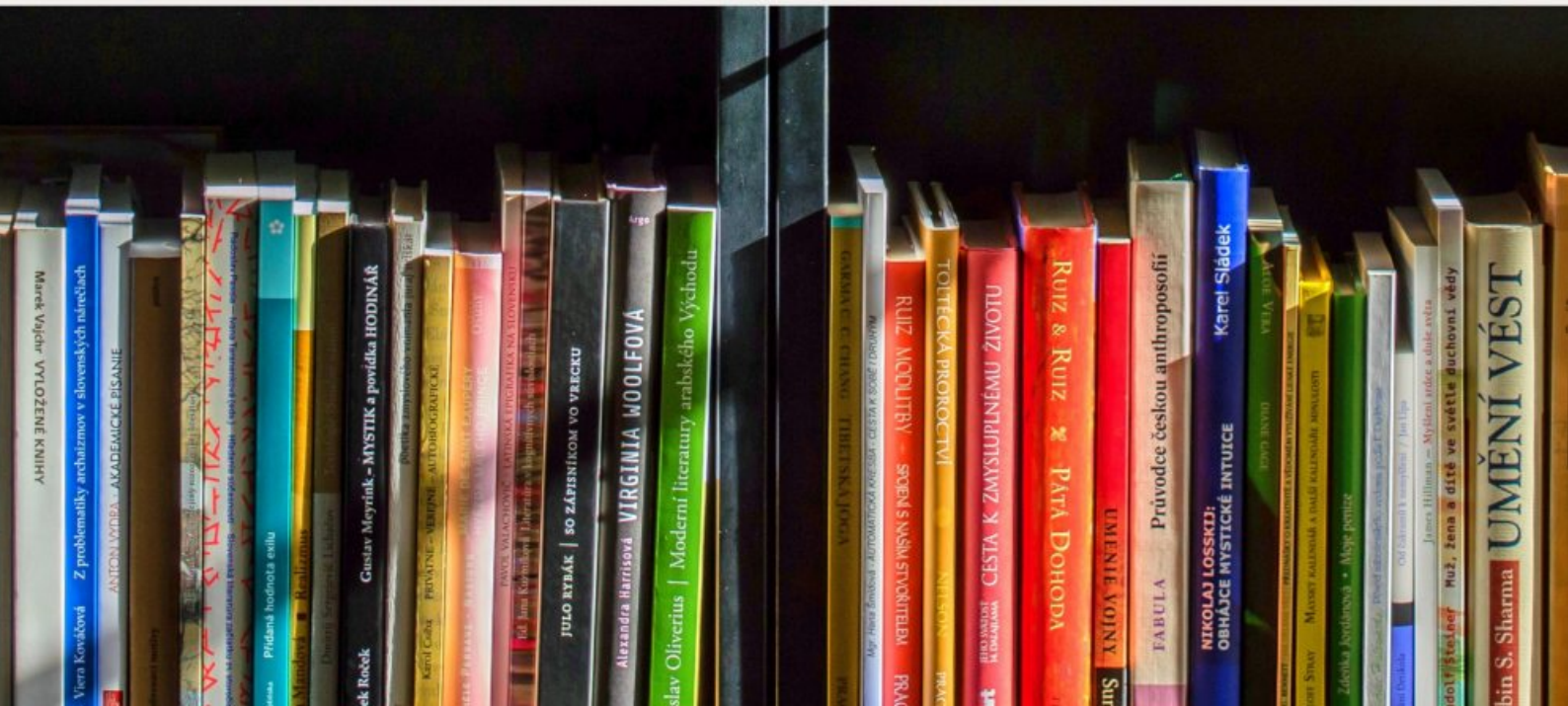
A nossa revista
viaja num 
segundo até você

ENTREVISTA COM JÃO FADÁRIO



João Fadário

João, desde a infância, nutriu uma profunda paixão pelas letras e mostrou habilidades precoces na leitura. Ele é sobrinho-bisneto de Etelvina Tristão, a renomada poetisa conhecida como “Duquesa X” no Circuito Literário e sobrinho da talentosa atriz-poetisa Maria João Fadário, famosa pelo sucesso radiofónico “A Loira do Cemitério”, em Angola. Com um currículo que inclui a escrita de 10 novelas, divididas em 3 Sagas, vários contos e contos infantis, João está, atualmente, a preparar o lançamento da sua 11ª obra, continuando a honrar o legado literário da sua família.



Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Jão Fadário: Eu comecei a escrever histórias desde muito novo. Inicialmente, criava enredos simples, que colocava em prática com bonecos e carrinhos (risos). Meio que já em criança fazia os meus pequenos “filmes”, ainda sem ter absoluta consciência do que estava a fazer. Era simplesmente uma criança, dando largas à imaginação.



Aos 24 anos, redescobri os rascunhos de uma história que tinha começado a escrever na adolescência, enquanto trabalhava numa Biblioteca de Praia. Essa redescoberta reavivou a minha paixão pela escrita e me incentivou a concluir essa novela, que mais tarde se transformaria na história “Vírgulas do Destino: A Vingança!”. Assim, com uma mistura de nostalgia e determinação, dei os passos iniciais da minha jornada no meio literário, honrando o meu Passado e abraçando o meu Futuro como aspirante a escritor.

À medida que a minha paixão pela escrita crescia, também o meu desejo de compartilhar as minhas histórias com um público mais amplo aumentava. Isso me levou a ingressar no mundo dos blogs em 2010. Lá, eu pude interagir com outros entusiastas da literatura nacional e internacional. Em 2013, participei num encontro de bloggers na cidade da Amadora, perto de Lisboa. Esse encontro serviu de inspiração para a criação das 2 primeiras histórias da saga “Vírgulas do Destino”, que serviram para eu experimentar diferentes estilos de escrita, até encontrar a minha “voz”.

Conexão Literatura: Você é autor de diversas novelas, entre elas “Escrito nas Entrelinhas”. Poderia comentar?

Jão Fadário: A trilogia “Escrito nas Entrelinhas” foi um projeto desafiador que me permitiu explorar temas profundos e relevantes para a sociedade contemporânea. Inicialmente, o meu objetivo era criar uma história intrigante com um desfecho

surpreendente, protagonizada por um jovem chamado Jules. No entanto, à medida que a narrativa se desenrolava, percebi a necessidade de abordar questões como as pressões enfrentadas pelos adolescentes, o bullying, o suicídio juvenil, a xenofobia, a cultura ameríndia, entre outros assuntos.

Com o tempo, a série evoluiu, permitindo-me adentrar no gênero do romance policial. Embora cada uma das novelas possa ser lida de forma independente, há uma trama subjacente que se desenvolve, quando todas são lidas em sequência. Assim, “Escrito nas Entrelinhas”, tornou-se uma obra complexa que oferece uma experiência única aos leitores, explorando uma série de temas interligados ao longo das histórias. Mas, tem mais: quem ler as 3 sagas que já escrevi, encontrará, aqui e ali, peças de um “puzzle”. Todas juntas, elas formam uma outra trama dentro das novelas: a história completa de um personagem chamado Mikel, que aparece em 7 das 10 novelas.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Jão Fadário: A minha jornada criativa é uma busca constante por inspiração e expressão. Começo cada projeto com um desejo profundo de compartilhar histórias que despertem emoções e levem os leitores a reflexões profundas. Um aspecto interessante do meu processo criativo é que, geralmente, começo com o final da história já em mente. Para mim, o desafio mais intrigante é traçar o caminho que nos levará a esse desfecho planejado, embora ocasionalmente o final possa ser ajustado durante o processo. No entanto, na maioria das vezes, a história permanece fiel ao seu desfecho original.

No cerne das minhas histórias, busco explorar temas polêmicos e relevantes que incentivem os leitores a debaterem, questionarem e compartilhem as suas próprias perspectivas. A pesquisa desempenha um papel crucial no meu processo criativo, pois acredito que até mesmo em histórias de ficção, a base da realidade enriquece a narrativa.

Para encontrar inspiração, lanço mão de diversas fontes. As minhas experiências pessoais e observações da vida quotidiana frequentemente entrelaçam-se nas tramas que crio. Além disso, a imersão em diferentes gêneros e estilos literários enriquece a minha paleta criativa. Embora eu me sinta atraído por uma variedade de gêneros literários, concentro-me principalmente naqueles que são relevantes para o público-alvo das minhas próprias histórias, a fim de aprender mais sobre eles. Eventos históricos, mitologia e histórias compartilhadas por amigos e familiares também têm um papel importante na minha busca por inspiração.

Quanto ao meu estilo de escrita, ele é influenciado por autores que admiro. Tenho um apreço especial por autores que têm o dom de cativar os leitores com diálogos autênticos e narrativas envolventes.

Em resumo, o meu processo de criação é uma jornada emocionante e eclética, onde busco inspiração em todas as direções. À medida que escrevo, continuo a aprender e a desafiar-me a evoluir como autor. A escrita é uma paixão que nunca deixa de me surpreender e inspirar.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de uma de suas novelas especialmente para os nossos leitores?

Jão Fadário: “(...) Relembrando-se do que acontecera quando lutara contra o terrível Nox, Mikel acenou com a cabeça. Ele reafirmou que todos teriam de unir os seus corações ao Príncipe Guardião do Planeta Terra. Os 4 amigos aproximaram-se de Titus e empunharam as suas armas, tocando com elas nas luvas de Titus. Com voz decidida, exclamaram, à vez:

- *Em nome da Coragem!* - gritou Caleb.

- *Em nome da Amizade!* - gritou Renge.

- *Em nome da Aceitação!* - gritou Razor.

- *Em nome da Esperança!* - gritou Mikel.

As luvas do Príncipe Titus brilharam ainda mais intensamente!

A gigantesca esfera de luz aproximava-se a olhos vistos, quando o Príncipe Titus gritou, a plenos pulmões:

- *Em nome do Amor, que nasce da Coragem, da Amizade, da Aceitação e da Esperança!*

- Vocês nunca me irão vencer, seus malditos! O vosso poder não é suficiente! - gritou Nexus.

- Não vamos desistir! Nós temos os nossos corações cheios de Esperança!!! Nós somos os Sombras da Luz! Vamos lutar até ao fim pelos nossos sonhos! Querido Kyle! Se me escutares... Luta! Meu irmão, nós estamos aqui para salvar-te! - gritou Mikel, levantando a sua espada o mais alto que podia!” (in “Sombras da Luz: Skyfall”)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir as suas novelas e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jão Fadário: Posso compartilhar o link do meu blog:

<https://errodefabrico.blogspot.com>

Lá você encontrará as minhas histórias nas Páginas: “Pescador de Sonhos #1” e “Pescador de Sonhos #4”, os meus contos na Página: “Pescador de Sonhos #2” e os contos infantis na Página: “Pescador de Sonhos #3”.

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

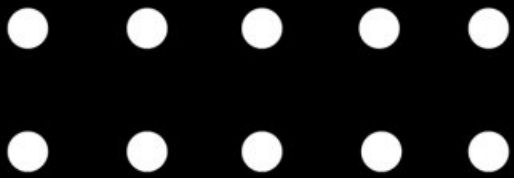
Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

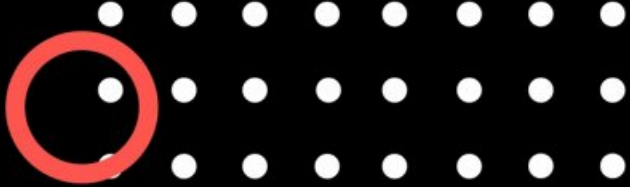
O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





RACHEL DE QUEIROZ

A vida é uma tarefa que
não pode ser dividida com
ninguém.



CAROLINA MARIA DE JESUS

Quem não tem amigo mas
tem um livro tem uma
estrada.



LYGIA FAGUNDES TELLES

A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

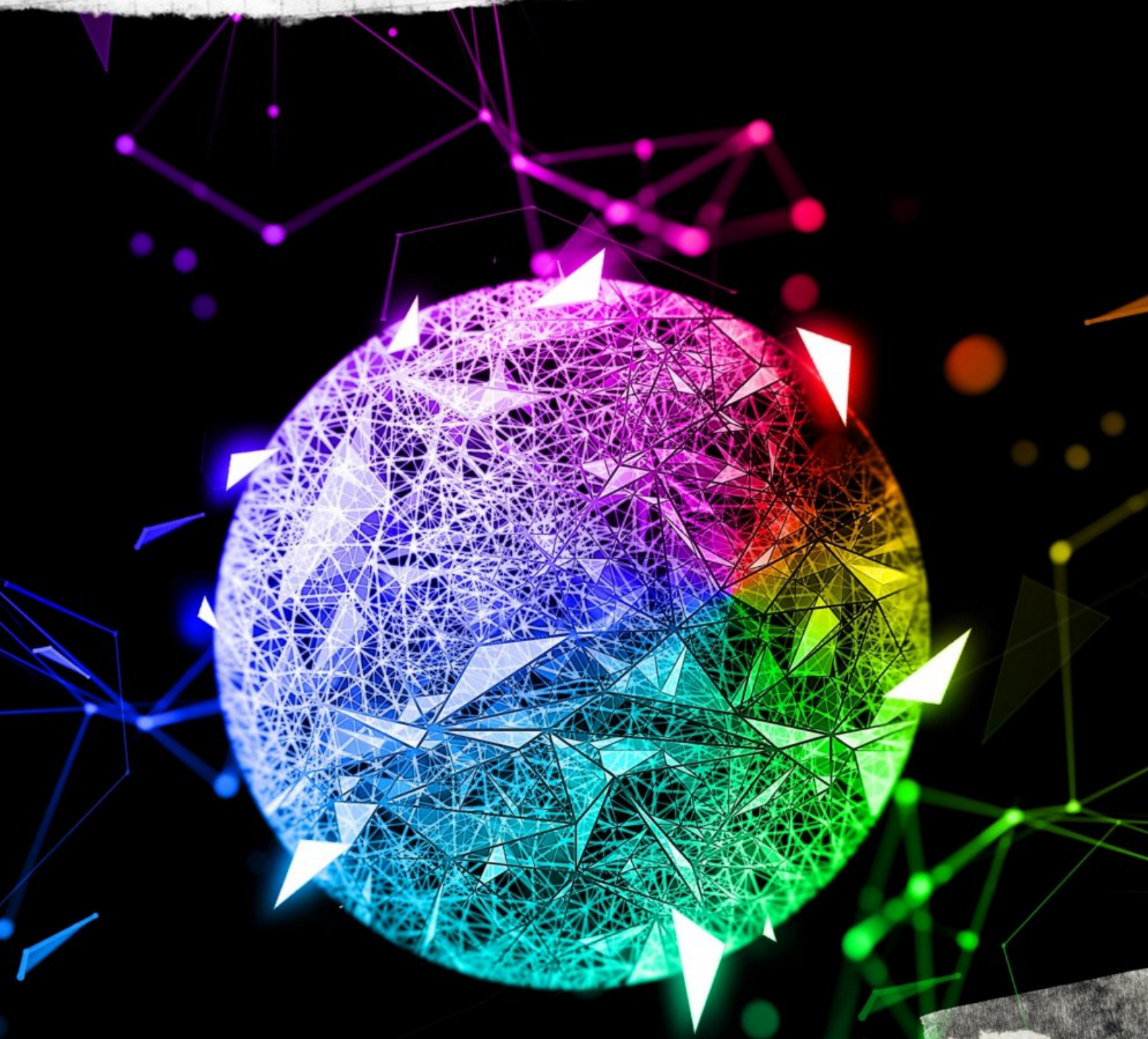
SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR ADEMIR PASCALE



A ORIGEM DO UNIVERSO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Antes do início, tudo era um grande vazio, escuro e sem vida. Mas apenas para o conhecimento humano, pois em uma outra dimensão, incríveis seres faziam morada num imenso planeta sem cor, possuidores de uma tecnologia tão avançada, que não existiam palavras para descrevê-la. Deuses... Sim, eles eram deuses. O conhecimento sobre o tempo não existia e nem eles próprios sabiam como surgiram. Mas ninguém estava acima deles e nada os ameaçava, nem mesmo a própria morte.

Entre eles existiam deuses adultos; homens e mulheres. Mas também havia crianças, destacando um deus-menino chamado Ramurak.

Ramurak era filho de Hamutá e Ranub, um dos mais respeitados deuses. Alguns diziam que ele, Ranub, tinha sido o primeiro do seu povo. Outros arriscavam em dizer que ele era o próprio criador de toda a sua poderosa raça. Ele sabia que não era o criador e que esse assunto estava acima da sua compreensão, mas sabia que o seu único filho Ramurak, era diferente dos outros deuses, pois era o único que possuía sentimentos.

Hamutá, a deusa-mãe, não compreendia os sentimentos do filho e quase sempre rejeitava suas curiosas ideias. Ranub, embora não possuísse sentimentos, sabia o que era: algo perigoso para a sua raça de deuses. Mesmo assim, pai e mãe, mantiveram segredo sobre a diferença do filho para com os demais.

Isolado das outras crianças que mais se pareciam com adultos, os pais, para distraírem o filho, deram-lhe de presente uma pequena esfera que, através dela, Ramurak visualizava todas as cores, algo inexistente em seu planeta.

E com a palma da mão virada para cima, o pequeno deus deixava a esfera flutuar.

Inicialmente, foi uma grande diversão. Mas depois o brinquedo tornou-se enjoativo. E em uma pequena nave incolor em formato de esfera, numa das viagens com seus pais pelo deserto do universo em busca de mais conhecimento, Ramurak, cansado em não ver nada diferente, distanciou-se e numa pequena distração de Hamutá e Ranub, o pequenino, num estalar de dedos, criou o que é chamado hoje pelos cientistas de Big Bang, o início do desenvolvimento do universo. Hamutá, percebendo o que o filho fizera, fez sinal de desaprovação. Ranub olhou sério para o filho e depois para a sua criação, enxergando o que aquilo viria a ser: milhares de galáxias com bilhões de planetas habitados. Ele olhou mais uma vez para o filho e pela primeira vez em sua eterna vida aprendeu o que era felicidade. A mãe, vendo a cena, acabou compreendendo que o filho acabara de fazer algo grandioso.

A viagem pelo deserto do universo tinha valido a pena, pois ambos aprenderam muito.

E enquanto retornavam para o seu planeta, os dois, pai e mãe, seguraram, um de cada lado, as mãos do filho, dando conselhos de que um dia ele faria algo ainda maior do que acabara de fazer.

A única coisa que eles não perceberam, era que o brinquedo do filho, a pequena esfera flutuante, ficara para trás. E ela vagou e presenciou a formação do universo se expandir e tomar enormes proporções por muito, muito tempo...

Com o passar dos milênios, uma crosta rochosa foi surgindo em torno da esfera, tornando-a num meteoro com mais de oito quilômetros, viajando numa velocidade aproximada de 72.000 km/h, passando por incontáveis estrelas e planetas, sentindo a força vital de cada um deles, presenciando o nascer e o morrer através de destruições naturais e incontáveis guerras.

A esfera, mesmo sendo um ser inanimado, precisava encontrar um destino, um lar que lhe acolhesse e preservasse a sua existência, mesmo ela desconhecendo qualquer coisa que pudesse destruí-la, pois foi criada por Hamutá e Ranub, pais de Ramurak, o Criador de toda a vida existente no universo. O ser do qual simplesmente chamamos de Deus.

Ela vagou e selecionou poucos planetas dos quais lhe agradou. Mas um era especial, devido a sua exuberante cor azul.

Sim, depois de vagar por bilhões de anos, ela finalmente encontrou o seu destino: o planeta Terra.

O impacto foi devastador, liberando uma energia desconunal, comparada a um milhão de bombas atômicas. O ser, chamado Esfera, não pretendia ter causado tamanho caos, mas acabou gerando a destruição de inúmeras espécies, pois a sua queda causou incêndios, chuvas ácidas e a liberação de gases, poeira e partículas de carboneto, bloqueando a luz solar gerando a drástica queda em sua temperatura. Com o passar dos anos, apenas os seres mais resistentes sobreviveram.

A Esfera, fora do seu casco rochoso, vagou solitariamente pelo nosso planeta e vislumbrou, aos poucos, ele se reerguendo e novamente ganhando vida.

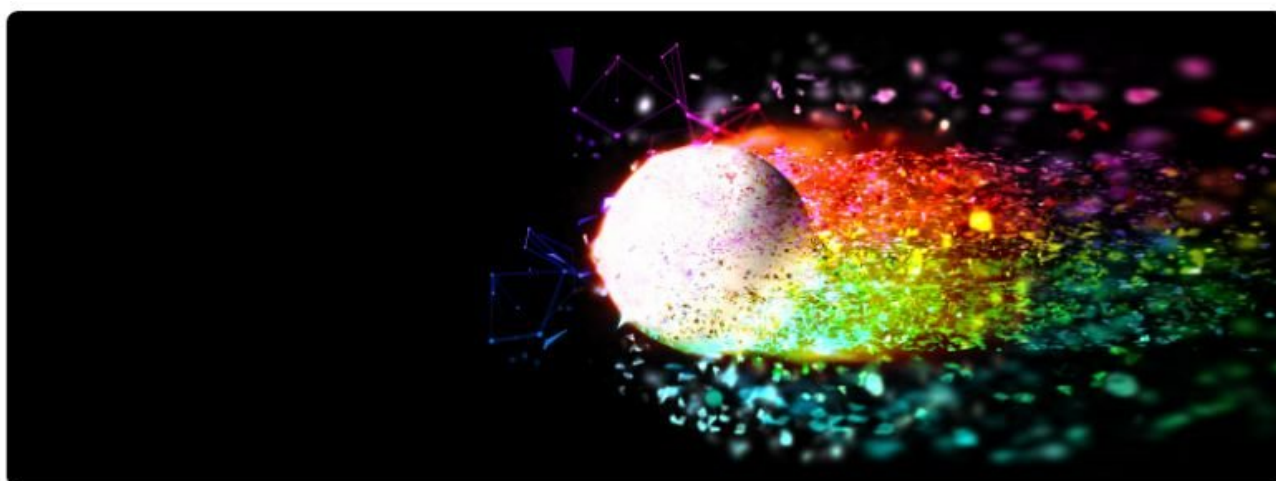
O tempo passou e a Esfera, cansada de vagar a esmo, encontrou morada numa pequena caverna. Ali ela estaria protegida. E mesmo sendo considerada um brinquedo nas mãos de um deus-menino, era a criação de dois poderosos deuses. De certa forma ela sabia que deveria ficar naquela caverna e esperar.

Esperar por alguém que precisasse dela. Esperar por alguém que a possuísse. Pois ela nasceu apenas para servir. Esta era a sua função.

E ela esperou solitária nas trevas de uma simples cavidade rochosa.

Ela que vislumbrou o nascimento do universo. Ela que presenciou nações inteiras sucumbirem pela ganância de seus líderes. Ela que esteve presente no momento fúnebre da morte de milhares de estrelas. Ela que agora adormece esperando apenas que alguém a encontre.

Até o dia em que ela percebeu que não estava só: o som de crianças brincando no lado exterior da caverna a despertou do transe. Finalmente chegara o momento de mostrar para o mundo que ela existia. E que um dia esteve nas pequeninas mãos do Grande Criador de todas as coisas.



Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.blogspot.com>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã nº 1 de Mauricio de Sousa, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CONTO
POR ADEMIR PASCALE

DE VOLTA À VIDA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Seu grande manto negro esvoaça entre as lápides, apagando algumas velas sobre o túmulo de um recém-chegado. Seus olhos sepulcrais visualizam o vaivém de alguns gatos no cemitério, enquanto que seus dedos esqueléticos tamborilam sobre o cabo de madeira de sua antiga foice.

— Almas do além. Ouçam o que tenho a lhes dizer... — ainda segurando a foice, a Morte abre os seus longos braços, deixando sua sombra percorrer os túmulos que estão à sua volta. — Hoje é uma noite especial. Após anos neste cemitério, darei oportunidade para um de vocês reviver por alguns dias. O escolhido poderá voltar à vida e resolver assuntos que ficaram pendentes entre os vivos.

As almas começam a sair das sombras e, desconfiadas com a oferta, entreolham-se. Algumas estão ali desde 1830. E mesmo após a morte, de uma maneira diferente, permanecem com suas fisionomias e características humanas.

Após o anúncio da Morte, as almas começam a sussurrar, mas em poucos minutos entram em alvoroço discutindo como seria essa tal escolha. Afinal, qual deles irá ressuscitar?

— Silêncio, caros amigos imortais! — a Morte pede silêncio, mas não é ouvida, então pede novamente num tom mais elevado: — SILÊNCIO, ALMAS PENADAS DO ALÉM! — as almas continuam discutindo e não dão ouvidos à Morte que já aparenta irritação, deixando emanar um brilho avermelhado sobre o seu manto esvoaçante, enquanto que as órbitas de suas cavidades ósseas chispam faíscas de fogo.

— SILÊNCIO! — a Morte bate o cabo da sua foice no chão, fazendo estremecer os túmulos do cemitério.

Em seguida, o cabo é batido mais três vezes:

TUM!

TUM!

TUM!

Na terceira batida, como num passe de mágica, a foice transforma-se num portal, abrindo-se um círculo disforme que, através dele é possível visualizar o cotidiano do mundo dos vivos.

Todas as almas ficam em silêncio, sendo que uma delas reconhece os humanos que estão ali, bem à sua frente.

E mesmo sem querer, Alonso, que perambula no cemitério desde a sua morte no ano de 2005, é sugado para dentro do portal.

Algumas almas sentem inveja dele, pois elas ainda continuam apegadas aos sentimentos. Outras, sentem alívio por não retornar ao mundo dos vivos.

— Aproveite o seu retorno, Alonso. E lembre-se: estará novamente entre os vivos por apenas alguns dias — a morte olha para a Lua Cheia e em seguida o portal é fechado. Agora Alonso está entre os vivos.

Alonso sente o aroma de Flor de Lótus do incenso sobre o pequeno altar na sala de estar, abre os olhos e a primeira visão novamente entre os vivos, é a de seu irmão olhando atônito para ele.

Quando faleceu, Mário, seu irmão, tinha apenas 15 anos. Hoje é um homem de 33 anos, maduro e barbado.

Mário esfrega os olhos e não acredita no que vê.

— Sou eu, mano. Retornei. Dá cá um abraço, anda. — Mário, ainda confuso, caminha lentamente até o irmão, mas depois deixa os pensamentos de lado e age apenas com o coração.

— Como isso pode ser possível, Alonso? Estive no seu enterro e, embora não o tenha visto dentro do caixão, porque foi lacrado, chorei muito por você. E sua aparência... você não mudou nada, não envelheceu...

— Essa é uma longa história, mas deixemos isso para lá. O que eu mais quero agora é ver e abraçar todo mundo. Cadê o pessoal?

— O pessoal? Cada um foi para um lado; alguns casaram, outros divorciaram, e tem os que mudaram até de país.

— Nossa! E a Claudinha?

— Depois do seu “suposto” enterro, ela caiu na depressão, passou mais de dois anos trancafiada em casa, mas com o passar do tempo ela começou a ir numas sessões de terapia e conheceu um psiquiatra. Hoje eles estão casados, têm três filhos e um cachorro. Uma família linda.

Alonso olha para um retrato seu ainda na parede e recorda-se dos momentos em que passou com a Claudinha, amiga desde a infância. Eles estavam noivos e faltavam poucos meses para se casarem, quando aconteceu o fatídico acidente que tirou-lhe a vida.

— Você está com fome? — pergunta Mário ao irmão.

— Morrendo — sendo sarcástico — de fome. E sabe o que mais quero comer?

— O quê?

— Pizza. Muita pizza.

— Não sei em qual cidade você estava, mas pelo visto lá não tinha pizza, não é?

— Não mesmo...

Mário pega o celular e nota a estranheza do irmão olhando para o aparelho, mas depois desiste de pedir pizza pelo aplicativo. Pelo tempo que passou distante do irmão, acha melhor sair com ele na rua e caminhar lentamente até a pizzaria.

— Nossa, que roupas antiquadas, Alonso. Quer vestir alguma roupa minha?

Alonso olha para suas roupas, mas sente-se bem com elas e prefere não mudá-las, pelo menos por enquanto. Os irmãos saem de casa e a primeira visão da rua foi de estranheza. Tudo está diferente. Novas casas, novos comércios e automóveis diferentes... Parou no tempo e ficou distante dali apenas por 18 anos, mas sente que está num novo mundo.

— Se eu contar para o pessoal que você voltou, ninguém irá acreditar. Depois irei tirar uma foto com você para postar em nosso grupo do zap.

Alonso não entende o que o irmão diz, afinal, não sabe que raios poderia ser um grupo do zap.

Acostumado com o silêncio do cemitério, o som das buzinas dos carros e toda a movimentação na rua, causam-lhe desconforto.

Na pizzaria, Alonso nota as pessoas sentadas com seus celulares e não entende o motivo delas não desgrudarem o olhar dos seus aparelhos, pois em sua época, o seu

celular, além ser um modelo bem diferente, servia apenas para fazer e receber ligações, ouvir músicas e jogar alguns joguinhos. Um casal na mesa ao lado não conversa e nem trocam olhares, ambos estão teclando e olhando fixamente para seus celulares. Alonso sorri ao compará-los com zumbis e sente que o contato humano está diluindo-se com o tempo. E observando bem as pessoas ali presentes, percebe algo sobrenatural que jamais presenciara quando estava entre os humanos, provavelmente porque um simples humano não consegue enxergar além do que vê: uma emanção disforme e colorida em torno dos corpos, ou simplesmente o que podemos chamar de “aura”. As cores variam dependendo do estado emocional de cada pessoa.

O garçom entrega o cardápio aos irmãos. E sem muito rodeio, pedem a pizza que mais amam: Margherita.

Alonso, apesar de estar feliz com a presença do irmão, sente-se deslocado naquele ambiente. Durante esse tempo no cemitério, viu coisas que jamais imaginaria ver, além de saber mais do que qualquer um à sua volta: as almas são imortais e estão presentes desde a criação do universo. Tudo faz parte do elemento da criação, que se separado em quatro partes, teremos água, terra, ar e fogo.

Preso no cemitério, ele e tantos outros aguardam pela próxima etapa; passar para um nível diferente. Mas agora, por algum motivo que desconhece, foi ressuscitado pela própria Morte, mesmo que por pouco tempo.

Algo desperta a sua atenção: Claudinha, sua amiga e ex-noiva, entra na pizzaria e está acompanhada do marido. Ela está feliz e sua aura apresenta um tom alaranjado. Mário também nota a sua presença, pensa em chamá-la para contar sobre a novidade, mas percebe o desapontamento de Alonso, que muda o semblante drasticamente.

— Quer ir embora, Alonso?

— Não, não. Viemos aqui para comer pizza e para lembrar dos bons tempos, mas é difícil aceitar algumas coisas... Se eu estivesse continuado viv..., quer dizer, aqui, as coisas hoje seriam bem diferentes.

Alonso sente uma dor imensurável no peito, algo que não recordava como era.

Estar vivo é sentir uma mistura de sentimentos.

Alonso suspira e enquanto o irmão olha o celular, reflete sobre os acontecimentos: ele perdeu a vida cedo demais, mas tudo parece ter a sua hora e o que passou, parece não ter retorno. A Claudinha já tinha a sua vida. Seus parentes já estavam acostumados com a sua morte. E estava completamente deslocado e desatualizado.

A pizza finalmente chega. Os dois comem desesperadamente, principalmente Alonso.

— Mano, ainda não consigo acreditar que você está aqui. Isso parece um sonho e tenho medo de acordar a qualquer momento — diz Mário olhando para o irmão.

— Não é um sonho, isso está muito além disso e nem eu mesmo sei o real motivo de estar aqui.

— Não sei em que lugar você esteve, mas foi bom ter retornado. Sabe, quando achei que você tinha morrido, senti um nó na garganta, pois imaginei que nunca mais poderia falar o quanto você era importante em minha vida, pedir desculpas pelas “molecagens”, mesmo que de brincadeira, que fiz com você... Agora, depois de lhe dizer isso, sinto-me mais aliviado.

— Apesar da minha mente ainda estar confusa, também sinto-me mais aliviado com o que disse. Vi que a Claudinha está bem e que todos seguiram as suas vidas. Agora percebo que tudo tem o seu tempo e que temos que aproveitar cada dia como se fosse o último junto das pessoas que amamos — Alonso termina de comer o último pedaço da pizza, levanta e vai ao banheiro tomando todas as cautelas para que a Claudinha não lhe veja. Com o banheiro vazio, olha-se no espelho e sente um arrepio ao ver sua aparência humana.

Apesar de tudo, está feliz por saber que todos estão bem e essa felicidade gera-lhe uma lágrima que percorre o seu rosto lentamente e, ao cair sobre a pia, a luz se apaga e todo o murmurar do salão da pizzaria, cessa.

Alonso olha para os lados e sente a temperatura cair drasticamente e percebe no reflexo do espelho que uma luz avermelhada surge atrás dele, deixando o local iluminado.

Dois longos braços esqueléticos se abrem. Em uma de suas mãos está a sua antiga foice. O seu manto parece ter vida própria e percorre cada canto daquele banheiro.

Alonso sabe que essa manifestação tem nome: Morte.

— Estou surpreendido, Alonso, pois você conseguiu superar minhas expectativas. Em apenas um dia, conseguiu o que muitos não conseguiram numa vida.

Alonso fica sem saber sobre o quê a Morte está falando. Então ela continua:

— Trouxe você novamente à vida, pois tinha que saber se estava realmente preparado para o outro nível, além de que tinham restado algumas pendências entre você e seu irmão. A dor que ele sentia em não ter dito o que desejava para você em vida, prendia sua alma neste plano. Mas agora você está livre.

Depois das palavras da Morte, Alonso compreende o real motivo da sua vinda. Está mais leve e feliz, além de que sempre gostou de desafios. Ir para outro nível? Será bem interessante, pois finalmente conseguirá obter conhecimento além de qualquer outro humano ou alma penada que ainda está presa neste mundo.

A Morte bate o cabo da sua foice no chão e um furacão começa a desmaterializar as paredes do banheiro, assim como o chão e tudo ao seu redor. Alonso fica suspenso no vazio e seu corpo toma outra forma, tornando-se um ser de luz.

Um túnel surge à sua frente e mesmo que involuntariamente, começa a ser sugado em sua direção.

O que Alonso encontrará do outro lado, já será uma outra história.

Em nosso plano espiritual, o tempo congela por alguns minutos. No salão da pizzaria, Mário permanece inerte olhando para o seu último pedaço de pizza, mas depois tudo volta ao normal e, sem lembrar que esteve com Alonso, fica confuso em notar o prato sujo, copo com vinho pela metade e talheres que estão do outro lado da mesa.

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com>). Membro Efetivo da Academia de

Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã nº 1 de Mauricio de Sousa, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



CONTO
POR NEY ALENCAR



A CAUDA DA RAPOSA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“Ao ponderar a questão da existência humana,
Um Corvo perguntaria como e por que estamos aqui,
Enquanto uma raposa provavelmente apenas perguntaria por que não?”

— 15ª Pergunta ao Imperador

Era no tempo do último imperador da dinastia Ming.
Essa era uma história antiga, contada pelo louva-a-deus ao junco que a
repetiu depois ao pardal, como se fosse uma anedota.

Dentro da velha floresta que cercava a montanha Ki havia uma cabana.

Estava caindo aos pedaços e parte do teto já não existia, mas estava movimentada.

No aposento maior, por entre a poeira e as sombras do fim da tarde um urso se sentava.

À sua frente um texugo, uma raposa e uma serpente aguardavam.

O urso rugiu baixo:

— Quem é o responsável pelo templo do topo do monte?

A raposa moveu-se desconfortável, mas respondeu:

— Eu sou!

— Sabe que lá não deveriam morar homens, não sabe? — perguntou o urso olhando fixamente para ela.

— Sei.

— Porque existe um homem vivendo no templo?

— Foi Buda que o trouxe até lá durante a última tempestade. — respondeu o texugo.

— Com que propósito? — perguntou o urso olhando para o texugo.

— Não sabemos. — respondeu a serpente baixando a cabeça.

— Devem descobrir. — exigiu o urso — Não podemos deixar um homem vivendo lá sem conhecermos seu propósito.

Os outros três animais concordaram com um movimento de cabeça.

A raposa correu para fora com o texugo.

A serpente, transformando-se em um pequeno dragão alado, voou por uma janela quebrada.

O urso ficou!

Uma semana se passou sem que viessem notícias.

Uma tarde o urso veio até a janela quebrada e rugiu baixo, um som rouco que reverberou pelas matas daquela parte da montanha.

Na vertente do Monte Ki o javali ouviu o chamado e veio.

E também o macaco, do outro lado do monte, das fontes termais.

A garça trouxe o sapo e o louva-a-deus!

Todos se prostraram diante do urso, mas nenhum deles sabia o propósito do homem no templo do topo do monte Ki!

Somente a raposa não veio.

O urso anotou mentalmente que talvez a raposa soubesse porque o homem estava lá.

Deveria perguntar-lhe da próxima vez que a encontrasse, depois deixou a velha cabana e saiu à procura de uma colmeia.

Lá no templo do topo da montanha o homem preparava um canteiro de peônias próximo à grande porta de madeira preta.

A raposa, que o observava sentada ao lado de uma moita, escondida dos olhos, resolveu que já era hora de descobrir porque ele estava ali.

Até aquele momento tentara de tudo, sentara-se ao lado dele enquanto dormia para observar seus sonhos antes que os Baku os devorassem, mas não encontrou nada ali que lhe mostrasse os motivos.

Olhara-o enquanto comia suas refeições de arroz e legumes, colhidos da horta do fundo do terreno do templo, porém aquilo também não lhe revelara seus motivos.

Ouvira-o enquanto meditava e rezava dentro do templo, durante dias, porém aquilo também não lhe mostrara os motivos.

Com curiosidade o vira reconstruir o telhado que havia sido devastado por uma tempestade de verão, colocando novas telhas e arrumando as traves soltas.

Finalmente resolvera tomar uma atitude e fazer uma abordagem mais direta.

Quando o homem enterrou as pequenas mudas na terra úmida a raposa trotou para fora da moita e parou ao seu lado, olhando-o insistente e falou:

— Você deveria plantá-las no fim da primavera! Já estamos quase no meio do verão, elas certamente não sobreviverão ao calor!

O homem não pareceu se assustar com o fato da raposa estar falando consigo, muito pelo contrário, sorriu e respondeu com uma voz cordata:

— Aqui embaixo das telhas ela terá proteção contra o calor excessivo e suas flores alegrarão aqueles que vieram visitar o templo!

— Eu me chamo Ru Li. — disse a raposa sorrindo um sorriso cheio de dentes brancos.

O homem sorriu.

— Meu nome é Senhor Lu.

— Porque você veio morar neste templo no topo da montanha? — quis saber a raposa.

O homem pensou por um momento para então responder.

— Eu era um homem muito poderoso do governo! Nada nem ninguém poderiam fazer frente aos meus comandos. O orgulho que me tomava era tremendo e depois de muito tempo acabei recebendo aquilo que me era devido! Outro, mais poderoso que eu me derrubou e fui forçado ao exílio, agora estou aqui!

— Mas porque está aqui? — perguntou de novo a raposa.

O homem suspirou e terminou de plantar as peônias, depois sentou-se na grande laje fria em frente à porta do templo, aberta, e olhando para a raposa que esperava sua resposta falou:

— Não tenho outro lugar para ir senão aquele que eu mesmo construir para mim! Todo o resto se foi, apenas este templo restou. Agora estou aqui!

A raposa se contentou com esta resposta e com um pulo sumiu por entre as moitas ao lado do muro.

Retornou àquela velha cabana da floresta e esperou pelos outros animais.

Quando o urso chegou os outros já o esperavam.

Ele olhou para cada um deles e por último para a raposa.

— Porque existe um homem vivendo no templo?

— Porque ele está lá! — respondeu a raposa.

— Não é uma boa resposta, não tem substância nem praticidade! — falou o urso que gostava de coisas práticas e com substância, bolos de mel em sua maioria.

— Mas é a resposta. — confirmou a raposa.

— Elabore mais! — pediu o urso quase contemplativo, imaginando o gosto dos bolos de mel.

— Ele perdeu tudo o que tinha significado para ele e foi obrigado a exilar-se, veio para cá e agora mora no templo.

— É um monge, então? — silvou a serpente.

— Não, é apenas um homem. — respondeu a raposa.

— É um peregrino, então? — grunhiu o texugo sem entender.

— Não, é apenas um homem. — respondeu novamente a raposa.

— Não deveriam morar homens no templo do topo da montanha. — refletiu o urso com seriedade — Portanto devemos fazê-lo sair de lá.

— Mas ele não tem para onde ir. — argumentou a raposa e continuou — Ele me parece velho e cansado, certamente não deverá viver muito, logo morrerá e não existirão mais homens no templo no topo da montanha!

— Muito bem. — concordou o urso — Esperaremos que morra, então!

A raposa saiu daquela reunião triste, aprendera a gostar do homem e não queria que ele morresse, mas era uma ordem que não houvessem homens morando no templo no topo da montanha!

Nada podia fazer quanto a isso!

O homem não morreu, na realidade o ar frio da montanha lhe fez muito bem e curou sua doença, deu-lhe ânimo e vontade e ele reconstruiu todo o templo sozinho.

Um dia a raposa o viu descer a montanha e pensou que ele estava indo embora.

Preocupou-se, pois gostava dele, mas ao fim da manhã ele retornou com um grande fardo às costas e naquela tarde pendurou o novo sino no carrilhão do templo.

Todas as manhãs a partir daquele dia, ao nascer e ao pôr-do-sol e também ao meio-dia, passou-se a ouvir o tinido alto do repicar do sino pelas terras ao redor da montanha Ki.

Os fazendeiros aprenderam a marcar as horas pelo toque do sino e as escolas das redondezas também.

Muitos vinham de longe somente para ouvi-lo tocar.

Assim o sino repicou por trinta anos no templo no topo da montanha Ki!

Até que o tempo cumpriu seu destino e a Morte veio para levar o homem.

A raposa a viu esgueirando-se pela grande porta aberta e sussurrou para o homem que fugisse dali.

Mas ele olhou a raposa nos olhos e disse-lhe que jamais poderia ir embora daquele lugar, pois ali era seu lar agora!

Quando chegou a noite ele deitou-se na esteira de palha e fechou os olhos.

A raposa suspirou e poderia ter chorado, mas se manteve firme, mesmo quando a Morte parou à cabeceira da esteira, ela não temeu.

Em seus sonhos o homem viu o templo reconstruído e o sino a repicar e isso o fez feliz!

Afinal cumprira seu destino, que fora bem maior do que poderia ter imaginado!

A raposa deitou ao seu lado e ali ficou.

À meia-noite a alma deixou o corpo do homem!

A raposa a viu voar pelo céu escuro, branca e límpida, jovem como uma estrela cadente, correndo por entre as nuvens em direção ao Palácio Celestial e chorou.

Quando a manhã nasceu ela desceu a montanha Ki e não subiu mais enquanto viveu!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

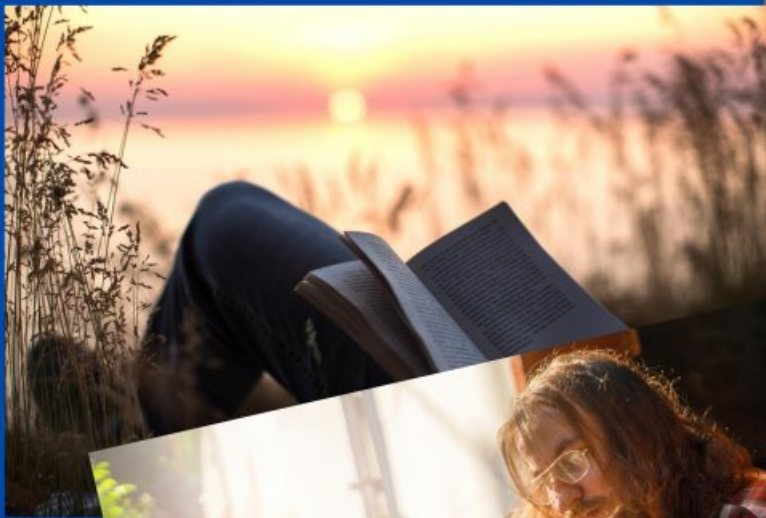
Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
Mônica Prado

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO
POR NEY ALENCAR



O MORRO DOS VENDAVAIS

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

*“Meia-noite, luar e estrelas brilhantes,
Da escuridão ao meio-dia elas vieram,
Com uma voz poderosa do vento que sopra,
Sombras da escuridão profunda minguando!”*

— Emily Brönte

O antigo e nu Morro dos Ventos Uivantes existia em um recôncavo das colinas verdes justamente por entre as matas da Granja do Tordo Azul, dentro das terras do Vale Manso.

Seu cume vergastado por súbitas e inesperadas tempestades de ventos era deserto de qualquer forma de vida.

Apenas os silfos das tempestades costumavam brincar por ele quando as chuvas torrenciais do fim do outono lavavam toda a região.

Era evitado até mesmo pelas bruxas ocasionais que passavam pela região.

As canções dos pássaros e os silvos das serpentes contavam que nele vivia um dragão, o último de todo o vale e das terras ao redor, e que as tempestades de vento aconteciam quando ele abria as asas e voava sobre o pico do morro.

Mas ninguém vira um dragão naquela parte do mundo, desde que os primeiros peregrinos haviam chegado na Vila de Passagem, e isso já faziam muito séculos.

O povo ao redor não sabia se dragões poderiam viver para sempre, nem quanto tempo eles poderiam viver, mas sabiam com certeza que não havia nenhum naquele morro.

Mesmo assim as inexplicáveis tempestades de vento continuavam a soprar pelo cume deserto, sem nenhuma explicação!

Por vezes algum dos pequenos da Vila vinha empinar suas pipas de celofane colorido e formas oblongas pelas bordas do morro, para aproveitar as fortes correntes que corriam levas levantando redemoinhos de terra por ali.

Destes o pequeno João Aluvião era um que sempre retornava nos dias mais ventosos de outono, com sua grande pipa em celofane amarelo e vermelho em forma de dragão comprido com uma cauda de argolas ligadas em “v”.

Parava sempre ao sopé do morro, deixando seu farnel protegido sob uma pedra achatada e desenrolava com cuidado a grande pipa que sempre trazia embaixo do braço, esticava o fio, feito de teia de aranhas gigantes, que havia sido trazido como um presente pelo velho tio Arbogasto, que vivia em outra vila mais distante já dentro da Grande Floresta Negra, também às margens do Rio Corredor, porém bem mais ao norte, numa região onde as montanhas da floresta desaguavam suas raízes nas águas barrentas.

Subia devagar até a metade do morro e deixava que a pipa deslizasse pelo ar montando nas correntes e com um puxão forte a fazia subir para o céu azul.

Um sorriso de satisfação marcava seu rosto então.

A tarde se escoava rápida enquanto tangia a pipa, como se fosse um cabo de guerra com os ventos que desciam das alturas e tentavam levá-la embora com eles para outros campos desconhecidos dos homens e dos animais.

No início do outono vinha sempre sozinho, depois o seguiam quase duas dezenas de pequenos com suas pipas, papagaios, quadrados, arraias, pandorgas e jamantas, de quaisquer tipos e modelos e logo o céu sobre o morro se enchia de cores e formas.

Nestes dias, quando as pipas abundavam, os ventos não vinham como vendavais, porém dançavam em torvelinhos na forma de correntes oceânicas, que tangiam as pipas como um belo cardume de peixes coloridos dançando pelo céu outonal.

Em dias nublados, alguns pequenos diziam que havia uma silhueta gigante que se destacava atrás de algumas nuvens mais brancas, que se assemelhava à forma oblonga de um dragão e que era ele quem manipulava as correntes e se deliciava com as manobras das pipas em seus corcoveios pelo meio do céu.

Mas nenhum deles conseguia ter certeza disso, e acabavam sendo apenas histórias.

Mas conta-se que a princípio, na primeira vez que o pequeno João Aluvião surgiu, no sopé do morro, com sua grande pipa, antes de qualquer outro o seguir, todo o morro havia ficado em silêncio, nem um pássaro cantava e nem um vento soprava.

Ele veio devagar, decidido, bem pequeno era naquela época, apenas com três palmos de altura, não que tivesse crescido muito mais que isso agora, é claro, vestindo um terno verde escuro que a mãe, a senhora Aluvião havia lhe feito para a missa dos dias de domingos na pequena capela de frontão branco na Rua da Capela da Vila de Passagem.

Com seus passos curtos subiu até a metade do morro com o grande embrulho em papel marrom debaixo dos bracinhos, olhando ao redor as touceiras de árvores que marcavam o terreno, e que também estavam quietas observando, parou e desdobrou o embrulho, tirando a grande pipa em celofane amarelo e vermelho e estendendo-a no capim ralo olhou-a sorrindo.

Gostava da forma de dragão com a qual o pai a fizera, conforme ele pedira, assim poderia dizer que havia um dragão voando sobre o morro dos vendavais!

Amarrou a cauda de argolas de celofane ligadas em “v” e por último prendeu a linha de teia de aranha gigante em um “x” bem firme.

Dizem que ele pegou a pipa nos braços e jogou-a para cima com toda sua força, correndo em seguida pelo meio do morro com seus passos curtos para esticar o fio e fazê-la subir.

A pipa, grande como era, deu alguns pulos pelo ar, tentando agarrar-se em alguma corrente de vento que por ali passasse, mas tudo estava parado e ela veio ao chão.

Ele parou e tentou de novo, e de novo, várias vezes, porém o vento parecia ter ido embora do morro.

Enfim, cansado e desesperançado, deixou-se cair sentado na grama rala e pôs-se a chorar, um choro convulsivo e sentido.

Nesse instante, diz-se que uma silhueta veio por detrás das nuvens mais brancas, uma sombra oblonga que talvez tivesse a forma de um dragão, talvez tivesse outra forma que não conhecemos, e que comovida pelo choro do pequeno tomou a grande pipa entre as mãos etéreas e levantou-a nos ares, como se a fizesse mergulhar pelo azul do céu.

João Aluvião sentiu o puxão forte da linha nos dedos e olhou para cima!

Um sorriso brotou em seus lábios!

A pipa subia e descia pelos céus, corcoveando pelo ar como se nadasse em uma corrente forte, dando puxões na linha.

E pela tarde inteira ela dançou e corcoveou pelo céu como peixe fígado em alto mar.

Quando enfim o crepúsculo se aproximou o vento amainou e a grande silhueta oblonga trouxe a pipa em suas mãos e a entregou ao pequeno que sorriu e prometeu voltar.

Desde esse dia, quando o pequeno João Aluvião sobre o morro o vento sopra com força e o vendaval emudece, deixando apenas as correntes fortes dentro das quais sua pipa levanta voou e corcoveia como se tangida pelas mãos invisíveis daquela sombra oblonga que por vezes toma a forma de dragão e por vezes toma outras formas que não conhecemos!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura



CONTO
POR ANA PAULA SEIXLACK

ELA, ELLA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Era festa de Ano Novo. A vizinhança encontrava-se toda reunida na rua para dar um adeus a 1995 e também celebrar a perspectiva de um ano perfeito, cheio de promessas e metas muito plausíveis, que vinha pela frente.

Vô Theobaldo só fumou a vida inteira, desde os dez anos até os oitenta e dois. É claro que dessa vez ele conseguiria cumprir sua promessa de abandonar o vício. Primo Zé sempre foi o pior aluno da classe. Não aguentava fazer a lição por mais de cinco minutos sem surtar. Seria moleza realizar a façanha de ser o melhor aluno da escola. Meta que não era nem dele, mas de sua mãe. Fácilimo!

Contudo, de todos os desejos improváveis, o de Douglas era certamente o mais ousado. O garoto puxou a vizinha Marina para sua casa, desviando de todas as pessoas das mais variadas idades que agora desciam na boquinha das centenas de garrafas que beberam ao longo da noite.

Uma vez seguros em seu quarto, mostrava seus gibis para a garota. Ela desdenhou. Não se interessava muito por heróis. Gostava mesmo era da Turma da Mônica, mas ele só tinha dois que ela já havia lido.

Abriu sua pasta de desenhos. Coisa que só mostrava para poucos de sua confiança. Não confiava muito nela, mas a achava linda e queria beijá-la quando o relógio marcasse meia-noite. Entretanto, ela riu de seus traços inseguros e dos coloridos que fugiam da borda do desenho. Estava difícil de impressioná-la. Mostrou, então, sua coleção de discos da qual era muito orgulhoso.

— Tem Dylan, Chuck Berry, Stones, Beatles, Os Mutantes... Opa, esse da Angélica não é meu. Não sei como veio parar aqui. Deve ter sido de táxi.

Ela sorriu. Faltava passar apenas por mais um disco para terminar sua coleção e sua chance de conquistá-la.

— Olha só! Esse é o disco da minha vó.

— Sua vó tem uns discos legais — respondeu Marina, desinteressada.

— Você não entendeu. Os discos são meus, mas essa mulher que tá na capa desse LP é minha vó.

— O quê?

— A cantora é minha vó. Sacou? A voz da mulher dentro do disco pertence a minha vó.

— Ah, tá! Quer dizer que agora você é neto da Ella Fitzgerald?

— Sou, sim. E não é só agora, não. Sempre fui.

— Que mentiroso!

— Olha aqui o meu RG. Douglas da Silva Fitzgerald. Tá vendo?

— Eu sei o teu nome, mas isso não prova nada. Não era você que dizia antigamente que era sobrinho do presidente Kennedy?

— É, também sou. Que orgulho do grande John Fitzgerald Kennedy, ou simplesmente JFK.

— E ele é seu tio?

— É, digo, era. Já morreu! Tempos difíceis pra família.

— Ela não é mãe dele. Todo mundo sabe quem é a mãe dele.

— Quem?

— Esqueci, mas é outra pessoa. Alguém importante também. Fora eu, qualquer um sabe. E não é ela. Repito: não é Ella.

— Eu não disse que Ella é mãe dele. Ela tem outro parentesco.

— Qual?

— Sei lá! Filha...

— Filha? Que filha? Tá louco? Se fosse, Ella seria sua prima e não sua avó. E desde quando ela é mais nova que ele? — retrucou Marina, agarrando uma enciclopédia de celebridades que Douglas tinha na escrivaninha do quarto. — Vamos ver! Nossa, que coincidência, eles têm a mesma idade. Por essa você não esperava, né? Os dois são de 1917.

— Nada a ver! Não entendo muito de parentesco, mas essa enciclopédia tá errada. Ela é mais nova. Ele já morreu faz tempo, e Ella tá viva até hoje.

— Só porque não foi assassinada jovem. Era para os dois estarem vivos. E velhos.

— Agora todo mundo quer saber mais do que eu sobre minha própria família.

— É porque você só fala absurdos, Doug. Ela não é filha dele, tampouco mãe.

— Eu sei. É lógico que eu tava brincando. Eles são irmãos.

— Nasceram no mesmo ano, criatura.

— Gêmeos.

— Eles são totalmente diferentes.

— Um dos dois foi adotado.

— Você também não se parece com nenhum deles.

— Também fui adotado.

— Eles são americanos, e você é brasileiro.

— Fui adotado por brasileiros e vim pra cá, mas meu sobrenome gringo importante persistiu.

— Cala a boca, Doug. Só fala merda! Que eu saiba, ele não tem nenhum parentesco com Ella. E você também não tem com nenhum dos dois, apesar de coincidentemente ter o mesmo sobrenome.

— Que você saiba... Pena que você não sabe de muitas coisas.

Ela riu do que sabia ser uma brincadeira. Ele não a xingaria de burra se realmente esperasse beijá-la naquela noite depois que os fogos de artifício finalmente dessem as boas-vindas a 1996.

— Sua vó tem quantos anos?

— Não sei — respondeu Douglas de supetão.

Mesmo sabendo o ano de nascimento e o ano em que estavam agora, sabia ser incapaz de fazer as contas de cabeça tão rápido.

— Então é mentira.

— Quantos tem a sua?

— Sei lá.

— Então a sua também é mentira.

— Você conhece a minha, Doug. Ela tá lá embaixo dançando. É só você descer e perguntar pra ela, ué.

— Só porque a minha é famosa, eu sou obrigado a saber tudo sobre ela? Aí é que fica mais difícil. Ella não tá lá embaixo. Não posso simplesmente descer e perguntar as

coisas pra ela, como você. Ella tem uma carreira cheia. É pouco acessível. Você sabe quanto custa ligar pra ela toda semana? Caríssimo! E eu nem sou fã dela. Nem conheço as músicas, pra ser sincero. Para mim, Ella é só minha vó e ponto.

— Vamos conhecer agora, amigo.

Douglas colocou o disco para rodar. No primeiro momento, estranharam. Não era o tipo de música que ambos estavam acostumados. Porém não era difícil de se apaixonar. Ainda mais quando a única comparação que tinham, naquele instante, era o Axé de duplo sentido que tocava na rua. O contraste ficou gigantesco.

— Que vozeirão, hein?

— Minha velha não é fraca, não.

— Quero ver uma foto sua com ela. Só assim eu acredito.

— Não tiramos muitas. Eu sou bem tímido. Mas as que temos estão todas na casa dela. E também não nos vemos tanto quanto gostaria. Ela mora nos Estados Unidos. E eu só vou lá uma vez por ano.

— Eu quero conhecer sua vó.

— Ella vai cantar na abertura e também no encerramento dos Jogos Olímpicos em Atlanta em julho e agosto, e me convidou para passar o mês inteiro lá com ela acompanhando o evento. Ah, e eu posso levar alguém como acompanhante.

— Sério?

— Seríssimo.

— E quem você vai levar de acompanhante?

— Humm, não sei... Deixa eu pensar... Você quer ser minha acompanhante, Marina?

— Só nós dois?

— Claro! Eu só tenho dois ingressos.

— Vão deixar duas crianças de doze anos viajarem sozinhas?

— Lógico! Até lá, eu já vou ter feito treze. Já vou ser um homenzinho.

— Mas eu não.

— Eu fico sendo o seu responsável legal.

— Legal.

— As melhores férias de julho de nossas vidas.

— Então é verdade mesmo?

— Claro que é.

Começou a tocar Summertime na vitrola. Não sabiam inglês além do básico e não entenderam nada da letra, exceto o título, mas já foi o suficiente para ditar o rumo da conversa.

— Doug, vai ser verão nos Estados Unidos em julho. O que faremos lá?

— Vamos ver as Olimpíadas, ué.

— Sempre quis conhecer Hollywood.

— Mas vamos pra Atlanta.

— Não podemos ir pra Califórnia por uns dias?

— Hum, acho que podemos, sim.

— E New York? Sempre quis conhecer as Torres Gêmeas.

— Não dá! Em outra oportunidade a gente vai. Acredite, elas não vão sair de lá...

— Ah, mas eu queria tanto...

— Tudo bem, Marina! Eu peço pra minha vó.

— Ah, já que ela é tão rica e famosa, pede pra gente conhecer a Disney também.

— Mas se a gente for pra todos esses lugares, não vamos conseguir ver os jogos.

— Danem-se os jogos! A gente vê só a abertura e o encerramento. No resto do tempo, vamos de road trip.

— Ella vai ficar decepcionada.

— Por quê? Ela vai competir também?

— Não, né? Tá bom! A gente desiste dos jogos.

— E como a gente vai falar com ela? Não falamos inglês.

— Mas Ella fala português.

— Sério?

— Sério!

— Só falta dizer que ela aprendeu português por sua causa...

— Claro que não. Eu sei que não valho tanto assim. Foi só porque Ella teve um namorado brasileiro há muito tempo. E aí aprendeu.

— Essa história tá muita estranha.

— Mas é verdade. Em vez de achar ruim, você devia ficar feliz que ela fala português. É um problema a menos pra gente.

— Claro que eu fico feliz. Sua vó é o máximo.

— Claro que Ella é esperta também. Só quer o melhor para o seu neto distante. Ela sempre me alerta sobre essa questão de cuidar bem das minhas amizades. Para eu não me envolver com pessoas que não me amam e só querem se aproveitar de mim, sabe? Pessoas interesseiras.

— Ainda bem que eu te amo mais que tudo, Doug. Sempre amei.

— Ela me pede pra ter cuidado com as pessoas que me largam sozinho na escola pra ficar andando com os outros colegas e que nunca fazem dupla comigo nas atividades.

— Eu farei todas as duplas com você. Só andarei com você.

— Afinal de contas, pra andar comigo nos Estados Unidos, antes tem que andar comigo no Brasil. Palavras da minha sábia avó, não minhas.

— E eu concordo plenamente com Ella.

Foi assim que Douglas conseguiu descolar seu primeiro beijo à meia-noite. E todos os outros que vieram nos meses seguintes.

Marina se tornou sua fã número um. Não olhava para mais ninguém. Não falava com ninguém. Fazia intermináveis planos para o verão na América do Norte. Até casamento foi discutido, com Ella vestida de Elvis cantando Ave Maria e trazendo as alianças em Las Vegas. O padre seria ninguém menos que Wayne Newton, e os padrinhos Siegfried & Roy completavam a magia do matrimônio mais memorável dos últimos tempos.

Quanto mais o calendário avançava, mais Marina se animava, e Douglas se dava conta do buraco em que se metera. E agora? Não sabia como encará-la quando descobrisse que não havia ingresso para Olimpíada alguma e que seu contato ou parentesco com Ella Fitzgerald era o mesmo que tinha com Madonna. Ou seja, nenhum.

Cogitava até mudar de país para não precisar enfrentar Marina nunca mais. Será que, um dia, ela iria atrás dele no Japão? Pensava até em se matar. Ou matá-la, em vez disso, pois seria menos doloroso assim. Seguiria vivo, mas sem preocupações. No fundo, não queria que nenhum dos dois morresse, mas não via outro jeito de resolver a situação.

Faltando um mês para a gloriosa viagem em que viveriam sem destino no mais puro American Way of Life, os jornais noticiaram uma terrível tragédia: a morte da dama do Jazz Ella Fitzgerald aos setenta e nove anos de idade. Uma lástima.

O mundo se entristeceu. Marina, então, nem se fala. Apenas Douglas ficou alegre, agora que via sua mentira ser eternamente acobertada pelo apagar da grande estrela. Ella salvou sua vida mesmo sem querer. Mesmo sem saber.

— Mas ainda podemos ir ao velório, né? E depois viver nosso verão americano.

— Não fomos convidados.

— Como assim? Ela é sua vó! Você não tem direitos?

— Sou um bastardo. A família não me aceita como Ella me aceitava. Nossa viagem já era.

— Assim como nosso namoro, seu mentiroso de uma figa! Não sei como fui cair nessa lorota. Como sou trouxa. Não dá pra confiar em mais ninguém hoje em dia.

Desiludido, Douglas colocou o disco de Ella Fitzgerald para tocar e se deitou em sua cama, curtindo a fossa. Quando chegou em “Dream a little dream of me”, adormeceu. Sonhou uma rápida aventura em que ele e Marina passeavam pelo paraíso, durante o verão, e depois se sentavam ao lado de São Pedro (os melhores assentos da casa) para assistir a um show de sua vó honorária.

Em sua cama, longe dali, Marina também dormia. Mas, a essa altura, já sonhava com qualquer outro que não fosse Douglas, enquanto ele seguiu nas próximas noites sonhando com ela. E com Ella.



Ana Paula Seixlack é uma autora paranaense, formada em Letras- Português/Inglês, e já publicou oito livros. O conto Ela, Ella foi publicado originalmente na obra “A chuva, o parque, as flores e outras coisas” (2009), mas merece ser lido por um novo público.

CONTO
POR DANIELA ONNIS

O ÚLTIMO SINAL

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O homem fechou a porta do camarim atrás de si e respirou fundo. Precisava de alguns minutos a sós antes de ser atropelado pelas perguntas e preocupações do diretor do teatro. Como iria justificar a continuação da temporada depois daquele fiasco? Nas primeiras apresentações havia menos da metade do público esperado. Esse número foi diminuindo gradativamente até atingir a marca absurda desta noite, zero. Nenhum pagante, nenhum parente, nenhum colega. Ali estava ele, um ator experiente com tantos anos de estrada, de figurino lavado e passado, maquiagem impecável, sem plateia. Ninguém apareceu.

Sentou-se na cadeira em frente ao espelho decidido a desmontar o personagem, mas estava sem forças. Uma vida inteira dedicada à arte e nem mesmo sua ex-mulher veio prestigiá-lo. Seu tempo tinha passado, o melhor era aceitar o fato. A memória já começava a falhar, o corpo perdia a agilidade em cena, ficava cada vez mais difícil acompanhar a nova geração. Aqueles meninos cheios de opinião achavam que sabiam tudo e que gente da idade dele estava ultrapassada. O peso de um milhão de anos pressionava seus ombros. Fechou os olhos pra tentar segurar as lágrimas e assim ficou por um longo tempo, não se sabe quanto, pensando no que faria dali em diante.

Batidas na porta interromperam seu momento de reflexão. Só podia ser o diretor. Respondeu que entrasse, estava vestido.

— Professor?

O homem se assustou. Há muito tempo não era chamado daquele jeito. Virou-se ainda sentado na cadeira e deu de cara com um jovem bem magro parado na entrada, mão na maçaneta, como que esperando permissão para dar mais um passo. A figura trajava um terno preto, tinha uma máquina fotográfica pendurada no pescoço e um curativo na testa. Sim, sim, reconheceu o velho, que era bom fisionomista, o rapaz tinha sido seu aluno no curso de teatro. Não se lembrava do nome, a memória falhava de novo, apenas do papel que ele tinha interpretado no trabalho final. Era o Teobaldo Capuleto, primo de Julieta e rival de Romeu.

— Posso tirar uma foto com o senhor? Eu não consegui chegar a tempo para ver a sua performance de hoje. Sofri um pequeno acidente de trânsito.

A surpresa só aumentava. Ninguém apareceu para o espetáculo e, de repente, alguém queria uma recordação sua? De quê? Levantou-se devagar enquanto o jovem preparava a câmera e até ensaiou um sorriso, os olhos sempre molhados, desta vez pela nostalgia dos bons tempos. Seu trabalho já tinha sido apreciado, bom saber que ainda era, por uma pessoa que fosse. Na hora do click sorriu com gosto. Uma foto, mais uma, outra ainda, um autógrafo, muitos elogios à sua brilhante carreira. Brilhante? O homem não conseguia dizer nada. Quando seu admirador se deu por satisfeito, apertou-lhe a mão com entusiasmo.

— Muito obrigado, Professor. Espero que um dia eu possa ser um ator da sua grandeza. Virei na próxima apresentação, sem falta.

Novamente sozinho, o artista se perdeu em lembranças. Viu toda a sua vida passar num segundo, como dizem que acontece no último momento. Todos os cenários, todas as falas, todos os aplausos, todas as vaias. Prólogo, ato, epílogo. Foi tão longe e tão fundo que jurou ter ouvido o terceiro sinal. Aquele, o último.

De repente, sentiu uma tontura violenta e segurou a cabeça por impulso, pra não cair no chão. Então notou uma coisa estranha na testa. Um calombo? Um inchaço? Não estava ali antes, isso era certeza. Virou-se para o espelho e o que viu fez seu coração quase parar. Olhando de volta pra ele estava um homem jovem, muito magro, de terno preto, máquina fotográfica no pescoço e curativo na testa, o rosto igualzinho ao de Teobaldo. Olhou fixamente para as próprias mãos e constatou que não tremiam. A pele dos braços estava lisa, nenhuma dobra, nenhum vinco. O corpo estava mais leve mas a alma pesava toneladas.

No instante seguinte esqueceu seu nome, seu endereço, sua história. Tudo apagado. A única coisa que conseguia lembrar era a voz de um velho professor dizendo que o espetáculo tem que continuar. Mesmo quando ninguém aparece para aplaudir.



Daniela Onnis, nascida em Salvador, Bahia, é apaixonada por livros desde a infância e começou a escrever poesias aos doze anos. A inclinação para o teatro apareceu na mesma época. Apesar de formada em Computação, tem na arte seu propósito de vida. Participou de vários espetáculos como atriz e em 2020 publicou seu livro de poemas pela Amazon, *Brincando de Rimar*. Foi selecionada para a antologia “Crônicas da Noite”, que será lançada no final do ano pela editora Lura, e para o Sarau Brasil 2023, antologia da editora Vivara.


Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



CONTO
POR IDICAMPOS

SALA DE LEITURA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

As letras dão às mãos formando as palavras, as quais enfileiradas, em harmonia, geram as frases; estas por amor a linguagem elaboram os parágrafos. O conjunto das ideias faz uma roda de significados, abraçando o sentido desta história que conta um pouco do amor pela leitura.

A garotinha da comunidade, numa sociedade de raríssimas oportunidades, frequentou a escola pública, esbarrou nas construções complicadas do material pedagógico, dissociadas da realidade da favela.

Imponderada, Cristiane, uma criança de nove anos, aprendeu a ler com facilidade; apesar dos livros didáticos oferecidos, na escola, trazerem o imaginário da classe média, distantes do dia a dia da menina.

O amor aos livros, parceiros de uma vida, começou numa atividade na biblioteca do colégio. A professora Kátia colocou a turma em círculo, portava nas mãos uma caixa de madeira, a qual afirmava está repleta de magia... Depois de muito suspense abriu a caixa... Enrolou mais um pouco... Retirou do objeto de madeira uma história em quadrinhos, colorida, com personagens infantis parecidos com a gente.

O primeiro contato com o gibi ganhou a garotada, refletia aquela infantilidade... Estava lá uma menina dentuça como Maria, um anjinho similar ao coleguinha bonzinho, um menininho com a língua presa igual ao Serginho. Até o dinossauro confidente da mochila de Emília virou personagem... Além da participação especial do coelho, presente na decoração da Sala de Leitura.

As histórias em quadrinhos embalaram a infância de Cristiane, sentia-se engrenagem da confecção da narrativa, via na construção dos personagens alguém que escrevia sobre o universo infantil.

A vida nunca mais foi igual a partir do encontro com a revista em quadrinhos, testemunhavam os pais de Cristiane... Tinha opinião tipo a Mônica do Mauricio, questionava tudo feito o Cebolinha, passou a ser carinhosa inspirada no Anjinho do gibi.

A curiosidade, mesclada à crítica severa, detonou os heróis importados: detestava a cara do Hulk, achava o super-homem uma falácia, ria das trapalhadas do Batman, debochava do Capitão América, etc. Passou a defender a literatura nacional com unhas e dentes.

Os problemas surgiram com a identificação com o Cascão, cismou de não tomar banho, aquilo atormentou os responsáveis. Entrava no banheiro, ligava o chuveiro, ficava fazendo bolinha de sabão, maquiava a boneca, penteava o ursinho; prevaricava o asseio do corpinho, nada de limpeza. Molhava as mãos, humedecia os cabelos, embromava... Saía do banheiro de roupa trocada, enganando os adultos.

Dona Ercília, a mãe, percebeu algo errado, pois o cheirinho desagradável do suor grudava na pele da filha. Questionada a respeito do mau cheiro, Cristiane desconversava, fugia do papo reto...

O conflito logrou solução na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, conheceu o mago dos quadrinhos, o adorável Mauricio de Sousa — um paizão, quem o conhece, pessoalmente, sabe ser esta uma retórica pertinente — o criador do gibi da Mônica recebeu Cristiane, aquela criança simples, com ternura... Os pais solicitaram intervenção do escritor no caso do banho.

O autor explicou a natureza do Cascão, afinal ele fazia referência à necessidade de higiene. Cristiane ouviu com atenção, caladinha, balançou a cabeça, mostrando ter entendido o recado.

Mauricio, rodeado dos personagens da obra consagrada, chamou o ator vestido de Cascão, um enorme bonecão! Cristiane abraçou o Cascão, sentiu o cheirinho de limpeza no boneco. O suficiente pra detonar a cisma com o chuveiro.

Doutra feita, inspirada no Anjinho, amarrou um lençol no pescoço, subiu na laje, queria sair voando, sendo interrompida pela mãe; com a argumentação que só os anjos sabem voar... Cristiane sorriu, nunca mais quis voar do telhado.

A infância partiu, deixando no lugar da garotinha uma bela adolescente, inquieta, atenta ao perímetro da sua existência, consciente dos direitos sociais, pontual com os deveres com o próximo; assim como o Rolo de mente aberta.

Mocinha, cheia de vaidade, rejeitava a gulodice da Magali, queria virar princesa, despertar o romantismo de um príncipe... Tropeçou no fato de que princesa brasileira não frequenta conto de fadas...

O destino ligou Cristiane a Paulo, um rapaz encaminhado no exercício das leis, um advogado; tiveram um casal de filhos, foram felizes, apesar das mazelas do custo de vida...

Cristiane, vidrada em livros, estudou literatura, tornou-se professora, fez concurso público, indo parar na escola onde aprendeu a ler. Lá, retornou à sala de leitura, passou a ser formadora de leitores.

Hoje — dia dos quadrinhos — a aula, na sala de leitura, tem uma mensagem diferente, porque a professora Cristiane divide com os alunos a sua história... de como a leitura modificou a vida de uma menina do Complexo do Alemão...

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima


DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)





CONTO
POR IRACI J. MARIN

O SILÊNCIO DE VÂNIA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Vânia era uma moça bonita e alvo de muitos olhares sequiosos. Tinha inúmeros pretendentes e deles às vezes ganhava flores, caixas de bombons, beijos vermelhos desenhados em folhas brancas e telefonemas, numa corrente de assédios. Sonhavam em namorá-la.

Ela não estava disposta a namorar. Não tinha uma justificativa clara, mas achava ser imprudência sua iniciar namoro naquele momento da vida. Ficaria cerceada em sua liberdade de jovem. O namoro lhe tiraria a possibilidade de decidir muita coisa por conta própria, ou de agir conforme sua vontade, ou de fazer conforme a sua decisão.

Não queria causar sofrimentos a si mesma, que viriam, com certeza, com o fim de um namoro.

Mas olhava para a sociedade e divisava um só caminho, o namoro e o casamento, apesar dos desacertos. Olhava para as amigas e percebia diversas situações. Algumas já pensavam em casar. Outras estavam sozinhas e ansiavam por um namorado. Soube de uma que namorava um, mas amava outro.

O sonho dos pretendentes não a deixava sossegada. Vivia sendo interpelada por um ou outro, quase todo dia. Chegou uma hora que cansou. Decidiu não ir mais à boate, nem ao clube, nem ao parque, por um tempo. Submetia-se a um isolamento voluntário para ter sossego e decidir com tranquilidade. As amigas estranharam sua ausência. Ao saberem do assédio, umas aplaudiram sua decisão de isolar-se, outras a invejaram por ela ser tão assediada.

Como não atendia nem aos telefonemas, os pretendentes começaram a enviar-lhe bilhetes com declarações de amor. Foram vários. Às vezes achava graça de alguns, outras vezes se irritava. Ela amassava todos e os atirava no cesto do lixo.

Seu isolamento e seu silêncio deram resultado. Com o tempo, os assédios diminuíram e só Carvalho e Afonso ainda mantinham a esperança de conquistá-la. Aí começou uma nova fase da história.

Carvalho era um rapaz novo na cidade. Era conhecido só pelo sobrenome. O que ele escreveu a Vânia era mais do que um bilhete, era uma missiva quase literária de tão bonita. Falava um pouco de si, depois declarou-se apaixonado por ela e pediu um encontro. Vânia não lhe respondeu.

Outro bilhete longo e lamurioso que ela recebeu e lhe chamou a atenção foi enviado por Afonso. Ele lhe fez apaixonado apelo para namorá-la. Vânia não lhe respondeu.

Não demorou para que ambos soubessem do interesse um do outro por ela. A disputa silenciosa que travavam acabou sendo conhecida por muita gente. Faziam comentários jocosos e até inventavam situações hilariantes apenas para divertimento à custa dos dois apaixonados. O empenho e a dedicação deles em conquistar Vânia deu o que falar, ao final da história.

Como ela não se manifestava, um dia Carvalho decidiu encontrá-la onde desse. Queria uma resposta. Ele a encontrou no mercado, numa tarde de sábado. Afonso também estava lá. Deu-se o encontro no corredor das frutas. Houve evidente constrangimento nos dois. Ela olhou para um, depois para outro e falou secamente:

— Se entendam — e foi embora.

Encabulados e desapontados, ficaram olhando-a sair sem sequer um gesto de adeus. No fundo, cada um imaginou que ela dissimulava. Sem se despedirem, cada um tomou o seu rumo.

Continuaram tentando falar com ela por telefone, enviavam-lhe bilhetes amorosos, poemas escritos à luz da paixão, às vezes algum presente. Continuaram sonhando em namorá-la, em passear com ela de mãos dadas pelo parque, falar do futuro, de alegria e de felicidade.

Mas chegou um dia, tempos depois, em que eles perderam todas as esperanças. Foi quando a viram passeando no parque de mãos dadas com Antero, que não tinha feito parte da história.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com

CONTO
POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



O VELHO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Ao encarar as mãos espalmadas, repletas de manchas e enrugadas, um pouco trêmulas, as unhas curtas e com irregulares pontos de terra de um marrom alaranjado acumulados no subterrâneo daquelas, na intimidade da carne rosada, não pode deixar de se surpreender: já era um ancião! Há uma semana Maria, sua esposa e companheira de trinta anos de convívio, havia falecido.

Ele havia se acostumado com seu silêncio e olhares furtivos. Era uma sombra sempre presente. Mãe de seus quatro filhos, já adultos e criados, cada um em um canto do vasto mundo. A que vivia mais próximo era Marilda, numa cidade vizinha, São José Padroeiro. Mas não sentia falta dos filhos, nem tampouco de Maria. Fora gentil com ela, nunca a traiu nem deixou de apoiá-la, suprimindo suas necessidades materiais. Já o coração era seara que não dominava. Em seu íntimo, o que suspeitava experimentar era a falta de se achar ser vivente, como percebia ao olhar para ela: Joana. Sempre Joana, a que amou.

Engraçado, não deixava de ser, pensar nela justo nesse momento com os passos um pouco trôpegos, os cabelos enevoados, o corpo curvado pela labuta de anos sob o sol tórrido, recebendo a chuva, lufadas de vento, carregando inúmeros pesos, dia após dia. Mas era essa a realidade. Dentro de si não envelhecia. Era ele mesmo, Aparecido, idêntico ao rapaz que havia enlouquecido de amor pela moça Joana, a filha do dono da mercearia do Bairro das Flores, o mais próximo das terras que habitava, em zona rural.

Talvez ela houvesse sentido algo por ele, não sabia ao certo. Como ter certeza diante da distância da memória que o tempo nubla, à míngua de verbalização por parte dela? Sempre se perguntou se sua adoração não derivaria, em parte, da negativa da oportunidade ou do desafio que a proibição ensejam, uma típica obsessão. Mas após todo esse tempo, milênios transcorridos em sua alma morta e ressequida como a vastidão do território árido que seus olhos alcançavam para além das roças irrigadas, parcas se comparadas como eram no passado – nos tempos modernos muita gente havia deixado o campo para viver de auxílios governamentais ou aposentadorias dos idosos, tolerados por esse motivo nas casas que eles mesmos construíram – bem sabia, aquilo não era invenção. Era a sua capacidade de amar Joana. Apenas a amava e sentia uma saudade imensa de sua presença. O riso fácil. A voz suave. O jeito de colocar os cabelos atrás das orelhas.

Como estaria hoje? Certamente não era mais a menina graciosa, de quadris largos e busto firme, de cabelos ondulados castanhos na altura dos ombros e olhos que sorriam para ele quando o viam. Olhos que guardavam a luz do dia e tinham a profundidade dos poços escuros que salvam toda a gente quando calor não dá trégua alguma e tudo é morte, falta, fome. Para ele a ausência de Joana é que traduzia a aniquilação. Não conseguiu sequer pedi-la em namoro. Seu Ambrósio, o pai de Joana, ao perceber o interesse recíproco entre ambos e a verdadeira energia que emanavam como corpos magnéticos que teimam em se aproximar, não pestanejou e mandou a filha para São Paulo estudar e trabalhar com os tios, que eram feirantes. Sequer conseguiu localizar seu paradeiro. Aparecido era um Zé Ninguém. E homens assim eram desconsiderados do livreto que registrava a lista de pretendentes valorosos que o merceeiro certamente guardava no interior de alguma gaveta com a madeira empenada de sua escrivanhinha carcomida.

Naquela época telefone em casa era raridade, ainda mais onde vivia. Era pobre, do campo, não tinha estudo. Desmereceu-se tanto que não pode deixar de concordar com o pai de seu alvo de incontida estima. Inominável estima. Dor no peito sentida uma vida inteira de vazio, ausência, marasmo e triste solidão.

Casou com Maria porque os pais arranjaram. Não era bonita mas era honesta, trabalhava muito e não o perturbava. Era uma mulher quieta e sem graça. Mas talvez e só talvez o problema consistisse em Maria não ser Joana, nada além. Bem se lembra, Joana vibrava, conversava, contava anedotas, tinha alegria em existir e ele apenas desejava a sua companhia, ouvir sua voz e sentir o toque de suas mãos na face. Aquilo já era mágico. E não, não estava absolutamente em devaneio. Joana fazia com que Aparecido se sentisse à vontade, agindo com espontaneidade. Ela não era sombra. Ouvia o que ele falava e contava de si e o transcorrer de sua semana. Um pouco dos seus sonhos. Dizia que queria morar em uma cidade no litoral, mesmo que chovesse muito no inverno, porque levantar e olhar o oceano mesclado de azul e verde, ora brilhando como se tivesse estrelas alvas em seu corpo flutuante, ora acinzentado por mudar de humores, devia ser um luxo. Aparecido apenas lembrava o quanto queria dar àquela linda menina tudo o que ela ousasse imaginar. Claro, se assim conseguisse, mas a queria tanto, se tivesse a chance, talvez lograsse sucesso. Quem sabe fosse um político, por que não? Teria se esforçado para ser alguém na vida. Alguém diferente, se era isso o que contava para o pai de Joana e bem sabia, em sociedade o que valia era o dinheiro e o sucesso. Doutor com estudo seria difícil. Mas doutor por relacionamentos e condições financeiras, talvez.

Soube, meio por acaso, muitos anos depois de haver se casado com Maria e isso através de uma prima de Joana que encontrou na saída da igreja na missa dominical, que Joana havia se casado com um comerciante, lojista de tecidos, algo não tão diferente para Aparecido considerando que a atividade comercial já era o ramo de trabalho e sustento da família da moça. Na sua mente, para aquele homem perverso e ambicioso, o pai de Joana que a afastara para sempre do alcance de seus olhos mas não de seus sentimentos, a remessa da filha como mercadoria para São Paulo devia render, no mínimo, um dentista. Ou advogado. Médico, talvez. Só sabia que Joana foi o amor da sua existência e ainda era, em sua alma que não envelhecia e não a esquecia, como uma espécie contraditória de castigo e dádiva impostos, perenemente. Uma dor secreta e que não cedia. Não era a tristeza que o incomodava. Era na verdade o se conceber morto por dentro. Com Maria, saboreou sentimentos fraternais e de culpa por compreender sua incapacidade de amá-la como mulher.

Saiu de casa, após esgotar o conteúdo de um copo de água do filtro de barro, com frescor indissociado da transparência. Foi para a roça carpir pois o trabalho árduo haveria de lhe distrair e afastar o peso daquelas lembranças. Daquela saudade infinita. Após trabalhar mecanicamente, decidiu descansar na sombra do umbuzeiro. Uma lassidão gigantesca o abraçou. Sentou-se sob a sombra, escorando as costas no tronco da árvore. Fechou os olhos. E a imagem que surgiu à sua frente foi de Joana com um meio sorriso, encantada com o singelo buquê de flores brancas de angico que havia lhe ofertado, trinta anos antes, no último encontro que tiveram na praça pública próximo ao coreto, não distante da casa dela. Aparecido nunca mais tornou à rua em que Joana morava nem

frequentou o estabelecimento de sua família. Havia ouvido dizer que o irmão mais velho dela transformara a mercearia em um supermercado de bairro, bem-organizado e equipado, com uma padaria nos fundos do prédio comercial.

A noite foi difícil, salpicada de pesadelos repetitivos, com a mesma conotação de perda, abandono, rejeição. E o rosto de Joana. Seus lábios pintados com batom cor de rosa. Suas mãos delicadas e mornas. Saudade era o que sentia.

Acordou, como sempre, às cinco horas da manhã, ainda sob o manto da escuridão, ouvindo o galo cacarejar, afirmando sua autoridade sobre o território teimosamente. Passou o café, cozinhou batata doce e a engoliu com manteiga. Resolveu, de modo inusitado para si mesmo, levar-se para passear no final do dia na cidade, próximo à casa de Joana e da antiga mercearia. Era imprescindível encarar de frente os próprios cadáveres para se curar das dores que o atormentavam há tanto tempo. Pior do que já estava, pouco provável seria ficar.

Se viu meio apático defronte ao supermercado “Maravilha”, sucedâneo da primitiva mercearia do pai de Joana, de banho tomado, camisa limpa, calça cáqui que usava para ir à igreja e as botinas menos gastas, guardadas para ocasiões comemorativas, às 18:00 horas. Nem ele compreendia bem o que estaria fazendo ali, mas lhe pareceu imperioso o procedimento numa tentativa quase desesperada de estancar a saudade que lhe corroía por dentro. Estava absorto nesse pensamento quando uma voz conhecida, feminina, o chamou. Virou-se meio assustado, em direção ao som. Uma mulher de não mais de setenta anos com cabelos curtos, grisalhos, brincos perolados, vestido branco com flores coloridas, usando sandálias, ampliou os olhos sorridentes mirando os olhos dele. Era Joana.

Conversaram efusivamente, compartilhada a alegria do reencontro. Joana estava morando na cidade há dois anos, resolveu deixar o sudeste e retornar às origens para perto de sua mãe em idade bastante avançada, a fim de cuidar da mesma. Estava viúva, tinha dois filhos casados, três netos e estava muito feliz em ficar perto da família e dos amigos de sua mocidade pois sentia-se solitária morando em um apartamento na metrópole. Aparecido atualizou-a sobre os rumos de sua vida, a recente viuvez, os filhos e netos. E surpreendendo-se consigo mesmo, libertou as palavras que retinha em seu coração há tanto tempo.

— Que saudade de você, Joana! Eu não te disse mas sempre te amei.

Embora ela haja enrubescido levemente, apoderando-se da liberdade que a maturidade traz em não se pautar pela crítica alheia para assim experimentar a felicidade, respondeu:

— Eu também.

E os idosos sorriram um para o outro como se estivessem juntos há tempos imemoriais.

Não mais se separaram.



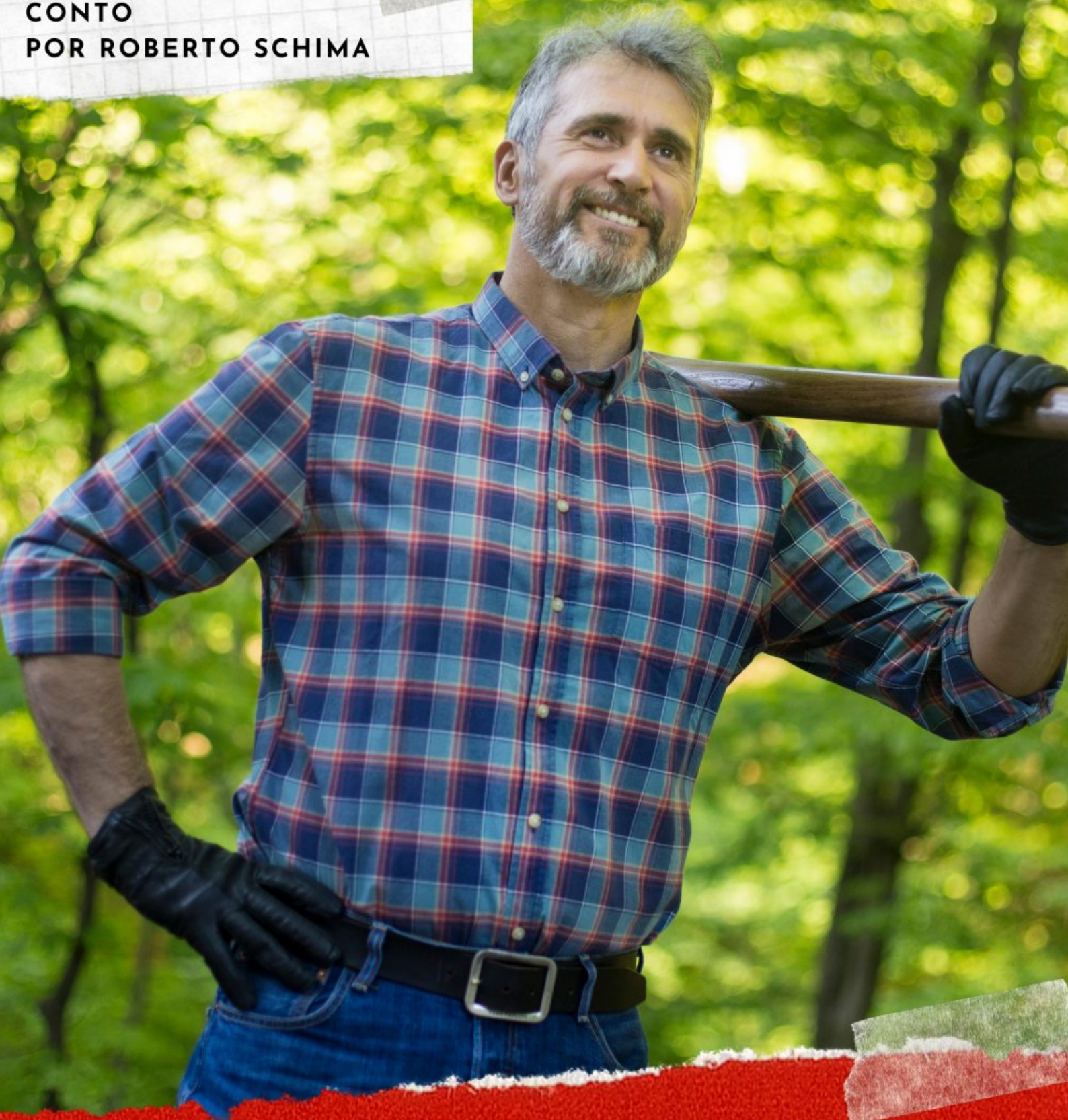
LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Juiza de Direito Titular I da 5ª Vara da Família e Sucessões do Foro Regional de Santana-São Paulo - Capital; Especialização em Direito de Família e Sucessões pela EPD – Escola Paulista de Direito em 2018 tendo frequentado diversos cursos de atualização em Direito de Família e Sucessões na EPM – Escola Paulista da Magistratura - bem como cursos e congressos do Instituto Brasileiro de Direito de Família-IBDFAM. Integra há 29 (vinte e nove) anos os quadros da magistratura paulista. Figurou como membro consultor da Comissão de Direito de Família e Sucessões da OAB-São Bernardo do Campo/SP com término em 2021. Em dezembro de 2021 lançou conto com informações jurídicas alusivas a violência doméstica e familiar denominado "Para Nossas Meninas", Editora Autografia, Rio de Janeiro. Colunista do jornal digital "Magis", sobre direito das mulheres. Lançou o romance "Para Nossas Meninas" (2021) pela editora Autografia, com informações jurídicas e diversas para auxiliar vítimas de violência doméstica.

E-mail: lucianasimonpleite@gmail.com

Rede Social: [@l.sleite](#) (Instagram)

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



PIRA-PIRA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Foi há muito tempo...

Algumas imagens ainda teimam em vir a minha mente, principalmente no silêncio da noite, quando a insônia se instala e, em meio à escuridão, os pensamentos vagam feito o vento sem destino certo, ora indo, ora vindo. E, quando vem, traz fragmentos lúcidos ou translúcidos como se de sonho fossem constituídos. Pergunto-me se aconteceu de verdade ou tudo não passou de fruto da imaginação da criança que um dia fui. Sem resposta, seus rastros deixam apenas a sensação de vazio e o irreprimível desejo de chorar.

Meu pai era lenhador.

Recordo-me pouco dele, exceto como um vulto gigante de machado na mão. Isso não é surpresa, pois, para as crianças, qualquer adulto era um gigante. Todavia, meu pai era de fato imenso. Eu sabia disso ao vê-lo junto a minha mãe. Embora ela também fosse gigante para mim, perto dele sua cabeça mal alcançava-lhe os ombros.

Lembro-me menos dos traços do rosto dele do que do cheiro que trazia: uma mistura de suor, serragem, mato, fumo de corda e terra molhada.

De vez em quando, eu tinha permissão de ir até a beira da floresta para — de uma distância segura — vê-lo trabalhar. Seu corpo era tão rijo quanto as árvores a sua volta. A lâmina do machado descrevia um longo arco e... *tum!* Chocava-se contra o tronco, fazendo lascas voarem. Depois, outro arco e *tum!* Novamente uma chuva de farpas. Uma cavidade clara ia crescendo no tronco escuro até que, momentos antes dos golpes derradeiros, meu pai carregava-me para uma distância segura e, de longe, eu via a imponente árvore tombar num estrondo amedrontador. A terra tremia e uma nuvem de folhas se erguia.

Assustado, desviava os olhos e punha-me a observar ao redor, atento aos insetos em suas atividades corriqueiras em meio a relva bruscamente interrompidas: besouros, formigas, abelhas, borboletas. Inspirava o vento e regozijava-me com o aroma do mato, da terra e das flores.

Mesmo sendo criança, percebia o recuo da floresta a medida em que dia após dia, semana após semana e mês após mês, meu pai e seus colegas prosseguiram a trabalhar.

— Por que o pai derruba as árvores? — perguntei certa feita a minha mãe.

— Pra poder ganhar dinheiro.

— Pra quê ganhar dinheiro?

— Pra pôr comida no prato — respondeu ela. — Agora chega. Veja, fiz pamonha.

Eu era só um pirralho sujo de terra, contudo, enquanto saboreava o doce, voltei meus olhos para fruteira e pensei comigo: como as árvores poderiam fornecer frutos depois de caídas?

Foi num dia quente de verão, enquanto observava o trabalho dos lenhadores que escutei aquilo.

Um silvo demorado vindo das profundezas da mata.

As folhagens se agitaram a sua passagem.

Os homens interromperam os movimentos das lâminas no ar. Ficaram quietos e inquietos. Alguns deles, incluindo meu pai, interromperam o serviço. Ele me pegou no colo e, durante o caminho de volta para casa na velha caminhonete, indaguei o que tinha sido aquele assobio.

— Curupira! — falou.

— Pira-pira?

— Curupira.

— Pira-pira!

Pedi maiores informações. Explicou-me, então, que era uma espécie de espírito da floresta. Surgia para atrapalhar seu serviço, fazer desaparecer as ferramentas, e, em alguns casos, até atraía as pessoas para dentro da mata, de onde não mais conseguiam encontrar o caminho de volta.

Se a intenção era me meter medo, teve sucesso. Todavia, refletindo agora, penso que meu temor foi menos por suas palavras do que pela aflição que eu vi nos olhos dele. Se algo podia amedrontar o gigante que meu pai era, o que poderia se dizer de uma criança?

Uma tarde, enquanto estava no quintal à sombra do abacateiro, escutei outra vez.

O silvo.

Vi a poeira do chão de terra batida subir em redemoinho.

Lembrei-me do semblante de meu pai e, num impulso, ergui-me do tronco onde estava sentado e me preparei para correr para dentro de casa e a segurança de meu quarto.

— Pira-pira! — gritei.

De repente, o vento parou, a poeira assentou e, vindo de lugar algum, percebi o menino.

Era um pouco mais alto do que eu, mais encorpado, todavia o que me chamou mais a atenção foram os seus cabelos. Possuíam um tom avermelhado. Até então, eu nunca vira alguém ruivo na vida. Fiquei intrigado.

Ele se aproximou e perguntou:

— Posso me sentar também?

Curioso e apanhado de surpresa, acenei que sim. E ali ficamos a conversar.

— Qual é o seu nome? — eu quis saber.

— Sombra gostosa faz a árvore.

De fato, era uma ótima sombra e vinha bem a calhar, pois o calor andava terrível.

— A árvore dá sombra, frutos e ar puro. Faz bem olhar para ela. Atrai os pássaros, as abelhas e as borboletas. É nossa amiga, você não acha?

Confirmei com um aceno de cabeça, mas ainda curioso sobre...

— Qual é o seu nome? — insisti.

— Pena que as pessoas não correspondam a essa amizade. As árvores estão desaparecendo — prosseguiu ele, ignorando minha pergunta. — Antigamente, tudo isso aqui era coberto pela floresta. Tinha muitos animais e plantas. A temperatura era

agradável. Até um rio corria aqui perto, agora, não existe mais. Consegue imaginar isso, como era?

Lancei um olhar ao redor. Havia a minha casa de taipa, meus cachorros, algumas galinhas, a horta, alguns pés de fruta, o milho, o varal cheio de roupas. Fora isso, era o campo, os morros despídos, o chão poeirento e o mato ressequido.

Foi difícil para mim pensar no sítio de um modo diferente como eu o avistava. Para mim, sempre fora daquele jeito. Falei:

— Quem é você? De onde vem?

A casa mais próxima ficava do outro lado do morro. Pertencia ao Seu Patrício, um mulato de cabelos grisalhos, pai de três crianças e dono de uma égua chamada Joventina.

Enfim, o menino se dignou a responder uma pergunta minha.

— Sou o protetor da floresta e dos animais.

Contou sobre a beleza da mata, das criaturas, dos riachos, das cachoeiras, das aves, das capivaras, dos felinos, das cobras.

Fiz uma careta à menção do réptil.

Ele colocou uma das mãos em meu ombro.

— Não fique assim, as serpentes têm sua função e são até bonitas de souber como vê-las.

Mencionou suas incursões pela floresta. Falou de grutas e cavernas, de rochedos e penhascos, da Lua e estrelas. Mencionou criaturas que eu acreditava existirem somente nas histórias dos mais velhos: sereias, sacis, boitatás, lobisomens e outros.

Por fim, pouco antes de ir embora, meio que por acaso, disse:

— Peça ao seu pai para não cortar mais árvores.

Fiz ar de sério e, apesar de não compreender direito o processo, repeti a explicação de minha mãe sobre árvores, comida e dinheiro.

O menino ruivo se agachou, tocou o solo com as mãos e falou:

— A terra é nossa mãe. Ela fornece tudo o que precisamos sem que as floresta tenham que ser destruída. Diga ao seu pai para não derrubar mais árvores.

E foi embora.

Contei aos meus pais sobre o estranho encontro que tivera.

Ficaram alarmados e meu pai foi o primeiro a se manifestar:

— Ele tinha os pés voltados para trás?

Não entendi a pergunta.

Através de gestos, mostrou-me como seriam.

Eu não soube responder. Foi curioso. Durante todo o tempo em que fiquei com o garoto sob a sombra do abacateiro, sequer me dei conta de reparar nos seus pés. Certamente, se fossem invertidos, teriam atraído de imediato a minha atenção.

Se eu não estranhei, meu pai sossegou.

— É um moleque qualquer — concluiu.

Falei do pedido do menino, para que parasse de cortar as árvores.

— Não me agrada o que faço, mas preciso ganhar a vida. É tudo o que sei fazer — justificou.

Um dia, meu pai saiu para o trabalho e nunca mais retornou. Outros lenhadores disseram tê-lo visto se embrenhar mata adentro, sem saber o motivo.

Buscas foram realizadas, porém, além do machado caído, nada mais descobriram.

Recordei-me do que ele me dissera: o Pira-pira fazia os homens se perderem na floresta.

Pensei no menino sem nome e soube que, de algum modo, era o responsável. Corri até o abacateiro e gritei por muito tempo:

— Pira-pira! Pira-pira! Devolve o papai!

Chorei bastante e, embora magoado, não consegui sentir raiva do Pira-pira, somente tristeza. Tristeza pela perda de meu pai, pelas árvores que caíam, pela floresta que sumia, pelas abelhas e borboletas que desapareciam. Concluí que, não obstante fosse o espírito protetor da floresta e dos animais, o Pira-pira era um só. E vinha perdendo a disputa para os lenhadores.

Sem opção, mamãe vendeu o sítio e nos mudamos para a cidade. Ademais, ela fazia questão de que eu estudasse a fim de ter uma vida melhor.

Assim, a casa, o campo, a floresta e seus mistérios ficaram para trás.

Cresci, tornei-me homem e um ecologista diplomado.

Não sou como o Pira-pira, mas tento fazer a minha parte: proteger o meio ambiente e ensinar as crianças a fazerem o mesmo.

É estranho que eu consiga me recordar das feições daquele garoto, da melancolia em seu rosto, mas em relação ao meu pai, perceba somente uma silhueta enorme e difusa.

Imaginação ou não, o sentimento de vazão é verdadeiro, a tristeza também.

No silêncio da noite, antigas imagens retornam e dou-me conta da saudade.

Do cheiro de meu pai.

Dos doces de minha mãe.

Da exuberância da floresta.

Das abelhas, aves e borboletas.

Até do menino de cabelos vermelhos.

ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com

o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre* de Ana Rosenrot e *Obook* de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e setenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

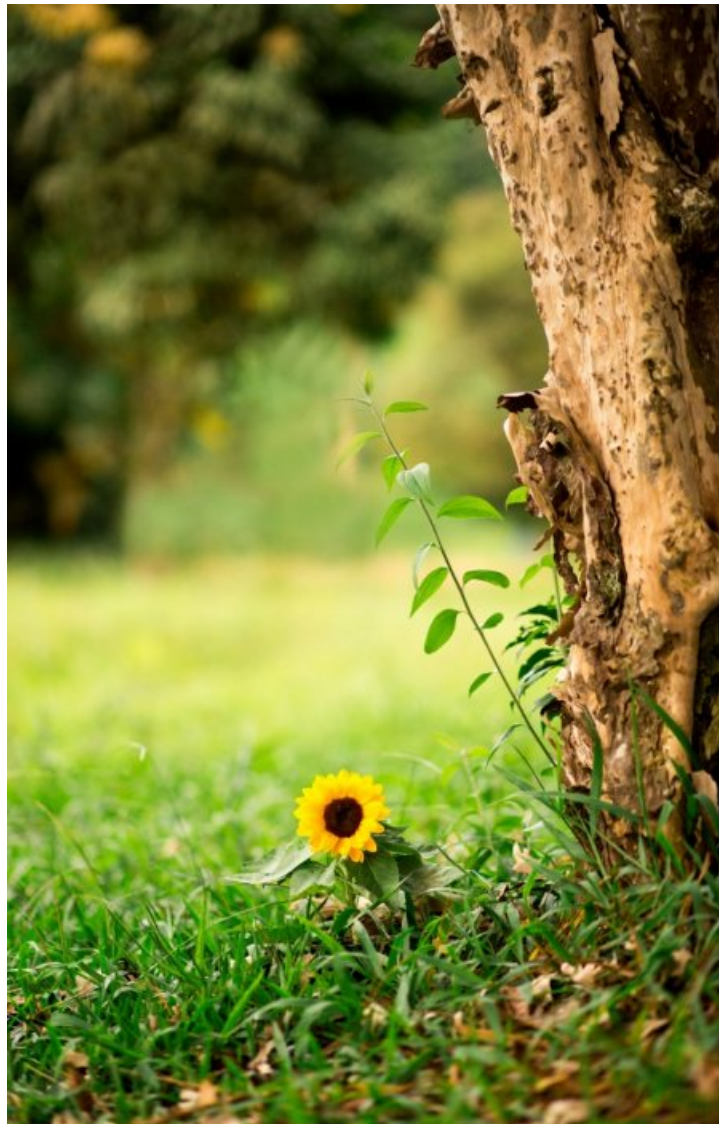
<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO

APARECIDA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Aparecida, nascida sob os escombros de uma humilde casa, sempre fora uma pessoa de muita fé, tamanha era essa força espiritual que a ajudava a combater os males de uma vida de muito trabalho e pouco dinheiro.

Em momentos únicos em sua pobreza monetária, a moça conhecera um homem, apaixonou-se perdidamente e entregara-se de corpo e alma, uma paixão daquelas que se vê em filmes e até achamos bobagem, assim aconteceu o amor na vida de Aparecida.

Radiante em seus vinte e dois anos de uma vida só de trabalho, sem uma trégua para mais nada, mesmo assim ainda conseguiu achar o amor, mesmo o sentimento acabando em tão curto tempo, Aparecida manteve a paixão acesa na esperança de que o homem de sua vida voltasse, o que nunca aconteceu.

Desonrada e com uma barriga em crescimento, a pobre moça tivera que deixar a casa dos pais, que não aceitaram a situação. Partiu então para uma moradia mais miserável ainda, levando consigo a fé infalível.

E quando o momento final do estágio em que traria ao mundo o seu herdeiro, percebeu que a hora chegara e solitária, sem ninguém a acolher, tentou ajuda, de uma situação que não tinha. Perdera tempo e não foi a um hospital, e desesperada começou a chorar e implorar pelo amor de Nossa Senhora, a mãe que nunca a abandonara em todos os seus momentos.

"Ó incomparável Senhora da Conceição Aparecida. Mãe de Deus, Rainha dos Anjos, Advogada dos pecadores, refúgio e consolação dos aflitos e atribulados, Virgem Santíssima cheia de poder e de bondade, lançai sobre nós um olhar favorável, para que sejamos socorridos por vós, em todas as necessidades em que nos acharmos."

E no poder da fé, de suas lágrimas e dos gritos, uma mulher apareceu em sua súplica, Aparecida que quase desfalecida encontrava-se sem saber o que fazer, foi acolhida nos braços "de um anjo", que enxugou suas lágrimas, a limpou e a preparou para o parto.

"Lembraí-vos, ó clementíssima Mãe Aparecida, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm a vós recorrido, invocado vosso santíssimo nome e implorado vossa singular proteção, fosse por vós abandonado. Animados com esta confiança, a vós recorreremos."

A mulher, a quem Aparecida nunca a tinha visto ali pelas redondezas, tinha a rapidez de uma profissional da saúde, com mãos ávidas foi conduzindo o nascimento de mais uma pobre alma a este mundo, para juntar-se à pobreza coletiva de anjos famintos entre os que estão à margem da sociedade.

Aparecida em momento de força, repetia incansavelmente palavras à Nossa Senhora, e a oração a fortalecia e abrandava a dor. E sob o comando da mulher, cuja luz do sol refletida em seu rosto por frinchas do barraco encobria a sua identidade.

— Força minha jovem, força! Repetia a mulher.

E assim, o seu pequeno tesouro foi sendo conduzido à luz deste mundo, guiado pela bondade de uma desconhecida, que o embalou em panos limpos e o deixou no aconchego de sua mãe Aparecida.

Entre lágrimas que escorriam de seu rosto a jovem estava feliz e num piscar de olhos, a doce mulher partira tão rápido como chegara. Aparecida em fervor, continua com a oração à sua salvadora.

“Tomamo-nos de hoje para sempre por nossa Mãe, nossa protetora, consolação e guia, esperança e luz na hora da morte. Livrai-nos de tudo o que possa ofender-vos e a vosso Santíssimo Filho, Jesus.

Preservai-nos de todos os perigos da alma e do corpo; dirigi-nos em todos os negócios espirituais e temporais. Livrai-nos da tentação do demônio, para que, trilhando o caminho da virtude, possamos um dia ver-vos e amar-vos na eterna glória, por todos os séculos dos séculos. Amém”.

E como ocorreu com os pescadores João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia ao encontrarem a imagem da santa no Rio Paraíba do Sul, em São Paulo, em 1717, história contada por diversas vezes na missão em louvor à Nossa Senhora, e que após a descoberta um dia ruim de pescaria encheu as redes dos pescadores com abundância em peixes, assim aconteceu com Aparecida, que trouxe seus pais arrependidos por tê-la expulsado de casa e moradores da redondeza, que a levaram a um hospital.

Era o milagre do dia 12 de outubro, Dia da Padroeira do Brasil, dia de glória para os seguidores da fé na bondade e na transformação do espírito.

Salve Nossa Senhora, ícone de todas as mães do Brasil.

Mães solteiras, mães casadas, mães separadas, mães divorciadas; mãe negra, branca, parda, amarela ou vermelha, já que mãe não tem cor e nem conceito porque mãe é mãe e ponto final!



Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicações: “Livro Negro dos Vampiros”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books.

Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/>

Contato: mirianssantos@gmail.com



Um presente da Revista Conexão Literatura



**Marcadores para
imprimir
e recortar!**



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO



**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2023

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+672 MIL +70 MIL + 4 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT




Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademirpascale@gmail.com

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura. TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 480 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.11.2023

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd